



ART /// IS /// TAS
G /// A /// I /// A ///
//////////////////// COOPERATIVA
//////////////////// CULTURAL C.R.L.



4^a BIE

INTERN

DE ART

2021



NAAL

17 abril
10 julho

ACIONAL

E GAIÁ

Quinta da Fiação
de Lever
Antiga Companhia
de Fiação de
Crestuma – CFC

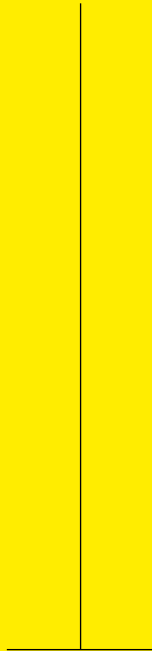


B 4 BIENAL
INTERNACIONAL
DE ARTE
GAIA
2021

TROFÉU

4ª BIENAL INTERNACIONAL
DE ARTE GAIA 2021

Autor
Agostinho Santos



Índice

- pág 10 Graça Fonseca
Ministra da Cultura
- pág 14 Eduardo Vítor Rodrigues
Presidente da Câmara Municipal
de Vila Nova de Gaia
- pág 16 Agostinho Santos
Diretor da Bienal
e Presidente da Direção de Artistas
de Gaia – Cooperativa Cultural
- pág 39 Artista Homenageado
Albuquerque Mendes
exposição antológica
Eu, Albuquerque Mendes
Curadoria Paula Pinto
- pág 49 Artista Homenageado
Paulo Neves
exposição antológica
Curadoria Manuela Hobler
- pág 59 Álvaro Siza e Carlos Castanheira
Novos orientes: A experiência de Ningbo
Curadoria Manuel de Novaes Cabral
- pág 69 Concurso internacional
- pág 155 Concurso Coronavírus não destrói
a criatividade
- pág 247 Novo Dicionário Covid
Curadoria António Rocha
- pág 255 Artistas convidados
Curadoria Agostinho Santos
- pág 381 Paz e Constituição
Curadoria Ilda Figueiredo
- pág 447 A democracia é uma obrigação
de todos os dias
Curadoria Valter Hugo Mãe

- pág 475 Vidas marcadas
Autor Jorge Marinho
- pág 489 Museu de Causas
/Coleções Agostinho Santos
Curadoria Humberto Nelson
- pág 517 Infinitude da luz
Curadoria Filipe Rodrigues
- pág 533 A importância de ser Ernesto
Curadoria Nazaré Álvares
- pág 547 Dondrigo
Autora Monica Faverio
- pág 551 As artes entre as letras
Curadoria Nassalete Miranda
- pág 561 Viarco
Curadoria José Vieira
- pág 571 Polo Alfândega da Fé
Curadoria Ana Margarida Duque
e António Franchini
- pág 587 Polo Esposende
Curadoria Jorge Braga
- pág 595 Polo Funchal
Curadoria Diogo Goes
- pág 607 Polo Gondomar
Curadoria Humberto Nelson
- pág 615 Polo Monção
Curadoria Ricardo de Campos
- pág 627 Polo Santa Marta de Penaguião
Curadoria Aida Borges
e Manuel Marques da Cruz
- pág 641 Polo Viana do Castelo
Curadoria Cipriano Oquiname
- pág 661 Polo Vila Flor
Curadoria Abílio Evaristo
e Miguel Sousa Pinto





a arte
a arte que
a arte que faz
a arte que faz bem
a arte que faz
a arte que
a arte
a arte que
a arte que faz
a arte que faz bem
a arte que faz
a arte que
a arte
a arte que
a arte que faz
a arte que faz bem
a arte que faz
a arte que
a arte

Fiar
o

futuro

A 4.^a Bienal Internacional de Arte Gaia, a mais jovem bienal de artes do país – organizada pela cooperativa cultural Artistas de Gaia com a colaboração da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia –, tem como estação principal, pelo segundo ano, a Quinta da Fiação de Lever, onde funcionou a antiga Companhia de Fiação de Crestuma fundada em 1854. Num cenário não convencional, de arqueologia industrial, não deixa de ser curiosa e feliz a coincidência de esta bienal se realizar num contexto cuja vocação primordial foi, em tempos idos, a fiação (de algodão e a produção de tecidos do mesmo). Esta ideia de ‘criar fios’ torna-se, assim, uma inevitável metáfora da urgência de estabelecer elos, de urdir ligações no seio do coletivo, de reforçar a empatia e incrementar a cooperação. Mas também da relevância de mantermos a disponibilidade para nos ‘fiarmos’ (numa outra aceção do termo) em causas comuns, para confiar no outro, para ser resiliente, para continuar a alimentar a esperança.

A edição de 2021 da Bienal tem vários ingredientes e novidades que não quero deixar de sublinhar com manifesto regozijo: é a maior de sempre em termos de espaço ocupado, conta pela primeira vez com o apoio financeiro do Ministério da Cultura através da Direção-Geral das Artes e revela-se profundamente atenta e alinhada com a atualidade através de múltiplas propostas artísticas que revelam um olhar criativo, diversificado, questionador e disruptivo sobre a realidade pandémica. Aliás, a dimensão política deste acontecimento cultural, através do enfoque nas temáticas sociais e secundarizando uma visão da arte pela arte em prol do agitar de consciências, revela-se um eixo absolutamente estruturante quando se observa o seu projeto programático.

Exposições como ‘Coronavírus não destrói a criatividade – reações e consequências’ (a partir de um desafio lançado em 2020) ou ‘Vidas marcadas – Jorge Marinho’ (sobre a violência doméstica) são alguns dos exemplos disso mesmo, abrangendo várias disciplinas e expressões artísticas como a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia e a cerâmica. A revisitação de temáticas como os sem abrigo, a corrupção, a guerra ou os refugiados afigura-se, assim, central para repensarmos as relações humanas, o poder, a guerra e a paz, a sobrevivência, a solidariedade – em suma, a democracia.

Transformar uma fase desafiante em que a incerteza tem marcado os dias num motivo de inspiração criativa e de reflexão crítica, como é o caso desta iniciativa da cooperativa Artistas de Gaia com o apoio inestimável do município de Vila Nova de Gaia, é, porventura, um dos atos mais revolucionários que podemos experimentar na atual conjuntura. E aqui destaco ainda exposições como 'Paz e a Constituição', uma coletiva com cerca de 60 artistas, com curadoria de Ilda Figueiredo, e 'Democracia é uma Obrigação de Todos os Dias', com curadoria de Valter Hugo Mãe e cruzando 25 visões de escritores e artistas plásticos na abordagem de 25 obras de abril.

Mas esta bienal também é feita de ondas e pontes, estimulando positivamente a continuidade temporal e a descentralização espacial de dinâmicas e processos de participação culturais. Contrariando a ideia de evento pontual sem reflexos e ecos pós-término ou de epicentro isolado que não amplie o seu espectro nem envolva ativamente outras latitudes e 'atores', a Bienal Internacional de Gaia garante uma efetiva vibração entre as suas edições através do projeto 'Onda Bienal', implementando um conjunto de atividades que são, de certo modo, uma antevisão/lançamento e uma alavanca experimental para a bienal vindoura. Por outro lado, privilegiando a ideia de que 'o longe é aqui' e, assim, uma maior democratização do acesso a conteúdos culturais em territórios mais periféricos, é de louvar o facto de esta Bienal apresentar oito polos expositivos (Alfândega da Fé, Esposende, Funchal, Gondomar, Monção, Santa Marta de Penaguião, Viana do Castelo, Vila Flor), levando assim a arte ao encontro das comunidades através de parcerias com autarquias, associações de artistas e outros grupos e instituições de proximidade, e dando também a oportunidade a criadores locais de, pela primeira vez, poderem participar num formato de bienal. Desta forma, constrói-se uma rede de cumplicidades e um ecossistema cultural relevantes que fomentam e aprofundam o trabalho colaborativo, o intercâmbio, a diversificação da oferta cultural.

Uma palavra também de apreço pelo facto de a Bienal propiciar momentos de encontro entre figuras já consagradas e criadores mais novos e emergentes, de que a exposição 'Artistas convidados', com curadoria de Agostinho Santos (mentor de todo este projeto), é um feliz exemplo. Gostaria ainda de saudar as duas

personalidades justamente homenageadas nesta edição, o artista plástico Albuquerque Mendes e o escultor Paulo Neves, e esta ideia de, através destes destaques autorais, poder divulgar-se ainda mais as suas reconhecidas obras mormente junto de um público mais generalista e menos familiarizado com a área das artes plásticas. Realço ainda a apresentação nesta Bienal dos trabalhos resultantes do já habitual concurso internacional lançado pela mesma, onde concorreram 212 artistas de 17 nacionalidades, o que é sintomático da crescente expressão internacional que este evento cultural-âncora vai adquirindo. A preocupação com a inclusão de um conjunto de atividades paralelas à programação expositiva, englobando ateliês, debates e entregas de prémios de arte, é igualmente um traço a relevar no programa da Bienal quando se pensa numa dimensão cada vez mais decisiva no plano das práticas artísticas: a inclusão-envolvimento através da implementação de estratégias de mediação de públicos.

Por fim, uma palavra sobre a arquitetura. Álvaro Siza Vieira afirmou uma vez que é preciso aprender a ver, não apenas a olhar, e é necessário encontrar o equilíbrio certo entre o controle da experiência espacial e uma liberdade para permitir que as coisas aconteçam. E, na realidade, o trabalho patenteado pela Bienal nesta edição não rasura essas ideias certas: a de uma organização que aprendeu a ver, em detalhe, na profundidade e na globalidade, o panorama artístico existente; mas também a de um conjunto de espíritos inquietos e livres que efetivamente concretizam, são proativos, fazem acontecer. Daí que a exposição 'Novos Orientes – Álvaro Siza e Carlos Castanheira', com curadoria de Manuel de Novaes Cabral, bem como a colaboração inédita da Bienal de Gaia com a Fundação de Serralves, sejam igualmente elementos incontornáveis nesta ambiciosa montra de arte contemporânea que tem vindo a consolidar o seu lugar no amplexo artístico nacional, com especial enfoque para a Área Metropolitana do Porto e o norte do país.

Que esta Bienal continue a laborar por longos anos e que muito fio seja fiado para nos 'vestir' de beleza, conhecimento e sentido crítico, nesta urdidura coletiva em que as artes desempenham um papel fundamental na reinvenção do presente e na construção do futuro. Continuemos a viver em voz alta, como preconizava Émile Zola ao falar do papel do artista, na certeza, utópica, de que tudo o que pudermos imaginar é real. E não será isso o que mais importa?

*Uma
Bienal
que já
está
no ADN
gaiense*

Eduardo Vítor Rodrigues
Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia

A Bienal Internacional de Arte de Gaia que, mais do que nossa, é de todo o Mundo, está de volta. São tempos difíceis, únicos e cautelosos, mas a arte tem de ser salvaguardada. Com todas as medidas de segurança, a quarta edição de um evento que já faz parte do ADN gaiense vai avançar, pela primeira vez com o apoio da Direção-Geral das Artes, o que muito nos orgulha. É o reconhecimento de um trajeto iniciado há muitos anos e que tem procurado estreitar as relações entre os artistas, levar a Gaia grandes nomes do panorama artístico nacional e internacional e habituar o público da Área Metropolitana do Porto e da região Norte a um calendário contínuo de exposições.

Por tudo isto, é permanentemente justificada a continuação desta iniciativa em parceria com a Artistas de Gaia – Cooperativa Cultural (CRL), em prol da promoção de artistas e das artes através de diferentes formas, no Município de Vila Nova de Gaia. A situação pandémica atual “inspirou” centenas de artistas e, durante três meses – repito, com toda a segurança – todos os interessados poderão conhecer o resultado deste minucioso e apaixonante trabalho ao longo de três pavilhões da antiga Companhia de Fiação de Crestuma, em Lever. É, uma vez mais, uma aposta acertada na descentralização da arte, à semelhança do que aconteceu na última edição. É, uma vez mais, uma viagem sem-par pelo que de melhor se fez, nos últimos tempos, na pintura, escultura, desenho, fotografia e cerâmica.

A Bienal é ainda feita de homenagens, de momentos de agradecimento aos artistas que deixam a sua marca em cada um de nós, o seu público. Albuquerque Mendes é um daqueles artistas que dispensam apresentações. Com um percurso solidificado e notável, o artista plástico e pintor é, hoje, uma das figuras mais ativas e singulares nas artes portuguesas. Por sua vez, Paulo Neves é um nome incontornável da escultura nacional e internacional. Estados Unidos, Austrália, Espanha, Bélgica ou Brasil são alguns dos países já muito familiarizados com este nome e é, por isso, um orgulho para Gaia poder dedicar-lhe um espaço de homenagem.

Num momento tão particular, a arte continua a colorir os nossos dias, mas só fará sentido se for apreciada pelos nossos olhos e pela nossa presença. A 4.^a edição da Bienal Internacional de Arte de Gaia está à vossa espera. Garanto-vos que valerá a pena!

*Despertar
consciências
e reafirmar
o poder
da Arte para
mudar os males
que vão pelo
Mundo*

Agostinho Santos

Diretor da Bienal Internacional de Arte de Gaia

A 4ª Bienal Internacional de Arte Gaia 2021 corresponde, significativamente, a mais um outro patamar alcançado, mais um degrau percorrido na meta do desenvolvimento e da divulgação da arte contemporânea no Município de Vila Nova de Gaia, na Área Metropolitana do Porto, na Região Norte e no País em geral.

Esta edição, desta já conhecida e reafirmada Bienal de Causas, traduz-se, indiscutivelmente, em mais um avanço, um desafio para a reafirmação do Município de Vila Nova de Gaia como Cidade das Artes e igualmente mais um passo forte na internacionalização deste nosso grande evento, que conta a participação de 500 artistas oriundos de 17 países, englobando cerca de duas mil obras, que poderão ser vistas e admiradas, quer em Gaia, quer em mais outros oito municípios.

A Bienal Internacional de Arte Gaia, que este ano homenageia o pintor Albuquerque Mendes e o escultor Paulo Neves e evoca Álvaro Siza e Carlos Castanheira, está a ser assumidamente construída passo a passo, espaço a espaço, obra a obra, e assente no espírito de uma vasta equipa trabalhadora, motivada e dinâmica, que sonhou e concretizou um sonho que é a realização de uma iniciativa deste género, diversificada e com qualidade, fazendo jus às tradições históricas e artísticas do município de Vila Nova de Gaia. Simultaneamente incentiva, apoia e divulga o trabalho de todos os que se dedicam ao exercício das artes plásticas.

É um sonho, que agora é real, e que se enraíza num projeto que só foi possível corporizar com o apoio imprescindível da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, liderada pelo seu presidente, Eduardo Vítor Rodrigues e que a partir desta edição conta com o apoio do Ministério da Cultura e da Dgartes. Encaramos estes apoios, estes incentivos, como um reconhecimento de todo o trabalho até agora produzido, como é visível no texto da ministra da Cultura, Graça Fonseca, neste mesmo catálogo.

Temos a ambição de querer continuar, por isso apostamos cada vez mais na qualidade, na criatividade e na contemporaneidade, e pretendemos trabalhar para que o nosso projeto seja um forte e intenso contributo para o avanço e divulgação da contemporaneidade. Mas que o consigamos fazer numa vertente de forte temática interventiva, alicerçada nas preocupações e nos dramas sociais que inquietam e desesperam toda uma comunidade – local, nacional ou internacional – que tem a ver com o flagelo da guerra, da fome,

da corrupção, do desemprego, das doenças, das questões dos refugiados e muitas outras situações injustas a que é, obrigatoriamente, necessário pôr um ponto final.

Esta bienal, convém não esquecer, não é uma bienal qualquer para mostrar o "bonitinho" e o agradável aos olhos de todos. É uma iniciativa que se preocupa com os outros, com Todos e, por isso, só é possível reforçá-la se continuar a contar com o esforço e trabalho de todos, o que, para já, temos conseguido, felizmente. Queremos alertar e despertar as consciências e as mentalidades, com o objetivo de reafirmar o poder da arte para mudar os males que vão pelo mundo.

O nosso muito obrigado a todos os que nos apoiam, que nos incentivam, em particular aos governantes, autarcas, curadores, artistas, ao nosso público e a todos os que são sensíveis à arte, à arte de causas.



**4ª BIENAL INTERNACIONAL
DE ARTE GAIA 2021**





IB
INSTITUTO
BENEFICENTE
DE CULTURA
E ARTES
DE SÃO PAULO

ARTISTAS
CENÓTIPO



IB
BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
GAIA
2021

recepção

IB
BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
GAIA
2021

para a
Constituição

IB
BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
GAIA
2021

IB
BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE
GAIA
2021



AB

FESTIVAL
INTERNA
CIONAL
AZUL
GAIA

audi
tório



4^{ta} BIENAL
INTERNACIONAL
DE ARTE
GAIA 2021

IB
BIENAL
INTERNACIONAL
DE ARTE
GAIA
2021











CORONAVÍRUS NÃO D
A CRIATIV

DESTROÍ
VIDADE













NOVOS ORIENTES

CULOS CASTAÑERA



A EXPERIENCIA DE SONORO
DISEÑOS PROYECTOS NA CHINA



IB
El Espacio como
Punto de
Vista
de la
Arquitectura
del Siglo XX
y XXI
del Museo de Arte
Contemporáneo de
Barcelona

Artistas homenageados

Albuquerque Mendes

Artista homenageado

exposição antológica

EU, Albuquerque Mendes

Paulo Neves

Artista homenageado

exposição antológica

Evocação

Álvaro Siza

e Carlos Castanheira

Novos orientes: a experiência de Ningbo

MoAE – Museum of Art Education,
em Huamao (Ningbo, China)



Albuquerque Mendes

Artista homenageado
exposição antológica

EU, Albuquerque Mendes



Curadoria

PAULA PINTO

Colaboração da Fundação de Serralves

Eu, ALBUQUERQUE MENDES

Olhar retrospectivamente a obra deste artista que cumpre cinquenta anos de actividade pode bem obrigar ao exercício de fechar os olhos para ver. Conhecer melhor o seu percurso artístico implica sermos capazes de nos adaptar ao seu imaginário e não tentar que este se ajuste ao que identificamos e reconhecemos. Sem limites pré-estabelecidos para o seu campo criativo, Albuquerque Mendes (Trancoso, 1953) recombina livremente a sua história para esta exposição, literalmente expondo-a como um novo quadro. Em vez de procurar restaurar o significado da sua linguagem – que vive de associações e interferências locais e globais –, reconstrói performaticamente o seu percurso como uma enorme colagem, ideia a que, se fecharmos os olhos, imediatamente associamos a sua obra.

Albuquerque Mendes desenvolveu formas de expressão artística mais tradicionais como a pintura, o desenho, a cerâmica ou a colagem a par da arte postal ou da performance, que acompanhou todo o seu percurso e de que é um pioneiro em Portugal. Umas formas de expressão influenciam as outras e recombina-se. As suas exposições são instalações, a pintura é teatral e performática, as colagens improvisam ou restabelecem associações proibidas e os rituais são liturgias da pintura que abrem o seu fórum para o espaço público. Como artista autodidata, chega às artes não através de

uma aprendizagem centrada na técnica, própria da tradição disciplinar mais académica do ensino das Belas-Artes, mas tendo como ponto de partida o trabalho colectivo e os exercícios participativos desenvolvidos no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Também o contexto contestatário estudantil de Coimbra e a liberdade celebrada pela revolução de 1974 lhe permitiram expandir o campo fechado da História da Arte.

A obra de Albuquerque Mendes atravessa livremente referências populares e eruditas, desfazendo fronteiras entre a iconografia religiosa, os álbuns com ilustrações luxuosas de Arte, revistas eróticas ou os descartáveis folhetos de propaganda publicitária. A sua obra é uma grande colagem onde diferentes materiais se contaminam, destabilizando diálogos pré-existentes e provocando a distorção de sentidos. É evidente a referência a vários movimentos artísticos diferenciados, do cubismo ao paisagismo romântico ou da badpainting ao Fluxus, são explícitas as homenagens a artistas como Marcel Duchamp ou Joseph Beuys, são invocados actores de cinema e figuras anónimas, como são sinalizadas referências formais ou materiais mais ou menos óbvias. Mesmo atraindo-nos para os pormenores, existem sempre saídas para o campo infinito do imaginário, composto por outras imagens e suas múltiplas referências. A colagem é permeável ao transito de imagens de diferentes culturas e meios, à reutilização de produtos e materiais e à recontextualização de significados.

E o uso caleidoscópico com que trata algumas fotografias reforça visualmente esse princípio operativo da liberdade sem fronteiras e da vertigem da colagem. Não existem limites para o material de base, mesmo quando ele é determinado pelas obras da coleção da Fundação de Serralves, com que organizámos esta exposição para a Bienal Internacional de Arte de Gaia.

Apesar de confessar a sua admiração pelas imagens, Albuquerque não é um colecionador nem se preocupa com a sua filiação. Entre os incontáveis auto-retratos e o universo de outras imagens que eles nos devolvem, percebemos esta espécie de dicionário de ideias recolhidas, que só acontece dentro da imagem. Lembrem-nos que, como nos sonhos, por vezes temos que fechar os olhos para que os desejos e as ideias possam ganhar forma. As colagens permitem-lhe evocar um passado heterogéneo e anacrónico, ligar a história com outros futuros possíveis e alimentar um Eu inquieto.



Paula Pinto

Não te quero aqui
Sem data
Acrílico sobre tela
40 x 50 cm

Catálogo, 1998
Tinta acrílica e colagem sobre tela
31 x 36,5 cm
Col. Fundação de Serralves
Museu de Arte Contemporânea, Porto

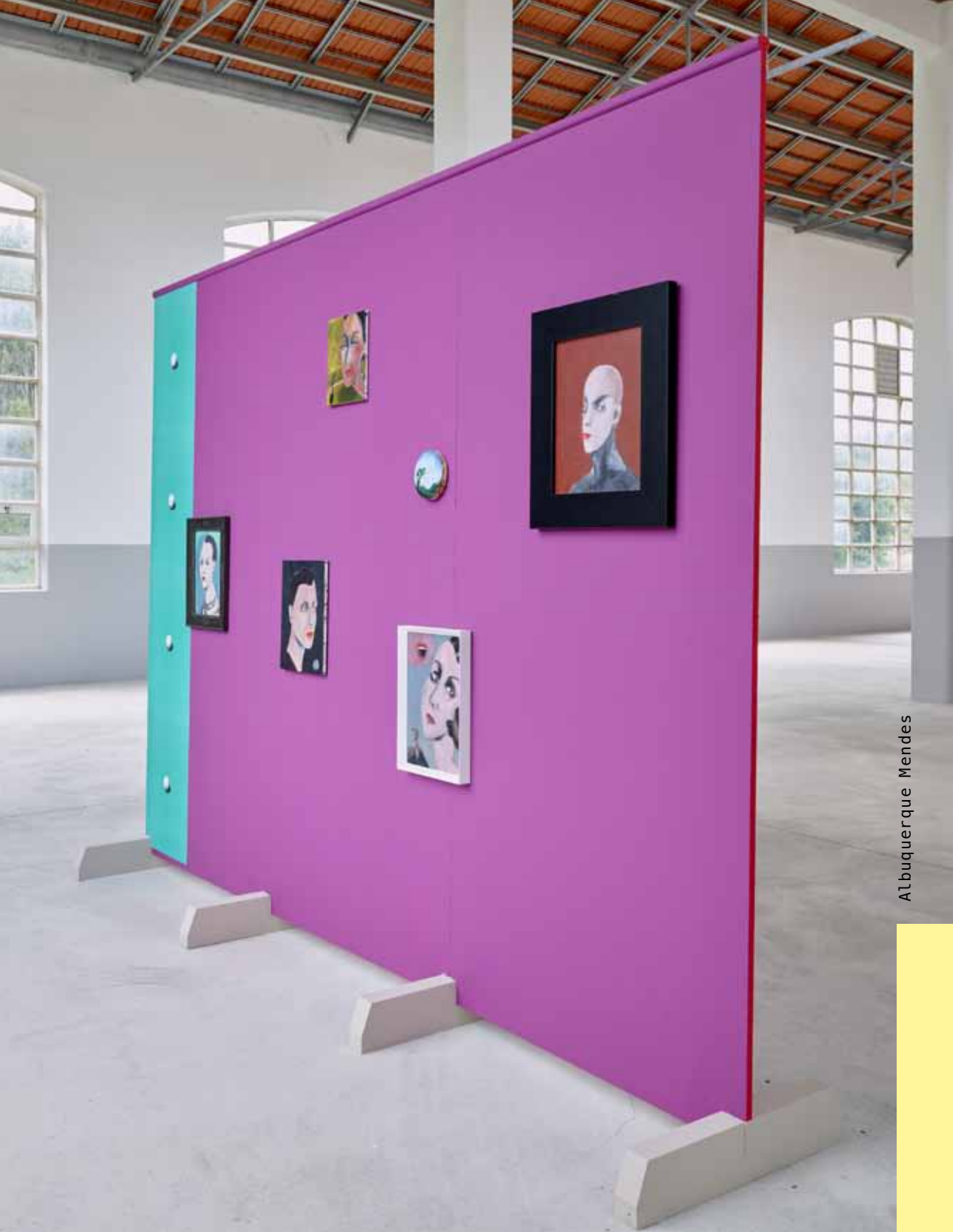
Sem título, da série Ooparte, 2017
Acrílico sobre tela
69 x 49 cm













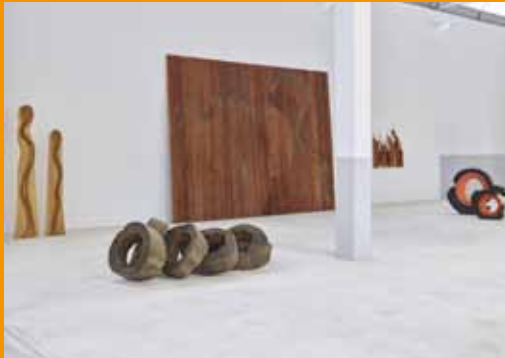




Paulo Neves

Artista homenageado

exposição antológica



Curadoria
MANUELA HOBLER

Trabalhos públicos em granito e mármore do escultor Paulo Neves encontramos em muitos lugares em Portugal e no estrangeiro. Ele deixa a sua marca inconfundível em praias, praças, retundas e parques, mas especialmente, obras para espaços espirituais como capelas, igrejas, seminários ou cemitérios revelam a sua sensibilidade única.

O convite da Bienal de Gaia para uma exposição de obras em madeira permite um olhar mais íntimo ao trabalho do Paulo Neves durante os últimos 4 décadas.

Paulo Neves segue, desde o início da sua carreira, uma linguagem pessoal e inconfundível e percorre um caminho que está enraizado na tradição antiga da escultura. A sua obra nasce de uma espiritualidade profunda, de respeito e amor pela natureza e da procura de pureza e harmonia.

Os primeiros trabalhos nasceram de pedaços de lenha e a madeira ficou até hoje o material de eleição para a criação da sua obra. Na infinita riqueza que a natureza cria e no íntimo dos seus valores puros, Paulo Neves encontra inspiração e um prazer enorme em descobrir a memória única de cada árvore; as marcas do tempo, textura, cor e cheiro e de a transformar em objetos autónomos.

A partir de meados dos anos 80, caras estilizadas e andróginas surgem regularmente na obra de Paulo Neves, elas reve-

lam-se em formas e materiais variados e tornam por a obra do Paulo Neves distinta. Algumas esculturas com uma postura apumada e impressionante, outras pequenas e íntimas sugerem uma impressão específica que está profundamente ancorada na cultura cristã. São obras com uma aura silenciosa de seres celestes; anjos, santos, guardas que saem da mão do artista e parece que tocam uma corda perto da nossa alma.

A série "Nascimento e Morte" data de 1990. Esculturas escuras, presas à terra, como berços de madeira, guardam no seu interior sinais de nova vida. A morte revela-se nestas obras como um doce abraço e um ventre fértil e seguro. As criaturas estilizadas e embrionais prometem esperança e estão simultaneamente presas ao destino fatal da mortalidade. Estes trabalhos impressionaram-me desde sempre, porque o jovem artista criou obras que reuniam forma, matéria e conteúdo, numa matura espiritualidade.

Um outro elemento importante na obra de Paulo Neves encontra-se na forma da espiral ou dos círculos concêntricos. No seu trabalho, a espiral não parece ser apenas um símbolo místico e ancestral com um magnetismo mágico e universal. Antes esta forma de gestos repetitivos conduz à reflexão e meditação. Com convicção, as espirais marcam pedras, madeiras, papéis e paredes ou sobem em colunas altas e torcidas. Neste aceno, o artista põe muito rigor e cuidado, num

ritmo constante e doce, similar ao pulsar do coração ou às vagas suaves do mar.

No ano 2005 Paulo Neves partiu do gesto circular da espiral e criou a primeira série de "Rodas". Este tema foi aprofundado e reinterpretado em outros materiais e séries como "Ninhos" ou "Anéis", um trabalho muito marcante e extensivo que nasceu duma faia centenária que secou naturalmente na cidade de Gaia em 2015. Nestas esculturas, a forma, a estrutura e a matéria ganharam importância e a interpretação espiritual ficou oculta.

Para as esculturas "Ocos" e "Bio-Grafiás", Paulo Neves, procurou uma nova confrontação com a matéria prima e trabalhou-a com muito respeito e cuidado. A madeira dos troncos de castanheiros envelhecidos e ocos está em contraste vivo com o trabalho formal no corte, no ritmo e na coloração, unindo-se com mestria em obras tensas e igualmente harmónicas. Estas obras são pura forma, bastam-se a si mesmos e não precisam de nenhum conteúdo. A combinação da inconfundível mão da natureza com a intervenção inteligente e sensível do artista tornam estas esculturas em mais uma referência na obra do Paulo Neves.

Durante o seu percurso, Paulo Neves, seguiu um progresso artístico prudente mas constante e certificou-se bem dos fundamentos do seu trabalho antes de construir sobre eles. O artista estabeleceu uma escrita distinta que o permite defen-

der o seu lugar no contexto da arte contemporânea, pelo facto de criar e desenvolver uma forma híbrida de expressão artística, que une percepção global, a cultura local e pessoal.

Manuela Hobler

















NOVOS ORIENTES

Joseph Beuys | 1961 | 1962

Álvaro Siza e Carlos Castanheira

Novos orientes:
A experiência de Ningbo

MoAE – Museum of Art Education,
em Huamao (Ningbo, China)



Curadoria

MANUEL DE NOVAES CABRAL

Colaboração da Fundação de Serralves

Quando a obra dos melhores mestres está terminada, o povo diz: fomos nós que a fizemos.
(Lao Tsé, séc. VI a.c.?)

Felizmente, temos hoje a oportunidade de visitar esta obra magnífica de Álvaro Siza e Carlos Castanheira, o MoAE – Huamao Museum of Art Education, num tempo estranho que vivemos, de confinamento a nossas casas. Agradeçamos, pois, a liberdade intelectual que nos é oferecida pelo director da 4ª Bienal Internacional de Gaia, Agostinho Santos e pelos artistas-arquitectos-autores.

Nesta nossa visita podemos sentir a falta do olhar imerso na realidade, da sensação húmida do clima sub-tropical, da imensidão dos rios e dos lagos, do especial recorte das colinas, dos aromas e dos sabores, da sensação da presença e da companhia do outro. Mas ganhamos seguramente com os detalhes do desenho, do projecto e das maquetes e, sobretudo, com o sobrevoo que só a imaginação permite.

Uma visita sem aeroportos nem multidões. Sem pernoitas desenraizadas. Mas com alma.

Uma paisagem. Um espaço.

Um traço no papel. A vida a nascer da ponta de um lápis afiado.

A dimensão do homem a medir-se com o imóvel construído. O movimento das pessoas. As obras de arte do MoAE a ganharem força, expostas num edifício que lembra uma caixa de joias, ele próprio uma obra de arte.

O reino da simplicidade erudita. A mestria da luz. A pureza do branco a dar

espaço ao jogo vivo da luz e da sombra. Num museu em que, mesmo quando estamos em companhia, podemos beneficiar da nossa solidão.

O edifício flutua, permitindo sábias entradas de luz, pela base e pelo tecto.

Um edifício contido, não obstante os seus átrios majestosos – sempre com a dimensão do homem como medida.

Ningbo significa onda serena. Onda serena poderia ser o nome desta construção, que tem o mar e a água como intermediários entre os seus autores e os seus destinatários.

Ningbo, cidade portuária coeva de Lao Tsé, encontro de culturas sínica, árabe, judaica e cristã, a que os portugueses trouxeram também o seu contributo.

Ningbo, cidade a que João de Barros, nas suas Décadas da Ásia, chama Liampó, tal como Fernão Mendes Pinto, na sua Peregrinação – beneficiando agora de um novo edifício que, qual quilha de navio que chegou atrasado, disperso por borrasca da frota quinhentista, ondula na paisagem, ufano, no seu invólucro prateado.

Ningbo, cidade agora ainda mais marcada pelo diálogo intercultural que este projecto significa, em complemento do passado e prenúncio de novos futuros em construção.

Este projecto é a prova de que também com betão, um betão subtil e culto, se constrói a hodierna Rota da Seda!

Manuel de Novaes Cabral





Fotografia de viagem de Álvaro Siza e Carlos Castanheira ao Lago Donqian em Ningbo, China.



Fotografia aérea do MoAE – © HouPictures (em cima à esq.)
Esquisso do edifício do MoAE da autoria de Álvaro Siza (em cima à dir.)

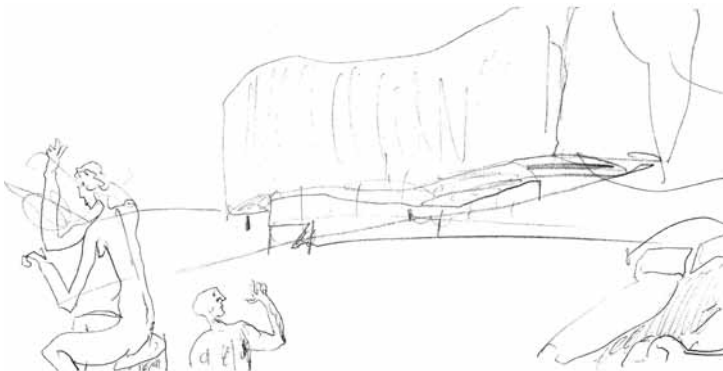
“(…) É propósito fundamental participar numa relação de convivência com a paisagem natural e com as construções existentes e planeadas, mantendo o protagonismo próprio de um edifício de carácter público e cultural.” – AS

**“(…) Encostado à Colina levita do terreno e ondula na forma.
Intriga de elegância e de mistério.
Nada é óbvio neste pequeno edifício.” – CC**



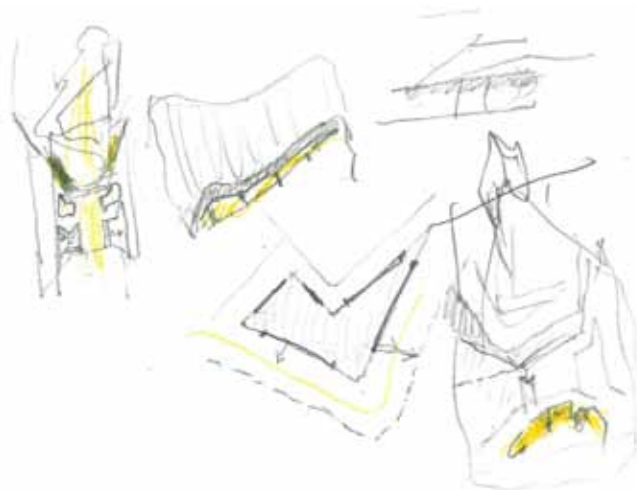
Fotografia do edifício do MoAE – © HouPictures

Esquisso do edifício do MoAE da autoria de Álvaro Siza



“O edifício, revestido a chapa ondulada de alumínio, surge escuro na paisagem. A sua imagem transforma-se constantemente, do negro ao prateado, conforme a incidência da luz e o ângulo de visão.” – AS

“(…) Um Museu tem que ter uma Alma Grande. Não importa o tamanho.” – CC



Esquisso do edifício do MoAE da autoria de Álvaro Siza

“(…) O interior é um exercício em torno da luz, captada plenamente no pátio interior e a partir daí distribuída pelos espaços que a rodeiam, progressivamente menos intensa. (…)” – AS



Fotografias das rampas interiores do MoAE – © HouPictures

“(…) A iluminação controlada e apropriada dos diferentes espaços expositivos utiliza tubos luminosos, suspensos horizontal ou verticalmente, conforme conveniente a cada um. (…)” – AS

“(…) Esta diversidade de percurso e da interligação do espaço faz com que este pequeno edifício seja enorme no seu interior. (...)” – CC



Esquisso de estudo das rampas interiores do MoAE da autoria de Álvaro Siza



Fotografia do lobby do MoAE – © HouPictures

“No interior a calma introspectiva nos espaços expositivos contrasta com os movimentos dos visitantes a circulararem no enorme vazio. A dinâmica é ensino pela Arte.” – CC

Fotografia de uma sala de exposição do MoAE – © HouPictures





Fotografia de sessão de trabalho sobre o projecto Dongqian Lake Club Houses

**MoAE – Huamao Museum of Art and Education
2014-2020**

Arquitectos : Álvaro Siza e Carlos Castanheira
 Gabinete em Portugal: CC&CB, Arquitectos, Lda.
 Coordenador do Projecto:
 1ª Fase – (Estudo Prévio) – Luís Reis, Elisabete Queirós,
 Pedro Carvalho
 2ª Fase – (Projecto de Execução) – Pedro Carvalho
 Equipa de Projecto:
 Jorge Santos, Joana Soeiro, Sara Pinto, Susana Oliveira,
 Francesca Tiri, Rita Ferreira, Diana Vasconcelos,
 Inês Bastos. Luísa Felizardo
 3d models and renderings:
 Germano Vieira, Sara Noronha
 Consultores em Portugal:
 Desenho de luz:
 Alexandre Martins – GPIC
 Engenharia acústica:
 Filipe Andrade Santos
 Parceiros Locais:
 Consultores em Ningbo:
 Zhejiang Huazhi Architecture Design Ltd
 Supervisão Local:
 Chunyi Liu, Architect
 Gabinete em Ningbo:
 Design institute of Landscape & Architecture
 – China Academy of Art
 Engenharias:
 Hangzhou MJP Mechanical & Electrical
 Design Consultant Ltd
 Construtor:
 Zhejiang Wanhua Construction Ltd

Créditos fotográficos:

©HouPictures
 Maquete final:
 Escala Reduzida

**Dongqian Lake Club Houses
2014 – em construção**

Arquitectos: Álvaro Siza e Carlos Castanheira
 Gabinete em Portugal: CC&CB, Arquitectos, Lda.
 Coordenadores do Projecto:
 Luís Reis (Estudo Prévio, Desenhos de construção)
 Nuno Campos (revisão de projecto)
 Pedro carvalho
 Equipa de Projecto:
 Elisabete Queirós, Isabel Carvalho, Nuno Campos,
 Simon Liu, Rita Saturnino, Sara Pinto,
 Diana Vasconcelos, Rita Ferreira, Sara Franco,
 Stefano Dettori, Francesca Tiri, Erika Musci,
 Susana Oliveira, Sofia Conceição, Inês Bastos.
 3d models/renderers:
 Pedro Afonso
 Gabinete em Ningbo:
 Design institute of Landscape & Architecture
 – China Academy of Art.
 Zhejiang Huazhi Architecture Design Ltd.

Equipa de exposição / Layout:
 Carlos Castanheira
 Pedro Carvalho
 Nuno Campos
 Sara Cabral

Assistente/Secretariado:
 Alexandra Gandra



Concurso internacional

Júri

AGOSTINHO SANTOS

ANTÓNIO FRANCHINI

FILIFE RODRIGUES

HELENA FORTUNATO

NAZARÉ ÁLVARES

RUI DA GRAÇA

VALTER HUGO MÃE

Abel Barros
Adelaide Moreira
Alzira Relvas
Ana Pinho
Analice Campos
Andrea Torres
Ángela Fonseca
Angélica da Costa Ramos
Antonieta Martinho
António Monteiro
Cândida Cunha
Cassandra Pereira
Cécile Hadj-Hassan
Clara Leitão
Conceição Tavares
Cris D. K.
Cristina Henriques
Daniel Africano
Danilson Fernandes
Diana Correia
Domingos Júnior
Dulce Cariano
Engrácia Cardoso
Fernanda Felícia
Fernanda Lima
Francisco Badilla
Gina Marrinhas
Hélia Aluai

Idalina Rosa
Iolanda Magalhães
Isabel Babo
Jaime Azedo (Odeza)
Jéssica Burrinha
Joana Moura Neves
Joana Pedro
Joana Pitta
João C. Gomes
João Macedo
Joaquim Filipe
Joaquim S. Marques
Jorge Braga
Jos van den Hoogen
José Alberto Mar
José João
José van den Hoogen
Juliana Ribeiro
Júlio Cunha
Lauren Maganete
Lina Carvalho
Luís Delgado
Luísa Gouveia
Luísa S. Ferreira
Marcia Ruberti
Maria Luísa Capela
Maria Manuela Ducla Soares
Marianne Pradier

Marie-Ange Giaquinto
Marília Leitão
Meireles de Pinho
Mónica Oliveira
Norberto d'Abreu
Nuno Cordeiro
Octávio Alves
Odete Pinheiro
Oskar Romo
Paulo Pereira (Paper)
Pedro Cunha
Rafael Ibarra
Raquel Felgueiras
Raúl Ferreira
Rebeca Lar
Rita Gonçalves
Romas Tauras Viesulas
Ruth Lee
Sandra Borges
Sérgio d'Azeredo
Sofia Mourão Simões
Teresa Rodrigues
Teresa Timóteo
Tito Chambino
Vitor Malva
Zornitsa Halacheva (Zory)

Prémios
Concurso internacional
4ª Bienal Internacional
de Arte Gaia 2021

Grande Prémio da Bienal
Câmara Municipal de Gaia

LINA CARVALHO

Prémio de Escultura Zulmiro de Carvalho
Câmara Municipal de Gondomar

JORGE BRAGA

Prémio Águas de Gaia

TERESA RODRIGUES

Menções Honrosas

DOMINGOS JÚNIOR

FRANCISCO BADILLA

JÉSSICA BURRINHA

JOSÉ JOÃO

JÚLIO CUNHA

PEDRO CUNHA

Abel Barros



Farrapos de chuva
Fotografia
40 x 50 cm

Adelaide Moreira



Amores, 2020
Caneta sobre papel
44 x 64 cm

Alzira Relvas



Espaço no tempo, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 80 cm

Ana Pinho



Godot (Estragon and Pozzo), 2020/2021
Técnica mista sobre tela (óleo, pigmentos,
grafite, carvão e acrílico), 150 x 25 cm

Analice Campos



Paisagem líquida XI, 2021
Óleo sobre tela
73,5 x 83 cm

Andrea Torres



Cinzas, 2019
Cerâmica e pigmento
60 x 130 x 6 cm

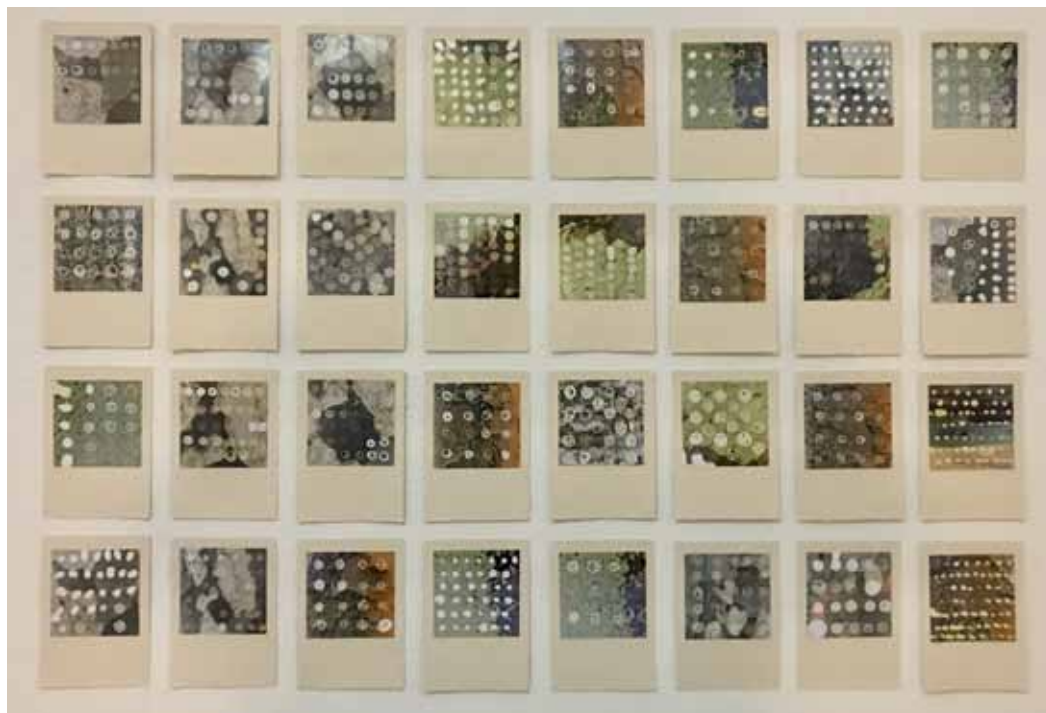
Ângela Fonseca



Elemento natural, 2020
Chapa de aço e ferro
155 x 85 x 46 cm

Angélica da Costa Ramos

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Protozoa, 2020
Técnica mista sobre papel
85 x 130 cm

Antonieta Martinho



Green Jellyfish, 2020
Técnica mista (Copolíester e PET)
170 x 60 x 60 cm

António Monteiro



Amor e pera, 2020
Óleo sobre tela
50 x 40 cm

Cassandra Pereira



Harmonia II, 2020
Esmaltes vítreos sobre vidro
100 x 68 cm

Cécile Hadj-Hassan



Memo #3, 2018
Fotografía sobre dibond
30 x 45 cm

Clara Leitão



Vestido de casamento, 2020
Caneta e tinta da China sobre papel
40,5 x 29,7 cm

Conceição Tavares



Nas mãos... o sonho, 2020/2021
Técnica de papel machê (rede, arame, fios e vários tipos de papel), 170 x 57 cm

Cris D. K.



Prisão sem grades, 2020
Óleo sobre tela
90 x 120 cm

Cristina Henriques



Conversas com minha mãe, 2020
Óleo sobre tela (díptico)
2 x (100 x 70 cm)

Daniel Africano



Concurso internacional

Cubo topográfico, 2021
Óleo sobre tela
170 x 170 cm

Danilson Fernandes



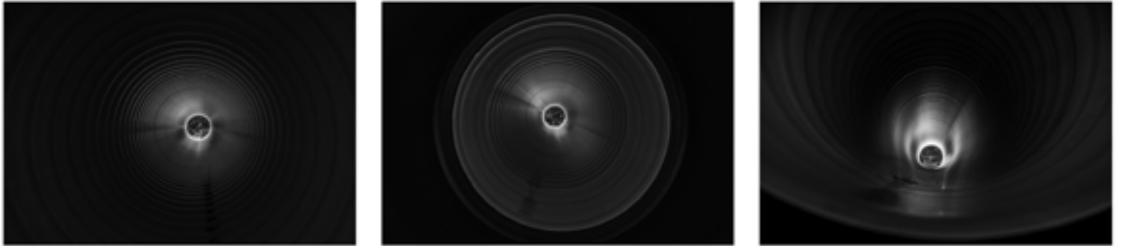
O desespero em tempos pandémicos, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 130 cm

Diana Correia



It is what it is, 2020
Técnica mista sobre tela
100 x 120 cm

Dida Cunha



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Luz ao fundo do túnel, 2021
Fotografia digital
75 x 118 cm

Domingos Júnior



Menção Honrosa

Pandemia / pandemónio, 2021
Técnica mista sobre papel
99,5 x 71 cm

Dulce Cariano



Sem título, 2019
Óleo sobre tela
100 x 81 cm

Engrácia Cardoso



A paisagem recortada, 2020/2021
Acrílico e óleo sobre tela
140 x 110 cm

Fernanda Felícia



Conviver com o invisível, 2020
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

Fernanda Lima



Sem título, 2021
Acrílico sobre tela
97 x 162 cm

Francisco Badilla



Menção Honrosa

A memória da luz, 2020
Óleo sobre tela
130 x 90 cm

Gina Marrinhas



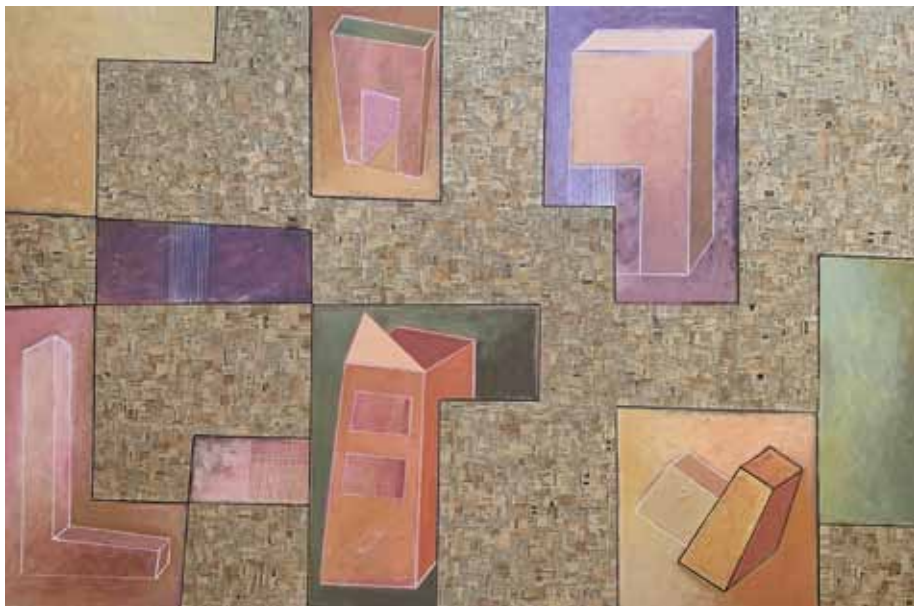
Mulher e a falsa liberdade, 2020
Óleo sobre tela
100 x 100 cm

Hélia Aluai



Âmes, 2020
Material têxtil, pedras, tecido e linhas
200 x 100 x 100 cm

Idalina Rosa



Clausura, 2020
Técnica mista sobre tela
100 x 150 cm

Iolanda Magalhães



Equilíbrio, 2020
Grés vidrado
34 x 13 x 27 cm

Isabel Babo



Marés vivas, 2021

Técnica mista com material reciclado (restos das artes de pesca – redes, cordas e tampas de covos)

100 x 50 x 16 cm

Jaime Azedo (Odeza)



Torvelinho de saudade, 2019
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm

Jéssica Burrinha



Menção Honrosa

Sufoco, 2021
Terra, cimento e madeira
40 x 60 x 7 cm

Joana Moura Neves

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



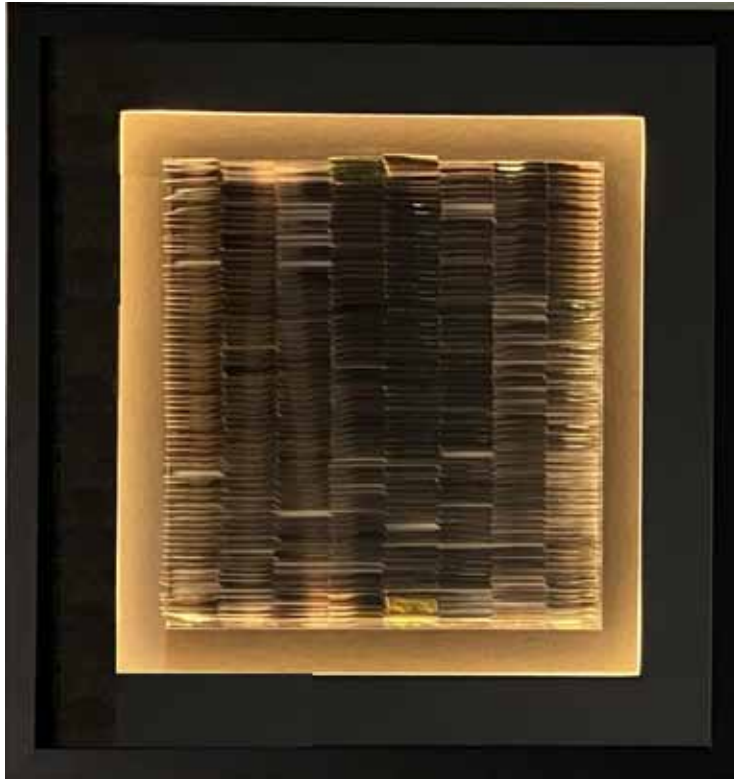
Todos... arquivo intransmissível, 2020/2021
Técnica mista (fotografia analógica impressa em
nitrado de prata, ferro e fotolitos) (tríptico)
3 x (30 x 30 x 30 cm)

Joana Pedro



The man with the hat II, 2019
Lápiz de aguarela sobre papel
100 x 70 cm

Joana Pitta



Separados, 2020
Mdf, fita led, película impressa e verniz
58 x 55 x 5 cm

João C. Gomes



Pilar, 2020
Grés, barro branco e terracota com óxidos,
engobes e vidrados, 76 x 32 x 30 cm

João Macedo



Parada, 2021
Aço corten e cerâmica de grés
vermelha e branca, 170 x 80 x 30 cm

Joaquim Filipe



Confinado, 2020
Acrílico sobre papel Fabriano 300g
137 x 97 cm

Joaquim S. Marques



Às vezes lembro-me daquele lugar..., 2020
Aquarela sobre papel
50 x 70 cm

Jorge Braga



**Prémio de Escultura Zulmiro de Carvalho
Câmara Municipal de Gondomar**

Humanidade, 2020

Madeira

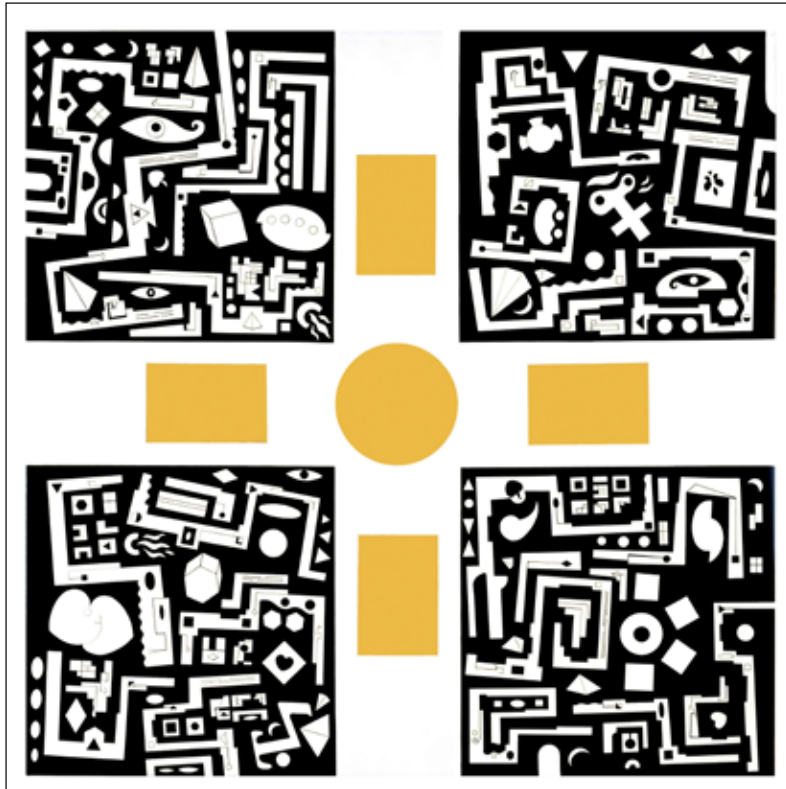
153 x 30 x 30 cm

Jos van den Hoogen



A velhice – Assedasse, 2021
Acrílico sobre madeira
122 x 122 cm

José Alberto Mar



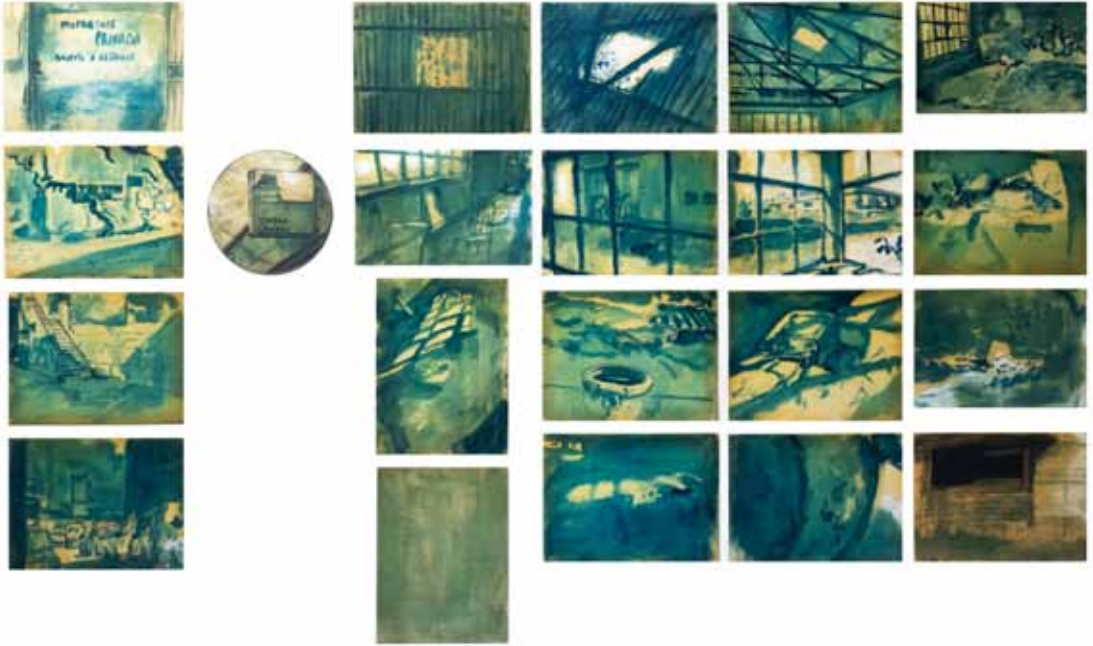
2020, 2020

Acrílico preto e tinta dourada sobre tela

100 x 100 cm

José João

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Menção Honrosa

Arquivo em arruinação, 2017/2018
Óleo e caneta sobre papel
102 x 170 cm

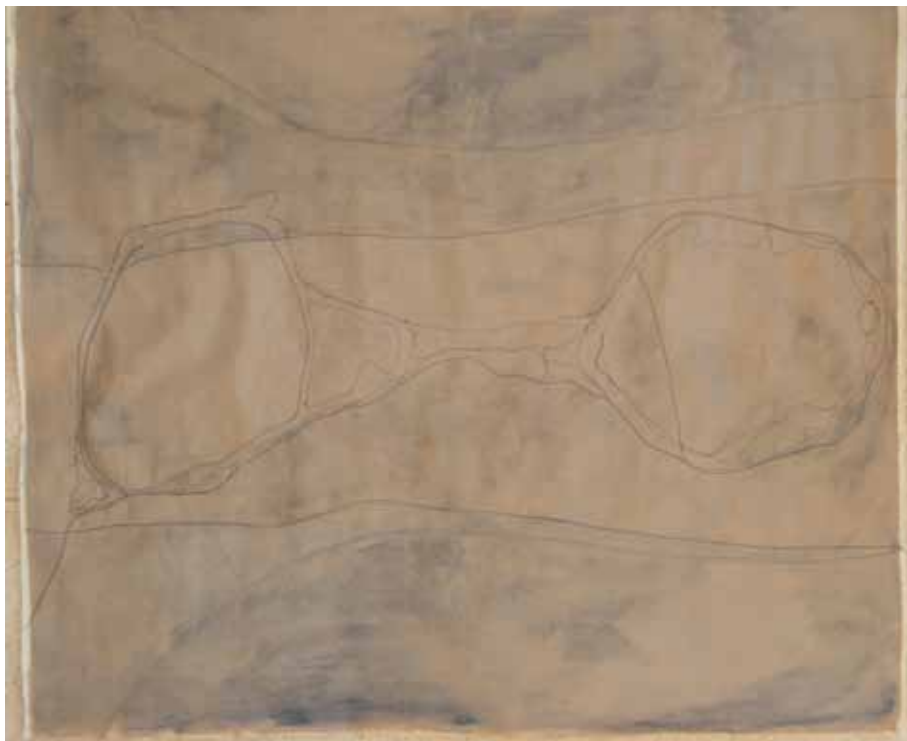
José van den Hoogen



Corporal, 2020
Pedra opala e ferro pintado
167 x 32 x 32 cm

Juliana Ribeiro

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Mapeamento, 2021

Acrílico e linha costurada à máquina sobre tecido

125 x 149 cm

Júlio Cunha



Menção Honrosa

A Julinha cor de rosa ou carta a Salazar, 2020
Técnica mista sobre cartão
90 x 70 cm

Lauren Maganete



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

2021, 2021
Fotografía digital
100 x 150 cm

Lina Carvalho



Grande Prémio da Bienal Câmara Municipal de Gaia

Faith, 2020
Técnica mista sobre papel
120 x 130 cm

Luís Delgado



Da cabeça para o coração, 2020
Óleo sobre tela
73 x 57 cm

Luísa Gouveia



Sempre, sempre a natureza, 2016
Acrílico sobre 25 telas montadas em madeira
122 x 122 cm

Luísa S. Ferreira



S. Jorge e a serpente, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 80 cm

Marcia Ruberti



Deus adormecido, 2021
Barro, cimento, tecido, madeira, cola e tinta
137 x 60 x 93 cm

Maria Luísa Capela



Sem título, 2021
Grafite e óleo sobre papel preparado
26,5 x 20,5 cm

Maria Manuela Ducla Soares



Des – Encontro, 2020
Acrílico sobre chapa acrílica
19,5 x 12 x 12 cm

Marianne Pradier



Agnus Dei, 2018
Óleo e acrílico sobre madeira
60 x 120 cm

Marie-Ange Giaquinto



Um dia como outro qualquer, 2020
Acrílico sobre tela e fita preta de gorgurão
107 x 30 cm

Marília Leitão



Sem título, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 120 cm

Meireles de Pinho



170/170/170, 2021
Madeira, papel e grafite
170 x 170 x 170 cm

Mónica Oliveira

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



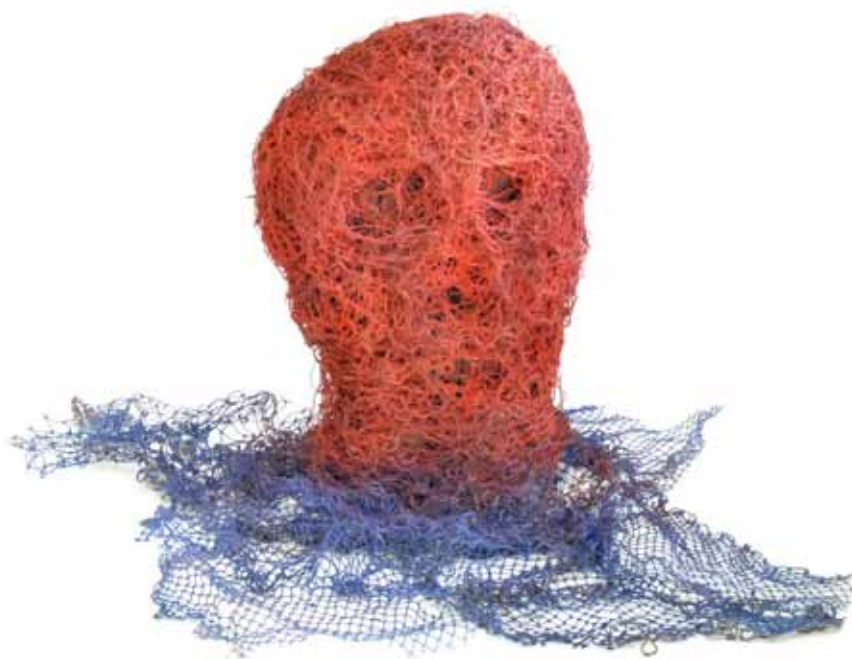
Sem rumbo..., 2021
Ferro pintado
161 x 29 x 20 cm

Norberto d'Abreu



A feticheira..., 2020
Acrílico sobre tela, madeira, sintético
e folha dourada, 102 x 60 x 7 cm

Nuno Cordeiro



Quando o sol cai a pique, 2021
Técnica mista
91 x 160 x 127 cm

Octávio Alves



“Vistos” práticos da arte, 2020
Madeira, plástico, cartão, ferro e outros
100 x 105 x 20 cm

Odete Pinheiro



Vénus e Adónis, 2020
Óleo sobre tela
95 x 135 cm

Oskar Romo



Fragmentos de uma paisagem latino-americana, 2020
Técnica mista sobre lona
15 x 15 cm

Paulo Pereira (Paper)



Behind the glass, 2021
Acrílico sob chapa acrílica
100 x 70 cm

Pedro Cunha



Menção Honrosa

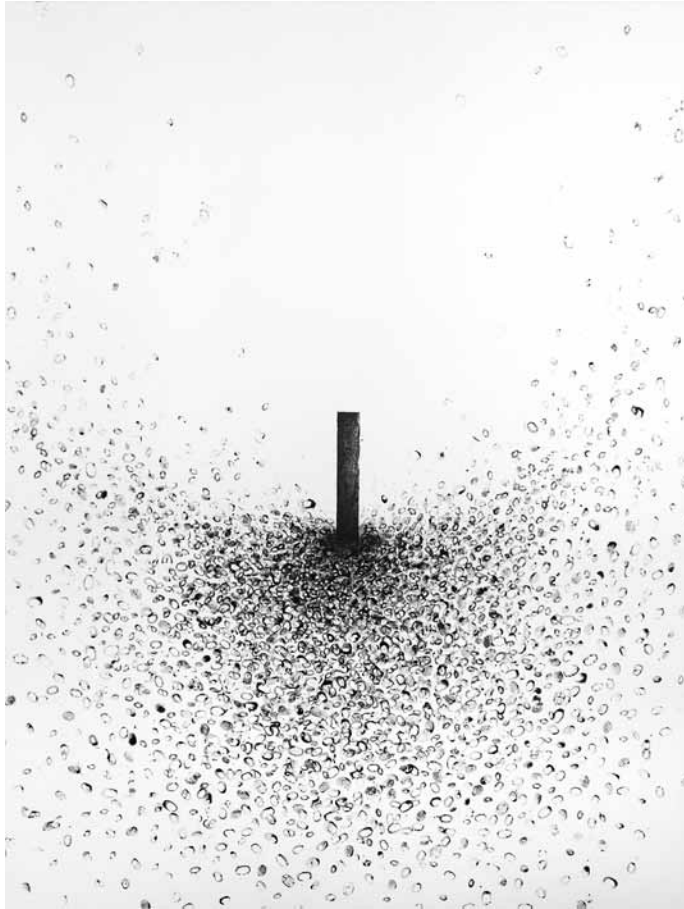
Pedras no sapato nº 2, 2020
Caneta preta sobre papel castanho
60 x 130 cm

Rafael Ibarra



Retrato da minha mãe, 2021
Grafite e óleo sobre papel
100 x 70 cm

Raquel Felgueiras



1 versus 0's, 2020
Grafite e aguarela sobre papel
70 x 50 cm

Raúl Ferreira



Ímpeto (Díptico), 2020
Cimento branco e materiais diversos sobre telas
135 x 106 x 65 cm

Rebeca Lar



Del inventario familiar, 2020
Bordado em tecido
100 x 200 cm

Rita Gonçalves



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Efeito zoom, 2020
Faiança em estrutura de madeira
76 x 76 x 9 cm

Romas Tauras Viesulas



Kingdom come, 2019
Óleo sobre tela (tríptico)
3 x (80 x 60 cm)

Ruth Lee



Shrouded in mystery, 2020/2021
Papéis de seda feitos à mão, tecido, fios, "tyvek"
170 x 70 cm

Sandra Borges



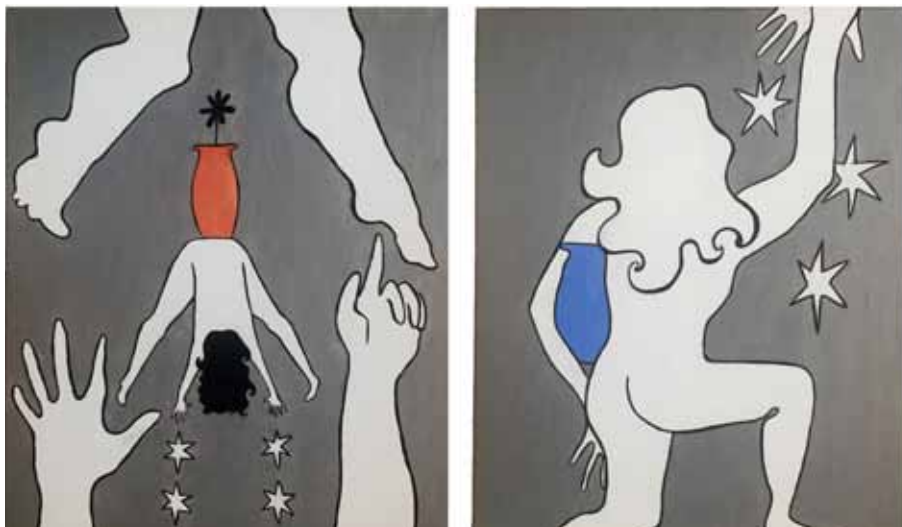
E foram-se todos... / All gone..., 2021
Cerâmica vidrada e metal
135 x 48 x 48 cm

Sérgio d'Azeredo



The storyteller, 2020
Caneta Micron e acrílico sobre papel Lana
24 x 16 cm

Sofia Mourão Simões



O corpo místico, 2020
Óleo sobre tela (díptico)
2x (48 x 36 cm)

Teresa Rodrigues



Prémio Águas de Gaia

Emergir, 2020
Acrílico sobre tela
135 x 106 cm

Teresa Timóteo



Sem título, 2020
Colagem com papel de seda e cola acrílica (díptico)
2 x (108 x 54 cm)

Tito Chambino



Urge o tempo do reencontro,
enquanto estamos a sós, 2020
Ferro, 24 x 24 x 24 cm

Vítor Malva



Chego ao nada e o nada é vivo, 2021
Acrílico sobre tela (tríptico)
3 x (60 x 50 cm)

Zornitsa Halacheva (Zory)



Catedrais, 2020
Lápiz sobre cartolina (díptico)
2x (70 x 50 cm)



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Júri

Agostinho Santos

Nazaré Álvares

Valter Hugo Mãe

Agostinho Ribeiro

Álbina Ribeiro

Alexandre Reigada

Alzira Relvas

Ana Pinho

Ana Silva

Ana Stingl

Analice Campos

Angela Belindro

António Miranda

António Monteiro

António Mourato

Aquilino Ferreira

Artur Durão

Artur Oliveira

Aurora Bernardo

Balbina Mendes

Benedita Kendall

Carina Mendonça

Carla Caroça

Carmen dos Santos

Carmo Diogo

Celeste Ferreira

Clara Castro

Cláudia Matoos

Cláudio Morais

Consuelo Vezarro

Cristina Henriques

Damião Matos

Domingos Júnior

Dulce Cariano

Eduarda Castro

Elizabeth Leite

Fátima Sardinha

Fernanda Lima

Fernanda Santos (Naná)

Fernando Calheiros

Filipe Romão

Filomena Silva Campos

Flávio Andrade

Gérard Morla

Graça Martins Fernandes

Henrique do Vale

Holger Brandes

Idalina Rosa

Isabel Babo

Jaime Azedo (Odeza)

Joana Antunes

João Pedro Coutinho

Joaquim Filipe

Jorge Braga

Jorge Figueira

Jorge Marinho

José A. Guimarães

José António Nobre

José Rodrigues Cardoso (Dozo)

Kinga Subicka

Lauren Maganete

Lina Carvalho

Luís Liberato

Luísa S. Ferreira

Mafalda Rocha

Maisa Champalimaud

Manuela Vaz

Marcia Ruberti

Marco Dias

Marco Santos

Maria Afonso

Maria João Lourenço

Mário Ferreira

Mário Gandra

Mário Portugal

Maura Laus

Micaela Morgado

Natália Rodrigues

Nuno Cordeiro

Octávio Alves

Paulo Pereira (Paper)

Pedro Charters d'Azevedo

Regina Lara

Ricardo Pereira (Rio)

Rosário Roque

Rui Alexandre

Salomé Marivoet

Sérgio d'Azeredo

Telmo Ribeiro

Tony Fausto

Victor Lages

Virgínia Pirondi

Agostinho Ribeiro



Coronavírus, até quando, 2020
Instalação (ferro, vidro, corda de nylon,
plástico e iluminação através de vela)
30 x 30 x 150 cm

Albina Ribeiro



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Fique em casa, 2020
Aquarela sobre papel Canson 300 g
35 x 25,5 cm

Alexandre Reigada



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Distanciamento social, 2020
Técnica mista e acrílico sobre cartão (díptico)
2x (115 x 74 cm)

Alzira Relvas



Contamination, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Ana Pinho



Processos identitários da paisagem imaginária, 2020
Técnica mista sobre diversos suportes (papel reciclado tingido com pigmentos, grafite, carvão, pastel seco e aguarela sobre diversos papeis) (díptico), 150 x 130 cm

Ana Silva



A queijeira, 2020
Óleo sobre cartão
73 x 103 cm

Ana Stingl



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Voltar a renascer – Reinventar o espaço, 2020
Acrílico sobre tela
60 x 50 cm

Analice Campos



2020, 2020
Carvão sobre papel
81 x 50 cm

Angela Belindro



Viagem em mim, 2020
Acrílico sobre tela
73 x 92 cm

António Miranda



Manipulados, 2020

Técnica mista (colagem de papel sobre madeira
com aplicação de acrílico), 90 x 60 cm

António Monteiro



Caos-COVID, 2020

Técnica mista de pincel e espátula,
a óleo sobre tela, 50 x 80 cm

António Mourato



Confinamento, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Aquilino Ferreira

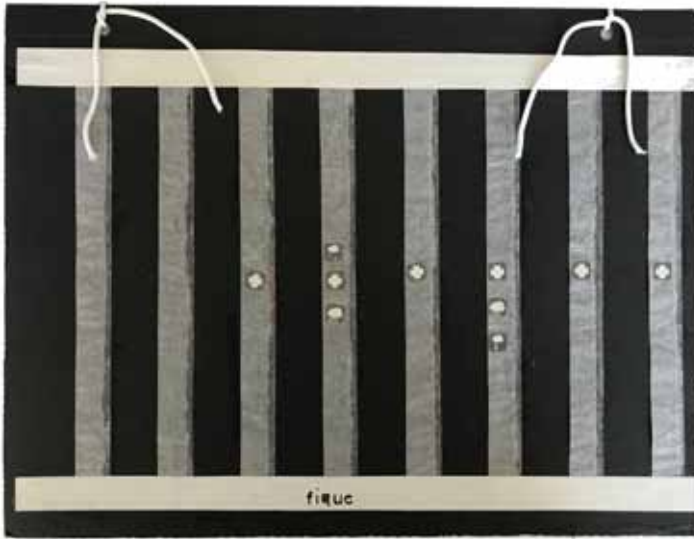


Angústia, 2020

Caixa em madeira com rolos de papel higiênico

41 x 30 x 26 cm

Artur Durão



Fique, 2020
Técnica mista sobre papel
23,2 x 30,4 cm

Artur Oliveira



Acerta-lhe com força I, 2020
Acrílico sobre tela
80 x 100 cm

Aurora Bernardo



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Contaminação, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Balbina Mendes



Depois de tudo, 2020

Imagem digital sobre alumínio em caixa de luz

82 x 72 cm

Benedita Kendall



Propagação espontânea, 2020
Composição tridimensional com kline, acetato e vinil
50 x 80 x 25 cm

Carina Mendonça

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



560.460, 2020

Técnica mista (tinta de esmalte, riscadores, colagens e costura) sobre tecidos e papel, 135 x 150 cm

Carla Caroça



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

O inimigo... atento à distração!, 2020

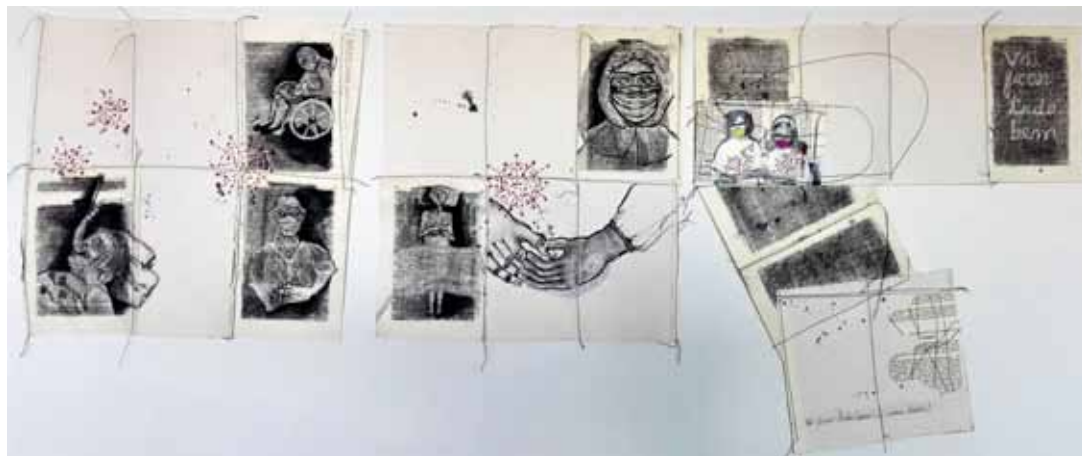
Desenho com base em várias fotografias; grafite em papel de desenho e no final digital; impressão em papel Natural White (papel de algodão), 20 x 29 cm

Carmen dos Santos



Cogitando o futuro, 2020
Mármore olho de sapo e Estremoz rosa
42 x 41 x 20 cm

Carmo Diogo



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

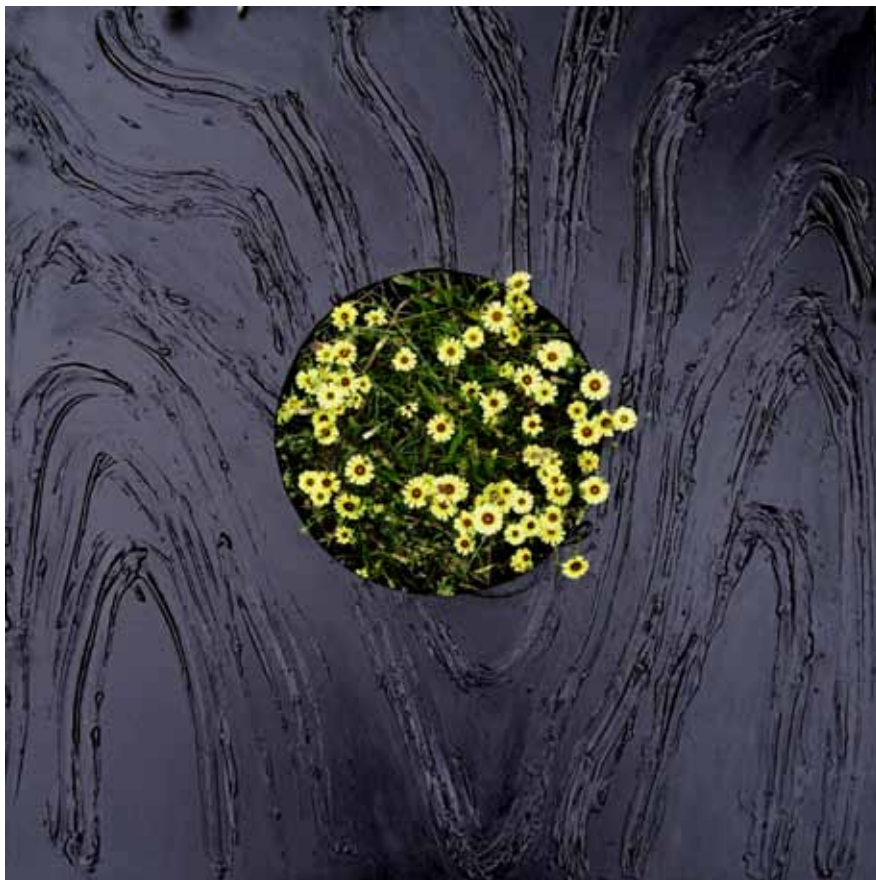
Vai ficar tudo bem ... uma treta!, 2020
Desenho, colagem e costura sobre papel
60 x 120 cm

Celeste Ferreira



Inconciliável – Em tempos de peste, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 70 cm

Clara Castro



Nós, 2020

Técnica mista sobre contraplacado de madeira
e plantas naturais, 4 x 90 x 90 cm

Cláudia Matoos



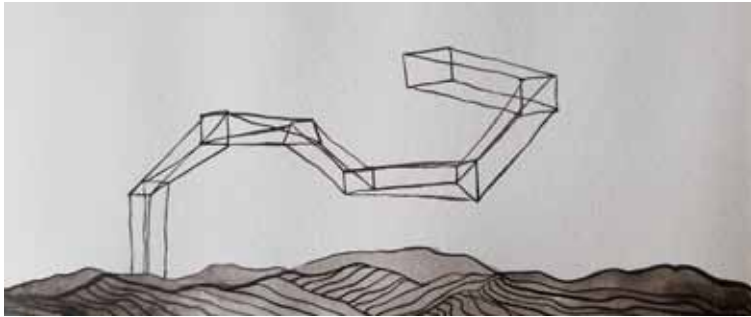
The touch in 2020, 2020
Acrílico sobre tela (díptico)
2x (80 x 60 cm)

Cláudio Morais



Morcegos, 2020
Técnica mista sobre papel
63,5 x 96 cm

Consuelo Vezarro



Desdobramentos, 2020
Nanquim sobre papel
9 x 30 cm

Cristina Henriques



Battle of love / Batalha de amor, 2020
Óleo sobre tela
120 x 80 cm

Damião Matos



Dias cinzentos, 2020
Óleo sobre linho
142 x 142 cm

Domingos Júnior



Natureza desconfiada, 2020
Técnica mista sobre papel
124 x 14 cm

Dulce Cariano



Ausência, 2020
Óleo sobre tela
80 x 120 cm

Eduarda Castro



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

O medo!... Muito medo!... Do bicho (Coronavírus), 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Elizabeth Leite



A culpa é da vontade que vive dentro de mim, 2020
Acrílico sobre papel
150 x 100 cm

Fátima Sardinha



Confined, 2020
Óleo sobre tela
150 x 150 cm

Fernanda Lima



Rebento, 2020
Acrílico sobre tela
89 x 130 cm

Fernanda Santos (Naná)



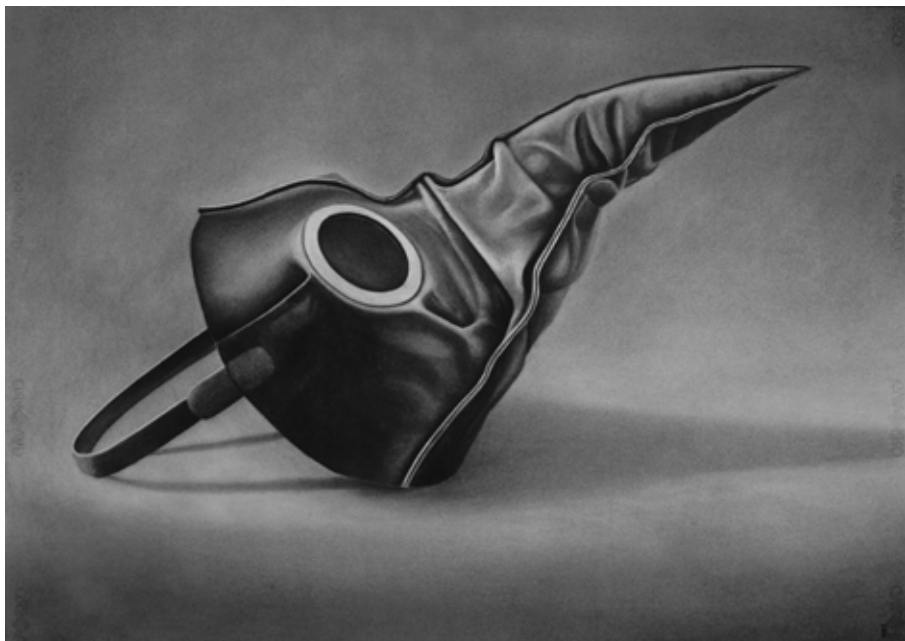
Simbiose, 2020
Acrílico sobre tela
60 x 73 cm

Fernando Calheiros



Um mundo novo (última peça da série "Mãos"), 2020
Técnica mista (corpo em massa de agarra revestida a epóxi, pólipos em madeira de cedro e pernos em aço para fixação ao corpo, braço em ramo de árvore desconhecida, pintura e envernizamento em acrílico, suporte em varão roscado e tubo de ferro, base em mármore e MDF), 72 x 35 x 35 cm

Filipe Romão



Máscara, 2020
Carvão sobre papel
70 x 100 cm

Filomena Silva Campos



Marcas do tempo – da infecção à morte, 2020
Técnica mista sobre lona plástica, acrílico,
esmalte aquoso e tinta ecológica
100 x 70 cm

Flávio Andrade



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Watching you – Da série Isolation, 2020
Fotografia impressa em papel Canson Infinity Platine
Fibre Rag – 100% algodão – 310g colada em PVC
60 x 90 cm

Gérard Morla



CoviDeath, 2020
Plástico e ferro
33 x 35 x 27 cm

Graça Martins Fernandes



Duetos de um confinado, 2020
Acrílico sobre tela
116 x 89 cm

Henrique do Vale



Húmus, 2020
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

Holger Brandes



Ameça/covid 19, 2020

Gravura com técnica mista: água-tinta sobre placa de cobre e chine collé; impressão dupla, utilizando papel de seda pintado e um pedaço do jornal "O Sol" de março de 2020; impressão sobre papel artesanal (Hahnemühle 300 gr.); exemplar único (P/A, artist print) de uma série de impressão com a placa "Ameça"

27 x 36,5 cm

Idalina Rosa



Contágio, 2020
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm

Isabel Babo



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Jaime Azedo (Odeza)



Covid 19 o novo normal, 2020
Acrílico sobre tela
50 x 70 cm

Joana Antunes



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Distinção

The power of your mind, 2020

Técnica mista (acrílico, carvão e lápis de cor) sobre tela, 155 x 145 cm

João Pedro Coutinho



A morte saiu à rua, 2020
Técnica mista sobre caixa de madeira
80 x 48 x 24 cm

Joaquim Filipe



Jeremias, 2020
Acrílico e pastel sobre papel
Fabriano 300 g e madeira, 150 x 100 cm

Jorge Braga



Urgente, 2020
Óleo sobre tela
63 x 73 cm

Jorge Figueira



Breaking news, 2020
Técnica mista sobre cartão
110 x 140 cm

Jorge Marinho

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Abraço, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 140 cm

José A. Guimarães



Incubação dos sonhos, 2019

Grés branco cozido a 1150° com óxidos e tubo de vidro com aparas de lápis de cor sobre ardósia
47 x 47 x 11 cm

José António Nobre



O olhar de Deus, 2020

Bronze

75 x 20 x 10 cm

José Rodrigues Cardoso (Dozo)



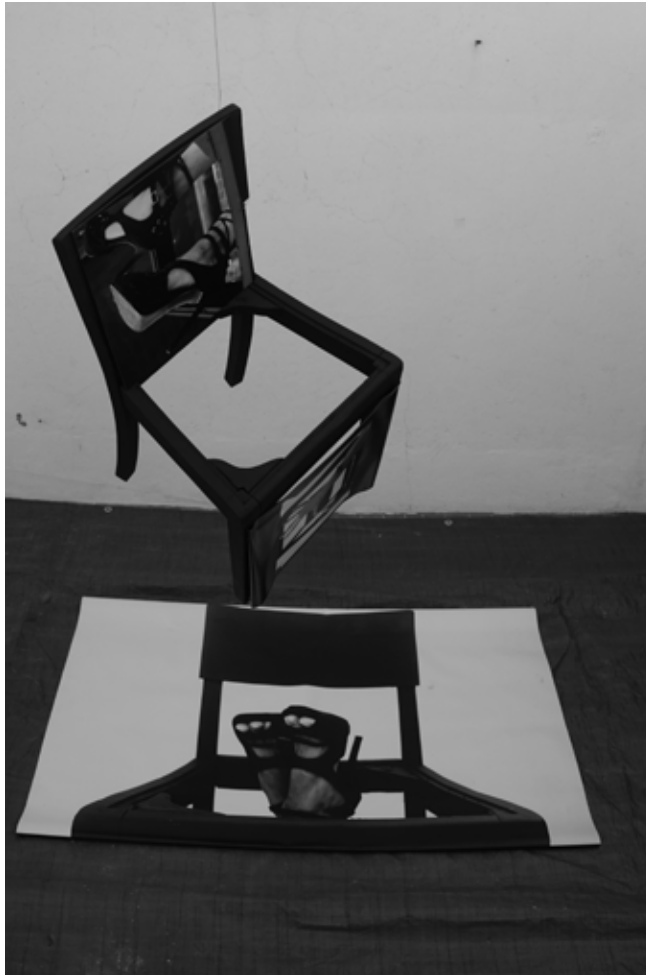
Egos atrás, 2020
Aquarela, acrílico e caneta sobre papel
29 x 42 cm

Kinga Subicka



Vamos ser como os pássaros antes de
nos encontrarmos novamente, 2020
Técnica mista sobre tela, 65 x 81 cm

Lauren Maganete



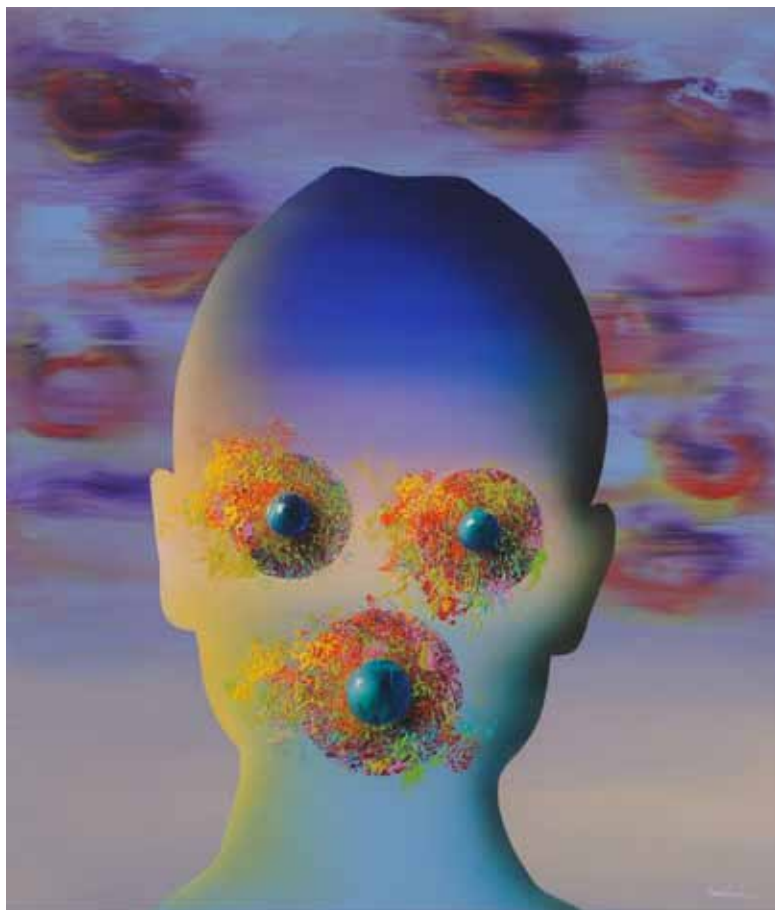
Pés confinados, 2020
Instalação fotográfica
150 x 150 x 60 cm

Lina Carvalho



Believe II, 2020
Técnica mista sobre papel
70 x 100 cm

Luís Liberato



Consequência, 2020
Acrílico sobre tela
80 x 70 cm

Luísa S. Ferreira



Se não és um vírus, és o quê?, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 80 cm

Mafalda Rocha



Almejo, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 90 cm

Maísa Champalimaud

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título, 2021
Colagens e pastéis de óleo sobre papel
153 x 140 cm

Manuela Vaz



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Caligem, 2020

Fotografia digital com dupla exposição, impressa
em Hahnemühle Daguerre Canvas 400gsm (tríptico)

40 x 120 cm

Marcia Ruberti



A confinada, 2020
Massa cerâmica e materiais sucateados tratados
90 x 53 x 36 cm

Marco Dias



Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

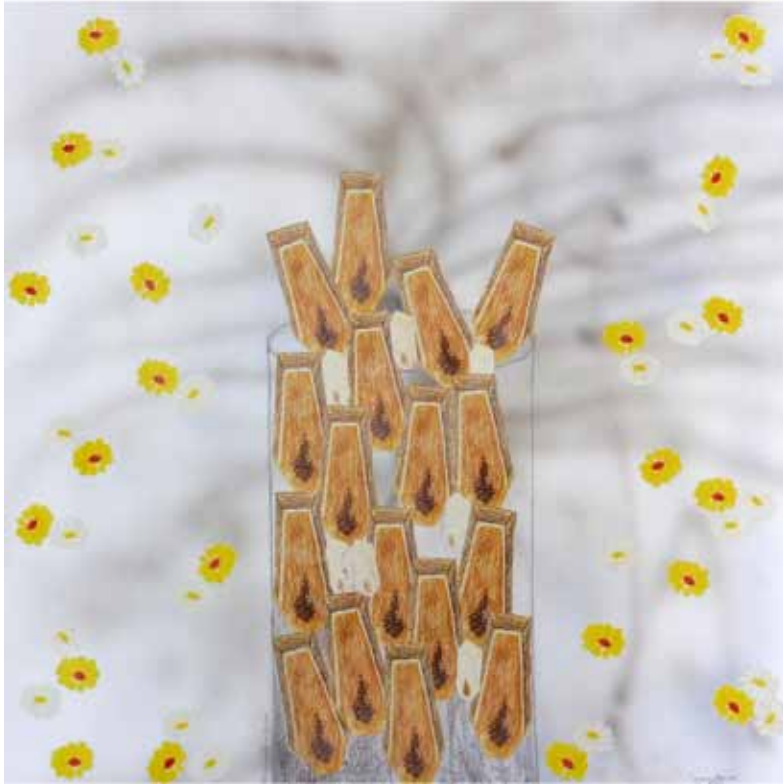
Ignorância, ganância, avidez, ódio, 2020
Grafite sobre papel Fabriano 200 grs
110 x 150 cm

Marco Santos



Quarantine Hero, 2020
Óleo sobre tela
46 x 56 cm

Maria Afonso



Phoenix – Renascerão em flores, 2020
Grafite, acrílico e colagens sobre papel
72,5 x 75 cm

María João Lourenço



Desconfinamento, 2020
Crochet, tricot e bordado com lãs, sedas,
fibras e algodão sobre madeira, 60 x 120 x 6 cm

Mário Ferreira



Rio, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 75 cm

Mário Gandra



Rapinggel 3, 2020
Grés branco, engobes e vidrados
20 x 29 x 21 cm

Mário Portugal



Coronavírus, 2020
Óleo sobre tela
100 x 150 cm

Maura Laus



Reflexos de fora e dentro, 2020
Óleo sobre tela
100 x 80 cm

Micaela Morgado



Pandemónio, 2020

Aparo com tinta da china, caneta preta e tinta de álcool sobre papel de 160gr, 42 x 29,7 cm

Natália Rodrigues



Claustrofobia, 2020
Serigrafia, aguarela e caneta de
nanquim sobre papel, 48 x 36 cm

Nuno Cordeiro



Disantropomorfismo, 2020
Acrílico sobre madeira
134 x 99 cm

Octávio Alves



Tensão no ar, 2020

Madeira, metal, plástico e outros materiais

98 x 126 x 26 cm

Paulo Pereira (Paper)



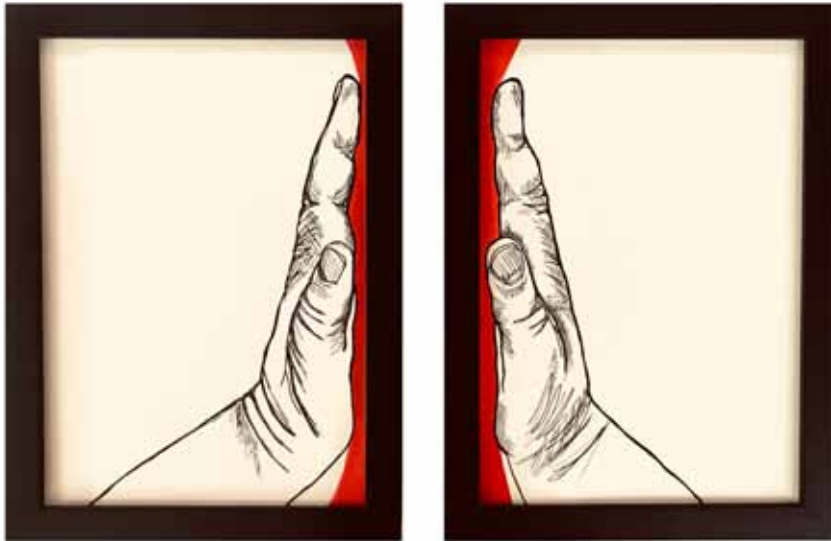
Behind the glass, 2020
Tinta acrílica sob chapa acrílica
100 x 70 cm

Pedro Charters d'Azevedo



O Coelho Branco (Alice no país das maravilhas), 2020
Acrílico sobre tela
80 x 80 cm

Regina Lara



Distanciamento social, 2020
Nanquim sobre papel de aquarela (díptico)
2x (33 x 21 cm)

Ricardo Pereira (Rio)



Human Cage ("Paper cages" series), 2009–20
Acrílico sobre tela
100 x 150 cm

Rosário Roque



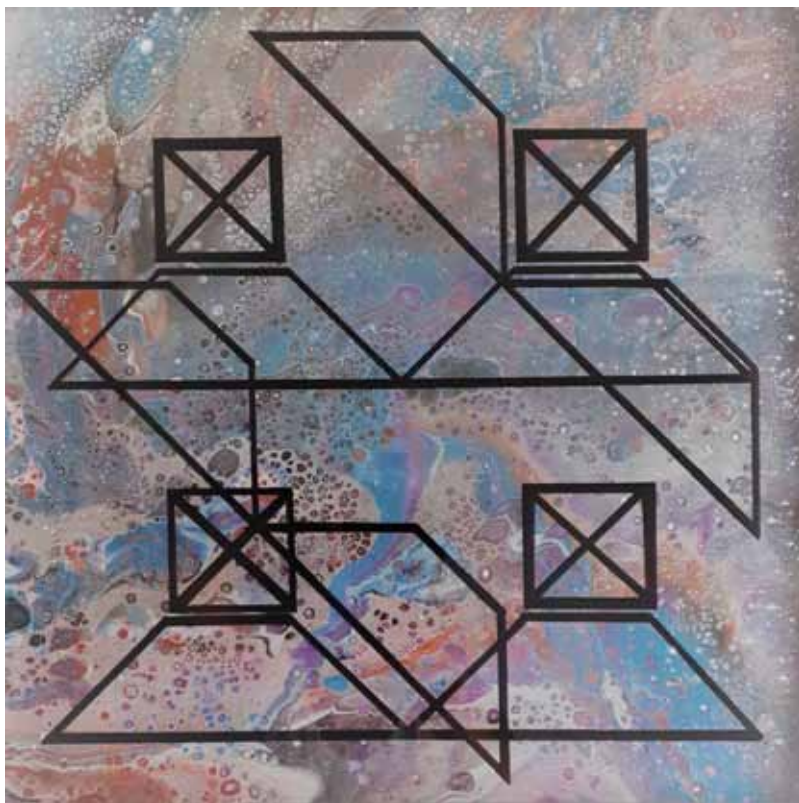
Sobrevivência, 2020
Acrílico sobre tela
63 x 63 cm

Rui Alexandre



C19: money or #love, 2020
Técnica mista sobre papel manual e tela
75 x 95 cm

Salomé Marivoet



Sky overview, 2020

Acrílico fluido e em caneta sobre placas de
acrílico em caixa de alupanel com iluminação led
40 x 40 x 6 cm

Sérgio d'Azeredo



A hazy shade of afraid, 2020
Canetas Pilot e aguada de acrílico
sobre papel "LANA", 20 x 12 cm

Telmo Ribeiro



Eclipse, 2020
Aquarela sobre tela e recorte de jornal
27 x 35 cm

Tony Fausto



A união faz a força, 2020

Pasteis a óleo e tinta nankin em tela sobre PVC

70 x 100 cm

Victor Lages



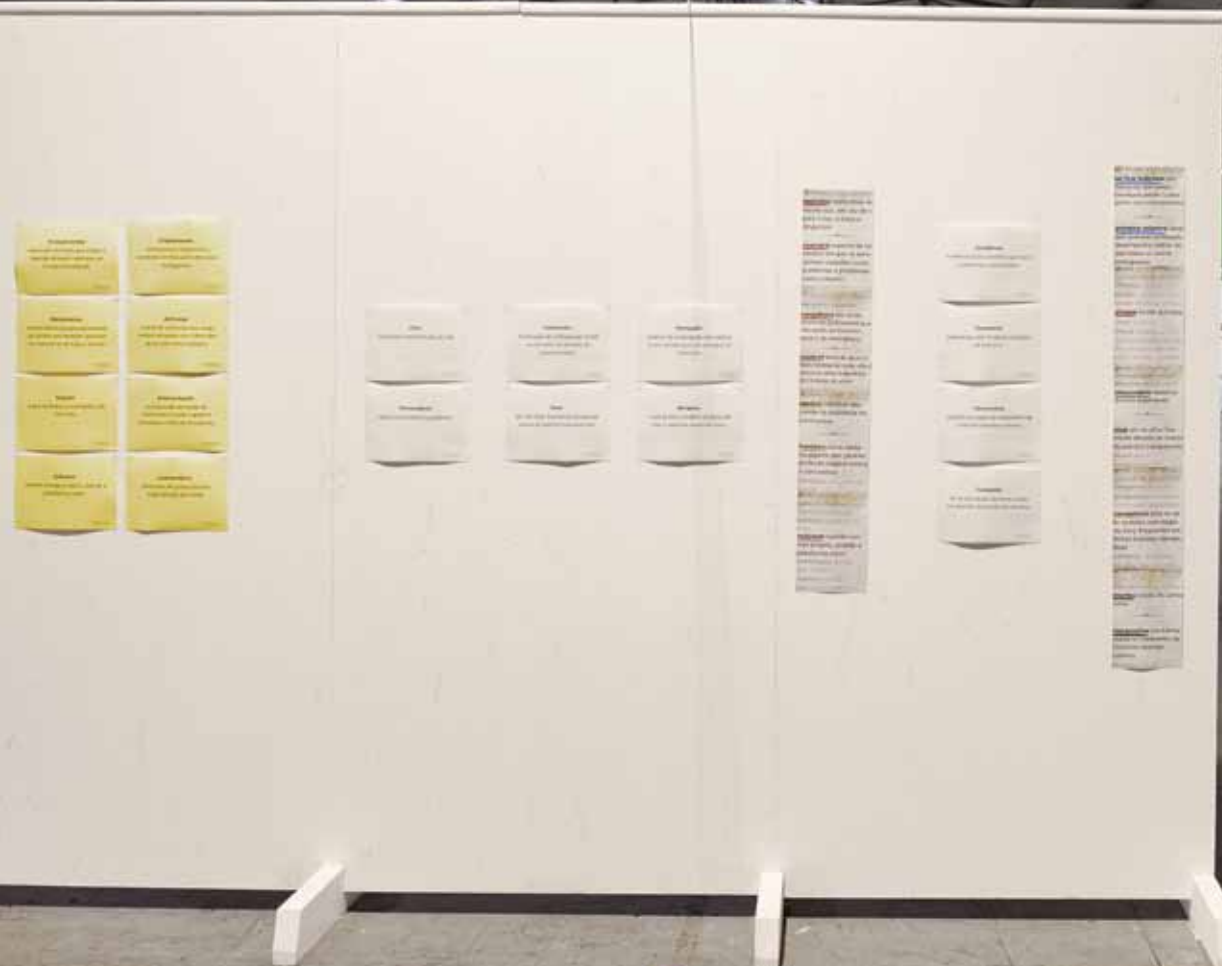
Concurso Coronavírus não destrói a criatividade

Pandemia viral, 2020
Acrílico sobre tela
80 x 80 cm

Virgínia Pirondi



Vocês não serão esquecidos, 2020
Acrílico sobre tela, impressão em vegetal e LED
40 x 50 cm



1.1.1.1.1
[Illegible text]

1.1.1.1.2
[Illegible text]

1.1.1.1.3
[Illegible text]

1.1.1.1.4
[Illegible text]

1.1.1.1.5
[Illegible text]

1.1.1.1.6
[Illegible text]

1.1.1.2.1
[Illegible text]

1.1.1.2.2
[Illegible text]

1.1.1.2.3
[Illegible text]

1.1.1.3.1
[Illegible text]

1.1.1.3.2
[Illegible text]

1.1.1.3.3
[Illegible text]

1.1.1.3.4
[Illegible text]

1.1.1.3.5
[Illegible text]

1.1.1.3.6
[Illegible text]

1.1.1.3.7
[Illegible text]

1.1.1.3.8
[Illegible text]

1.1.1.3.9
[Illegible text]

1.1.1.3.10
[Illegible text]

1.1.1.3.11
[Illegible text]

1.1.1.3.12
[Illegible text]

1.1.1.3.13
[Illegible text]

1.1.1.3.14
[Illegible text]

1.1.1.3.15
[Illegible text]

1.1.1.3.16
[Illegible text]

1.1.1.3.17
[Illegible text]

1.1.1.3.18
[Illegible text]

1.1.1.3.19
[Illegible text]

1.1.1.3.20
[Illegible text]

1.1.1.4.1
[Illegible text]

1.1.1.4.2
[Illegible text]

1.1.1.4.3
[Illegible text]

1.1.1.4.4
[Illegible text]

1.1.1.4.5
[Illegible text]

1.1.1.5.1
[Illegible text]

1.1.1.5.2
[Illegible text]

1.1.1.5.3
[Illegible text]

1.1.1.5.4
[Illegible text]

1.1.1.5.5
[Illegible text]

1.1.1.5.6
[Illegible text]

1.1.1.5.7
[Illegible text]

1.1.1.5.8
[Illegible text]

1.1.1.5.9
[Illegible text]

1.1.1.5.10
[Illegible text]

1.1.1.5.11
[Illegible text]

1.1.1.5.12
[Illegible text]

1.1.1.5.13
[Illegible text]

1.1.1.5.14
[Illegible text]

1.1.1.5.15
[Illegible text]

1.1.1.5.16
[Illegible text]

1.1.1.5.17
[Illegible text]

1.1.1.5.18
[Illegible text]

1.1.1.5.19
[Illegible text]

1.1.1.5.20
[Illegible text]

Novo Dicionário Covid

Curadoria
ANTÓNIO ROCHA

Novo Dicionário Covid

Achatamento: diminuição da taxa de crescimento de pessoas que acham que a culpa é do primeiro-ministro.

Antevacinação: processo de vacinação de transeunte incauto a quem é inoculada a sobra do frasquinho.

Antibiórico: bagaço servido na clandestinidade nos postigos do Porto.

Anticorpa: mulher do anticorpo que chega sempre atrasado com a desculpa de ter tido muito trabalho.

Astrovírus: novo corpo celeste que alterou as previsões astrológicas até um dia destes.

Atum!: interjeição que revela saturação em relação a um qualquer alimento.

Autoflagelação: desporto nacional de Portugal que permite a cada jogador fustigar a totalidade da equipa.

Avião: aparelho usado no transporte de novas estirpes de coronavírus.

Bar: local arqueológico frequente em cidades turísticas.

Brazuca: parte do dinheiro da bazuca gasta a combater os efeitos da estirpe brasileira.

Brexin: intercâmbio de estirpes britânicas no âmbito da mais antiga aliança do mundo.

Cangalheiro: diz-se da atividade profissional que não pediu ao Governo apoios de emergência.

Cãofinamento: ação de quem sai de casa para passear um cão imaginário.

Caronavírus: estirpe brasileira que se propaga à boleia.

Cerca sanitária: perímetro definido para tornar mais interessantes os diretos televisivos.

Clorocretina: substância usada no tratamento da Covid em doentes cretinos.

Compota: forma doce de abraço à distância que mantém as relações familiares no patamar de segurança.

Contacto: forma delicada de explicar à família que se foi infetado num bar de alterne.

Corista: estirpe de turista que viaja mesmo sabendo que está infetado.

Corneteiro: sabujo que gostava de enriquecer a vender vacinas no mercado negro e enlameia o bom nome de quem as dá.

Coronatia: mulher da quinta da Marinha que perdeu o paladar e o olfacto.

Cotovelo: parte do braço usada para apertar as mãos.

Covax: sistema comercial que permite vender vacinas mais caras a países ricos à custa dos países pobres.

Covi: Covid para membros do jet-set.

Covidado: indivíduo que aceita um convite para jantar, mesmo sabendo estar infetado.

Covideira: personagem que chora pelas vítimas de Covid que teria salvo se ainda fosse ministro da saúde.

Covidência: evidência quasi-científica que varia consoante o comentador.

Covidesco: uma espécie de drama psicopolítico assente na esperança de que o pior ainda está para vir.

Covinário: espécie de seminário em que se apresentam soluções como problemas e problemas como soluções.

Covinóia: patologia psíquica do indivíduo que tenta fazer teste à Covid todos os dias.

Criofinamento: confinamento hipotérmico praticado em boa parte das casas portuguesas.

Enovirologia: ramo da enologia que procura uma cura da Covid usando vinho.

Entregado: espécie de empregado sem salário e sem direitos que faz entregas ao domicílio.

Estatística: sistema numérico que permite criar pânico.

Farmacética: instituição benemérita que ajuda os mais ricos a serem vacinados primeiro, dada a sua raridade.

Fronteira: cerca sanitária gigante que garante proteção mágica contra o coronavírus.

Gelar: ato de untar as mãos com gel desinfetante, evitando lavá-las com água e sabão.

Gotícula: forma erudita de perdigoto.

Higienização: simulação de limpeza antiviral de mãos, superfícies e locais, que mata algumas bactérias.

Idiotologia: ciência que agrega a sabedoria dos idiotas. Surgiu durante a pandemia Covid.

Imunidade: proteção dada às estirpes do vírus que viajam no corpo de diplomatas.

In Covid veritas: expressão em latim que traduz o regozijo de quem sabe que um inimigo foi infetado.

Incauto: o que dá boleia a coronavírus de mini-saia.

Infaccioso: indivíduo que toma o lado do coronavírus e o ajuda a propagar-se.

Influenziador: opinador que continua a afirmar que isto é só uma pequena gripe.

Isolamente: localização do infetado por Covid no corredor de bebidas do supermercado.

Justicovideiro: praticante de justiça popular especializado em Covid.

Layoff: despedimento suspenso, para dar tempo de descapitalizar empresas antes da insolvência.

Martelovírus: estirpe falsificada grosseiramente por países que desejam aparecer nos noticiários de todo o mundo.

Máscara social: pedaço de pano que tem evoluído para objeto de ornamento. O mesmo que “gravata de rosto”.

Máscara: objeto de semi-ocultação de caras muito feias.

Mascarite: problema gástrico resultante da ingestão de máscara.

Moratória: sistema de crédito bancário que transfere o pagamento para a próxima vida. Desaconselhável a crentes na reencarnação.

Naciovirismo: repulsa em relação aos vírus estrangeiros.

Narigoso: o que pratica o hábito perigoso de usar a máscara abaixo do nariz.

Negacionista: indivíduo que compra ações de companhias aéreas e de outros negócios turísticos.

Panistério: ministério da Saúde.

Pilatos: indivíduo que lava as mãos obsessivamente. Distúrbio frequente em líderes partidários.

Postigo: zona interdita a café e bebidas.

Previsão: ação de acertar depois dos factos terem ocorrido. Utilizado por comentadores e partidos de oposição.

Primeiro-ministro: cargo que qualquer português desempenha melhor do que todos os outros portugueses.

Quêixum€: ato neoliberal de gestão que se destina a obter donativos do estado.

Quiromonte: indivíduo que adivinha o futuro lendo montes de comentários na internet.

R1: medida utilizada para aferir o somatório de indivíduos irresponsáveis num país.

Regras: o mesmo que exceções.

Restinhos: sexta dose da vacina que, em vez de ir para o lixo, é dada a dirigentes.

Reuniõum: reunião à distância com pelo menos um participante do Porto.

Saúde24: linha de apoio a hipocondríacos onde não é possível obter sugestões de receitas de atum.

Séptico: indivíduo descrente da existência do coronavírus.

Seringuice: forma de pedinliche utilizada por não prioritários para receberem a vacina.

Solizoom: reunião consigo próprio, usando a plataforma zoom.

Surtudo: aquele que participa em festas clandestinas e não é infetado no surto resultante.

TAPeador: diz-se de quem paga caro por coisas avariadas e sem conserto.

Teiqueauei: postigo onde nasce comida confeccionada em zona oculta, que pode ser levantada contra pagamento.

Telecovidário: telejornal durante a pandemia.

Telescola: método de ensino que permite 15 minutos de fama ao professor.

Teletrabalho: mecanismo de identificação de trabalhadores desnecessários ou pouco produtivos.

Tesouraria: caixa vazia, com resíduos vestigiais de dinheiro.

Tortúlia: convívio forçado em casa, que raia o limite da tortura.

Tosquia: corte de cabelo caseiro durante períodos de confinamento.

Troca-vírus: indivíduo que alterna a sua opinião entre a constipação e o apocalipse.

Trumpada: diz-se da injeção de lixívia usada em doentes de Covid sem cérebro.

Unicorónio: pessoa a quem nasceu um chifre como efeito secundário da Covid.

Vacinoso: pessoa que tem inveja de quem já foi vacinado.

Vai ficar tudo bem: promessa de que vamos conseguir perder o peso ganho nos confinamentos.

Vásina: leitura das mãos que permite descobrir a data de toma da vacina covid.

Viriato: anticorpo especializado na estirpe italiana, em particular a originária de Roma.

Virologista: diz-se da pessoa que tem um perfil no facebook; especialista em opiniões.

Virouse: virose açoriana.

Visar: ato de olhar fixamente através de viseira de plástico transparente.

Zaragato(a): gata ou gato vestidos com roupa da Zara, frequentes em festas Erasmus clandestinas.

Zoomba: sessão de zumba online.

António Rocha

In Covid veritas:

expressão em latim que traduz o regozijo de quem sabe que um inimigo foi infetado.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Crioconfinamento:

confinamento hipotérmico praticado em boa parte das casas portuguesas.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Martelovírus:

estirpe falsificada grosseiramente por países que desejam aparecer nos noticiários de todo o mundo.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Anticorpa:

mulher do anticorpo que chega sempre atrasado com a desculpa de ter tido muito trabalho.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Incauto:

o que dá boleia a coronavírus de mini-saia.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Antevacinação:

processo de vacinação de transeunte incauto a quem é inoculada a sobra do frasquinho.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Solizoom:

reunião consigo próprio, usando a plataforma zoom.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha

Justicovideiro:

praticante de justiça popular especializado em Covid.

In Covid Veritas (2021)
por António Rocha



Artistas convidados

Abreu Pessegueiro
Acácio de Carvalho
Afonso Pinhão Ferreira
Álvaro Domingues
Álvaro Siza Vieira
Ana Maria
André Gigante
Ângelo de Sousa
António Bessa
António Joaquim
António José de Carvalho
António Macedo
António Pizarro
Augusto Canedo
Avelino Rocha
Balbina Mendes
Cabral Pinto
Cândido Lopes
Carlos Carreiro
Carmo Diogo
Catarina Machado
Catarina Vaz
Charlotte Massip
Cipriano Oquiniame
Conceição Abreu
Constança Lucas
Cruzeiro Seixas
Diana Costa
Dina Palma Dias
Diogo Goes
Domingos Loureiro
Eduarda Castro
Emerenciano
Fernanda Araújo
Fernanda Boas
Fernanda Eva
Fernanda Santos (Naná)
Fernando Pacheco
Fernando Rocha
Filipe Braga
Filipe Rodrigues

Franchini
Francisco Laranjo
Gérard Morla
Gil Maia
Gonçalo Alves
Gracinda Candeias
Helena Fortunato
Helena Leão
Helena Rocio Janeiro
Henrique do Vale
Humberto Nelson
Isabel Babo
Isabel de Andrade
Isabel e Rodrigo Cabral
Isabel Lhano
Jaime Silva
João Alves
João Carqueijeiro
Jorge Braga
José Augusto Castro
José Maia
José Paiva
José Pinto
José Rodrigues
José Rosinhas
Juan Domingues
Júlia Pintão
Júlio Costa
Júlio Roldão
Kinga Ogórek
Lagoa Henriques
Lauren Maganete
Levi Guerra
Liseta Amaral
Luís Santos
Luísa Prior
Manuel Casal Aguiar
Manuel Porfírio
Maria Afonso
Maria Rosas
Mário Rocha

Marta Lima
Marta Soutinho Alves
Miguel Neves Oliveira
Mirene
Nadir Afonso
Nazaré Alvares
Norberto Jorge
Nuno Raminhos
Osvaldo Carvalho
Paola Afonso
Paulo Bernardino Bastos
Paulo Moreira
Pedro Figueiredo
Pereira Lopes
Raúl Valverde
Ricardo Cardoso
Ricardo de Campos
Ricardo Fonseca
Roberto Chichorro
Rosa Bela Cruz
Rosa Godinho
Rosalina Santos
Rui Costa
Rui Coutinho
Rui da Graça
Rui Ferro
Rui Morão
Sá Coutinho
Sérgio Malpique Lopes
Sérgio Reis
Sobral Centeno
Susana Bravo
Teresa Bravo
Teresa Ricca
Valter Hugo Mãe
Victor Costa
Violante Saramago Matos
Vitor Espalda
Volker Schnüttgen
Zélia Mendonça
Zulmiro de Carvalho

Curadoria
AGOSTINHO SANTOS

Promover o diálogo entre artistas consagrados e jovens

Uma das componentes defendidas e partilhadas pela Bienal Internacional de Arte Gaia é proporcionar e promover o diálogo, seja o diálogo entre artistas e entre temas, seja entre público e comunidades. Assim e inserido nesse espírito, tentamos, nesta exposição de “Artistas Convidados”, estabelecer uma “linha de contacto” estreita e coerente entre os consagrados e os menos, de forma a proporcionar um exercício de troca de linguagens e expressões e simultaneamente trazer também a público os trabalhos dos novos artistas que necessitam, naturalmente, que lhes sejam criadas condições de poder mostrar as suas criações.

Esta mostra que contempla trabalhos, entre outros, de Ângelo de Sousa, José Rodrigues, Cruzeiro Seixas, Lagoa Henriques, Álvaro Siza Vieira, Roberto Chichorro, Francisco Laranjo e artistas mais jovens como Nazaré Álvares, Carmo Diogo, Filipe Rodrigues, Ricardo Campos, Rui da Graça, Marta Lima, Rui Ferro, Norberto Jorge, Gonçalo Alves, Catarina Vaz, André Gigante e Luís Santos pretende evidenciar o que cada autor, independentemente das faixas etárias e expressões artísticas de cada um, vai fazendo na contemporaneidade, conquistando mais e novos públicos, sensibilizando-os para a inequívoca importância das artes plásticas na formação do indivíduo.

Esta mostra pretende ser uma espécie de viagem ou uma radiografia visível do que se vai produzindo, acompanhando o percurso e a evolução dos respetivos artistas, alguns deles, sem dúvida, já grandes nomes da arte contemporânea e outros, provavelmente, o irão ser no futuro.

Agostinho Santos

Abreu Pessequeiro



Sem título, 2020
Pastel, grafite e acrílico sobre papel e madeira
70 x 100 cm

Acácio de Carvalho



Anéis II, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

Afonso Pinhão Ferreira



No espreguiçar da onda (retrato da menina Constança Pinhão Ferreira), 2019
Óleo sobre tela
90 x 80 cm

Álvaro Domingues



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Por baixo das obras de arte, 2021
Fotografia impressa sobre papel
59 x 120 cm

Álvaro Siza Vieira



Sem título, 2020
Técnica mista sobre papel
50 x 35 cm

Ana Maria



Um sonho em Marte, 2021
Óleo sobre tela
150 x 130 cm

André Gigante



Deambulaia, 2020
Acrílico sobre papel Pittura 400g/m²
100 x 70 cm

Ângelo de Sousa



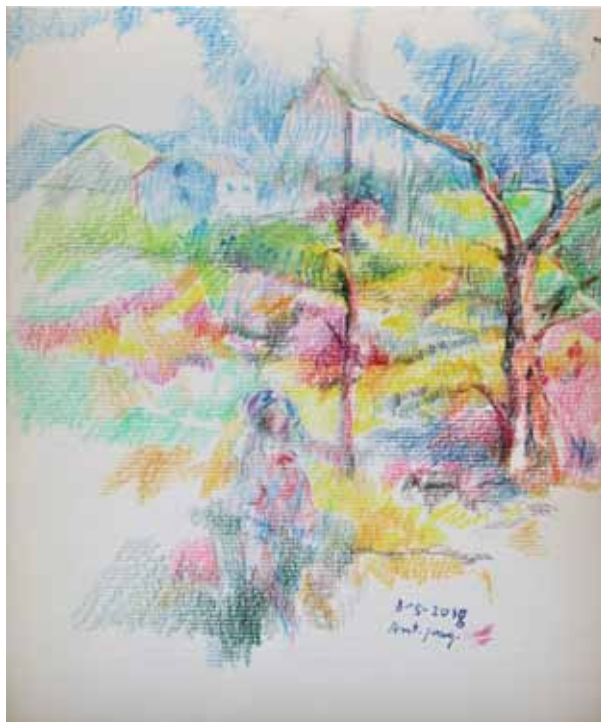
Sem título, 1976
Técnica mista sobre papel
21 x 15 cm

António Bessa



Três poetas do mundo e do Porto, 2021
Óleo sobre tela
150 x 120 cm

António Joaquim



Sem título, 2018
Lápis de cor sobre papel
27 x 20 cm

António José de Carvalho



Sem título, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

António Macedo

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



A terra e o sangue, 2005-2021
Óleo sobre tela de linho
80 x 120 cm

António Pizarro



Libelinhas em paz na pandemia, 2021
Acrílico sobre tela
170 x 120 cm

Augusto Canedo

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Série "Superficial",
Óleo sobre tela
120 x 120 cm

Avelino Rocha



Sem título, 2020
Acrílico sobre tela
92 x 73 cm

Balbina Mendes



Pessoa por dizer II, 2021
Técnica mista sobre tela
120 x 70 cm

Cabral Pinto



Desassossego, 2021
Acrílico sobre tela
100 x 80 cm

Cândido Lopes



Pandemia / Natal suspenseo, 2021
Acrílico sobre madeira
40 x 30 x 12 cm

Carlos Carreiro



Ulisses regressa a Ítaca, 2019
Acrílico sobre tela
125 x 140 cm

Carmo Diogo



Refugees, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 140 cm

Catarina Machado



Oceano Pacífico, 2019
Técnica mista sobre tela
75 x 150 cm

Catarina Vaz



Pedro, 2020
Acrílico sobre tela crua
105 x 115 cm

Charlotte Massip



Maja Rx, 2020

Gravura com impressão a talhe-doce (água-tinta, verniz macio, gravura e fotogravura), 70 x 118 cm

Cipriano Oquiname



O som da chamada na aldeia!, 2021
Acrílico sobre tela
126 x 88 cm

Conceição Abreu



Woven landscapes #1/5, 2018
Linha torçal têxtil, fotografia sobre tecido,
papel de aguarela e tricot, 115 x 75,5 cm

Constança Lucas



Bússolas e astrolábios, 2021
Desenho sobre papel (díptico)
2x (21 x 31 cm)

Cruzeiro Seixas



Sem título, S/D
Técnica mista sobre papel
15 x 13,5 cm

Diana Costa



Removed reality, 2019
Instalação multimédia: vidro acrílico
desenhado, recortado e iluminado
40 x 150 cm

Dina Palma Dias



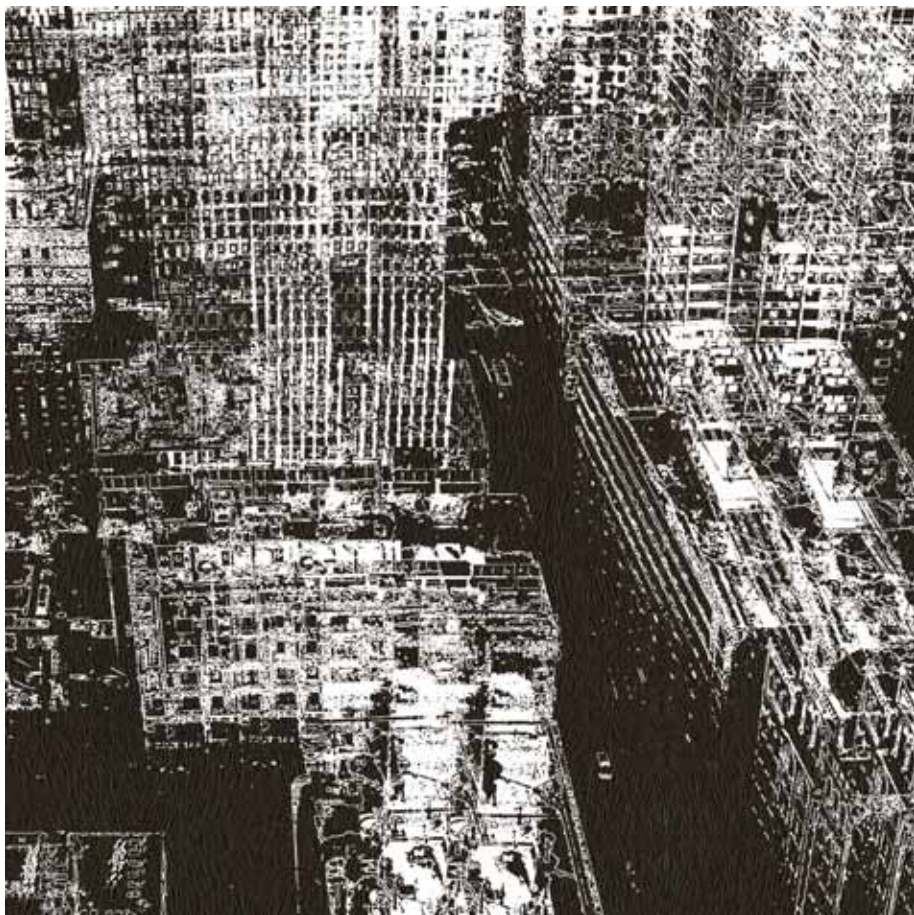
Sem título, S/D
Técnica mista sobre tela
80 x 60 cm

Diogo Goes



Muito bom aluno: Keep calm and study, 2019
Acrílico, pastel de óleo e colagem sobre tela
80 x 60 cm

Domingos Loureiro



Artistas convidados

Real and false experiences, 2021
Mdf pintado e escavado
120 x 120 cm

Eduarda Castro



Mulher Árvore, Mulher Natureza, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Emerenciano



Sem título, 2019
Acrílico sobre tela com colagem
100 x 80 cm

Fernanda Araújo



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Jardim improvável, 2021
Acrílico sobre tela
80 x 100 cm

Fernanda Boas



Laboratório 19, 2021
Técnica mista
50 x 24 x 24 cm

Fernanda Eva



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Preservando o meio ambiente, 2021
Acrílico sobre tela
100 x 130 cm

Fernanda Santos (Naná)



Telas improváveis, 2021
Acrílico sobre cartão
80 x 50 x 30 cm

Fernando Pacheco



Animais domésticos – somos todos, 2021
Acrílico sobre tela
50 x 70 cm

Fernando Rocha



Sem título, 2021
Acrílico sobre tela
160 x 160 cm

Filipe Braga



Pietà?, 2021

Fotografia impressão Giclée em papel
de algodão (edição de 3 exemplares)

112,5 x 150 cm

Filipe Rodrigues



O espanto das musas, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

Franchini

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Série Abstratos IX, 2019
Técnica mista sobre tela de linho
150 x 150 cm

Francisco Laranjo



Barbara terra fuit, 2021
Nanquim sobre papel colado em alumínio
150 x 130 cm

Gérard Morla



Veneza, 2020
Plástico sobre tela
70 x 50 x 7 cm

Gil Maia



Série On Paper, 2020
Óleo sobre papel
70 x 107 cm

Gonçalo Alves



À refeição, 2020
Acrílico sobre tela
65 x 55 cm

Gracinda Candeias



Sem título, 2012
Carvão sobre papel
100 x 70 cm

Helena Fortunato

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Ser-vegetal, 2021
Bronze e pedras
66 x 20 x 15 cm

Helena Leão



Recomeçar e fazer um novo fim, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Helena Rocio Janeiro



Quem não se perde não se encontra, 2021
Colagem
60 x 80 cm

Henrique do Vale



Nitratos, 2021
Técnica mista sobre cartão
6 x (30 x 41,5 cm)

Humberto Nelson



Floresta líquida, 2021
Acrílico sobre papel (quadríptico)
4 x (50 x 38,5 cm)

Isabel Babo



Pesca em noite estrelada, 2021

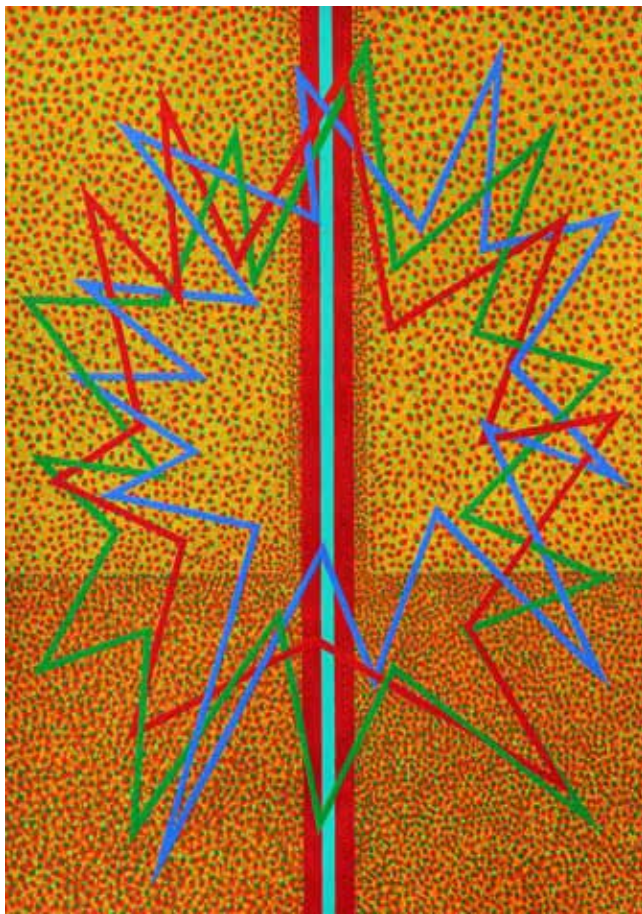
Técnica mista: material de pesca recolhido nas praias (redes, cordas e tampa de covos), arame montado sobre tela, técnicas manuais de crochê e tecelagem, pintura com tinta acrílica e esmalte
100 x 50 x 18 cm

Isabel de Andrade



Útero vegetal, 2021
Técnica de papel sobre estrutura de arame
150 x 39 cm

Isabel e Rodrigo Cabral



Linhas quebradas, 2019
Acrílico sobre papel
70 x 50 cm

Isabel Lhano

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Mãe coragem, 2021
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Jaime Silva



Sem título, 2021
Acrílico sobre tela
116 x 89 cm

João Alves



Pirâmide rosa, 2021
Acrílico sobre tela
140 x 97 cm

João Carqueijeiro



Sem título, 2020
Porcelana com óxidos e vidrados
58 x 15 x 16 cm

Jorge Braga

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Influenciador, 2021
Óleo sobre tela
100 x 100 cm

José Augusto Castro



Perto, 2021
Acrílico e oil bar sobre tela
81 x 100 cm

José Maia



Ameixoeira – A, 2021
Acrílico sobre papel
27 x 34 cm

José Paiva



Artistas convidados

Árvore, 2019
Caneta Pilot G TEC-C4, sépia, papel branco, bambu,
(90% fibra de bambú) 265 gramas, 29 x 39,5 cm

José Pinto



Esperança, Guiné Bissau, 2018
Fotografia impressa sobre papel
50 x 40 cm

José Rodrigues



Mulher, S/D
Tinta da China sobre papel
35 x 24 cm

José Rosinhas



Landscape windows, 2020
ArtGraf Tailor Shape sobre papel
100 x 65 cm

Juan Domingues



Alma (1.º / 2.º Movimento), 2020
Carvão, lápis conté e sanguínea sobre papel
110 x 150 cm

Júlia Pintão



Embora o céu olhe triste para mim, 2021
Técnica mista sobre tela
66 x 91 cm

Júlio Costa



Porto, 2021
Aquarela sobre papel
44,5 x 69 cm

Kinga Ogórek



Czarna Madonna (Madona Negra), 2021
Madeira, sacos de chá e tela
160 x 40 x 40 cm

Lagoa Henriques



Sem título, 2001
Tinta da China sobre papel
31 x 22 cm

Lauren Maganete



Just Walking 2021, 2020

Fotografia (impressão em vinil monométrico laminado a matte aplicado em pvc preto 3 mm), 100 x 150 cm

Levi Guerra



Natureza morta, 2020
Acrílico sobre tela
130 x 100 cm

Liseta Amaral



O meu rio..., 2020
Aquarela sobre papel
70 x 50 cm

Luís Santos



Saligia – Tentações de Santo António, 2021
Barro vermelho cozido a 1020°, modelado e pintado a
frio com tintas acrílicas e esmaltes
58 x 50 x 38 cm

Luísa Prior



Do teatro ao real, 2021
Técnica mista sobre tela
90 x 70 cm

Manuel Casal Aguiar



Cairo, 2019
Técnica mista
74 x 76 cm

Manuel Porfírio



Desenho objeto nº 39, Ana e Inês, 2020
Grafite, sanguínea e pastel sobre papel,
montado em caixa de madeira, 60 x 60 x 60 cm

Maria Afonso



O jogo da morte (da série: Na esteira do medo), 2021
Técnica mista sobre papel Fabriano 300gr
77,5 x 74 cm

María Rosas



Fanfarra, 2021
Acrílico sobre tela
90 x 140 cm

Mário Rocha



Olhares do silêncio, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Marta Lima



Contra-tempo, 2020
Assemblagem de materiais (madeira,
linha de algodão e caixas de música),
composição de três elementos, 40 x 120 cm

Marta Soutinho Alves



Fiat Lux, 2021
Madeira queimada, assemblagem, colagem e gravura
84 x 73 x 12 cm

Miguel Neves Oliveira



A máscara – O descanso do guerreiro, 2021
Ferro policromado
150 x 110 x 70 cm

Mirene



Labirintos, 2021
Acrílico sobre tela
100 x 80 cm

Nadir Afonso



Le Rêve, 2002
Acrílico sobre tela
97 x 127 cm

Nazaré Alvares

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Domesticação, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 150 cm

Norberto Jorge



1ª Viagem – Fragmento azul
– Horizonte sensível para os teus sonhos, 2021
Madeira, linha e pigmento azul, 168 x 100 x 40 cm

Nuno Raminhos



Sabotagem, 2019
Acrílico sobre tela
136 x 95 cm

Oswaldo Carvalho



Celebração #1, 2020
Acrílico sobre papel
96 x 66 cm

Paola Afonso



Cantigas d'amor, 2017

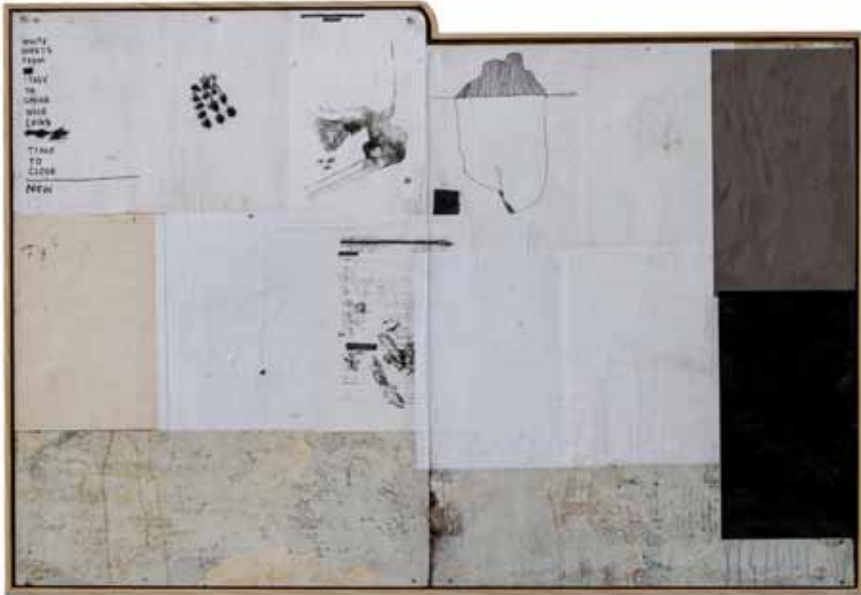
Livro de artista: técnica mista (linóleo, colagem e desenho com 85 páginas de papel de várias espessuras, encadernadas com uma cobertura em tecido 30,5 x 28 x 5 cm

Paulo Bernardino Bastos



Solidão – Labirinto, 2021
Técnica mista (fato, máscara, papel,
plasticina, ato performativo), 165 x 165 x 165 cm

Paulo Moreira



White sheets from Italy to China, 2019
Acrílico, spray e papel sobre platex
82 x 116 cm

Pedro Figueiredo



0 beijo, 2021
Bronze
52 x 52 x 34 cm

Pereira Lopes



0 meu bairro, 2007
Fotografia
70 x 100 cm

Raúl Valverde



Confinamiento, 2021
Acrílico sobre tela
60 x 60 cm

Ricardo Cardoso



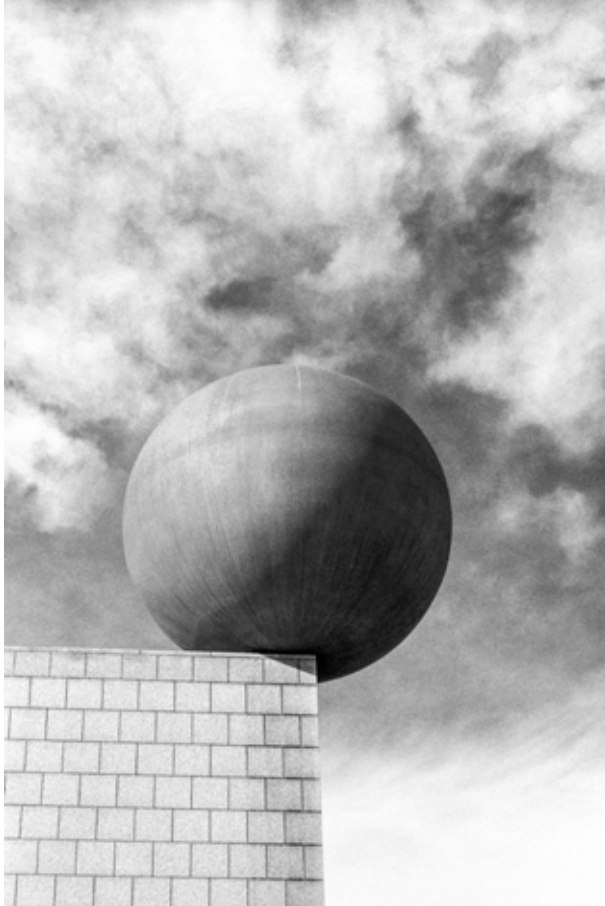
Águas paradas #3, 2019
Tinta da china, aguarela, pastel seco
e lápis de cor sobre papel
107 x 82 cm

Ricardo de Campos



Paisagem contaminada #2, 2021
Técnica mista sobre superfície metálica
150 x 130 cm

Ricardo Fonseca



Barcelona, 2020
Fotografia analógica com impressão digital
aplicada em Dibond, 90 x 60 cm

Roberto Chichorro



Sem título, 2013
Acrílico sobre papel manufaturado à mão
50 x 64 cm

Rosa Bela Cruz

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



A maçã verde, 2021
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm

Rosa Godinho



Fios de memória, 2019
Desenho sobre papel japonês
66 x 66 cm

Rosalina Santos



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Minas VII – Foz Côa, 2018
Fotografia digital
40 x 30 cm

Rui Costa



Artistas convidados

Promessa de uma manhã futura, 2021
Acrílico, pastel seco e carvão sobre tela
146 x 104 cm

Rui Coutinho



Jardim, 2019
Acrílico sobre tela
90 x 150 cm

Rui da Graça



Natureza-morta, 2019
Óleo sobre tela
85 x 70 cm

Rui Ferro



Da série: Os Mais Negros Retratos de Nós e Fantasmas – Os espelhos sempre me foram favoráveis. No reflexo do que sou, não existem mais bonitas do que Eu. Quando é Sim, é sem medo. E sem medo, foi Sim para ti. Naquele dia... Café da manhã... Sim, Victória! Naquele dia... SIM! Casada, Tu e Victória. Depois, para sempre, Nós, Angola e Victória. Depois, para sempre, Mãe, Filhos e Tótó. Para sempre, depois, Café da manhã, o cheiro da nossa viagem, sem derrota, mas já sem Tótó, nem Victória, 2020
Instalação parietal (vidro, plexiglass, madeira, azeite, café em grão) – 100 x 50 cm

Rui Morão



Sem título, 2020
Fotografia – impressão em papel Fine Art
50 x 50 cm

Sá Coutinho

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Pintura 1/21, 2021
Impressão serigrafia UV
150 x 150 cm

Sérgio Malpique Lopes



Dancing with the sun, 2021
Vidro de Murano soprado fixado em estrutura de aço
90 x 100 x 50 cm

Sérgio Reis

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



O segredo de Lázaro, 2020
Acrílico sobre tela (díptico)
2 x (120 x 75 cm)

Sobral Centeno



Artistas convidados

Série Berlin, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Susana Bravo

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Night vision, 2019/20
Técnica mista sobre tela
150 x 150 cm

Teresa Bravo



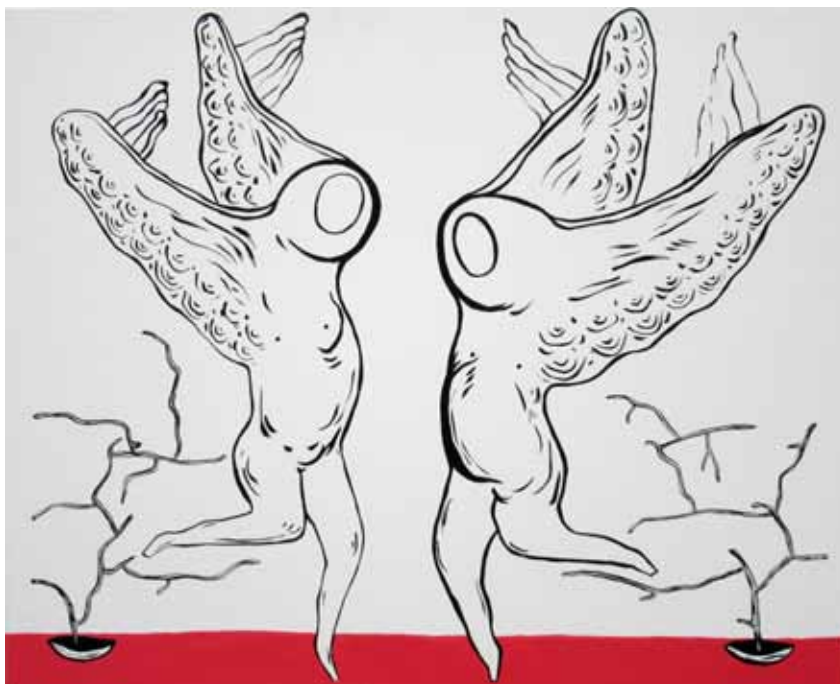
Hilariantes vermelhos, no combate
de esfera dentada, 2021
Acrílico sobre tela, 100 x 120 cm

Teresa Ricca



Poema do tempo que passa, 2021
Técnica mista sobre rede de metal
35 x 46 x 9 cm

Valter Hugo Mãe



Angelus novus, 2021
Acrílico sobre tela
80 x 100 cm

Victor Costa



Urban Bath, 2015
Acrílico sobre mdf
50 x 40 cm

Violante Saramago Matos



Sem título, 2020
Ecolines sobre papel
41 x 29 cm

Vítor Espalda



Máscara, 2021
Acrílico sobre tela
125 x 125 cm

Volker Schnüttgen



Tomos de uma vida, 2019
Madeira de carvalho americano
140 x 55 x 55 cm

Zélia Mendonça



Índios, 2020
Técnica mista sobre tela
70 x 70 cm

Zulmiro de Carvalho



Obscuridade, 2021
Grafite sobre papel Fabriano
152 x 102 cm



Paz e Constituição

Acácio de Carvalho
Agostinho Santos
Alexandre Rola
Ana Biscaia
Ana Maria
André Gigante
Augusta Albuquerque
Avelino Rocha
Balbina Mendes
Barroso Gomes
e Sandra Baptista (BAGO)
Cabral Pinto
Catarina Machado
Catarina Vaz
Céu Costa
Cipriano Oquiniame
Clara Castro
Constança Lucas
Dina Palma Dias
Diogo André Jesus
Diogo Goes
Do Carmo Vieira
Eduarda Castro
Elizabeth Leite
Fernanda Araújo
Fernanda Boas
Fernando Barros
Fernando Saraiva
Filipe Rodrigues
Franchini
Gérard Morla
Gina Marrinhas

Helena Fortunato
Helena Leão
Henrique do Vale
Humberto Nelson
Isabel e Rodrigo Cabral
Isabel Lhano
Joana Villaverde
João Carqueijeiro
Jorge Braga
Jorge Marinho
Júlia Pintão
Liseta Amaral
Luísa Prior
Luísa Santos
Maria Afonso
Maria Rosas
Marta Lima
Mirene
Nazaré Álvares
Norberto Jorge
Otília Santos
Rosa Bela Cruz
Rui Costa
Rui da Graça
Rui Ferro
Susana Bravo
Teresa Dias Coelho
Teresa Rafael (Rafi Die Erste)
Valter Hugo Mãe
Vicente de Brito
Zulmiro de Carvalho

Curadoria

ILDA FIGUEIREDO

Presidente da Direção Nacional
do Conselho Português para a Paz e Cooperação

Um desafio à afirmação da liberdade de expressão

No ano em que se comemoram os 45 anos da Constituição da República Portuguesa (CPR), nascida da revolução iniciada com o 25 de Abril de 1974, desafiamos 62 artistas plásticos a participar na exposição “Paz e Constituição”, integrada na 4ª Bienal Internacional de Arte Gaia 2021, que generosamente aceitaram o repto lançado pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação em parceria com Artistas de Gaia – Cooperativa Cultural.

Tendo em conta que a CRP é a lei matricial de todo o ordenamento jurídico português e uma carta de unidade do nosso viver coletivo, numa Pátria livre e soberana, reafirmar a vontade e a determinação de a respeitar, cumprir e fazer cumprir também é importante numa bienal de causas.

A CRP foi aprovada e promulgada em 2 de abril de 1976, sendo fruto da ação libertadora do Movimento das Forças Armadas e da luta do Povo português. As conquistas democráticas nela inscritas expressam os anseios de liberdade, de justiça e de paz que acalentaram a resistência ao fascismo do Povo português e dos Povos das ex-colónias. Um combate difícil, mas heroico, ao longo de décadas, que tantas vítimas e sofrimentos causou durante cerca de 48 anos de fascismo, incluindo 13 de guerra colonial.

A CRP consagra conquistas civilizacionais, alcançadas pelas lutas emancipadoras que iluminaram a história da humanidade no último século, estabelece e consagra inseparáveis direitos e deveres políticos, económicos, sociais e culturais: a base firme de uma democracia integral, com a subordinação do poder económico ao poder político democrático.

Na Constituição garante-se a igualdade de direitos, a responsabilidade pública do acesso de todos à saúde, à educação, à justiça, à segurança social, à habitação, ao associativismo. **Protegem-se os direitos de quem trabalha, os direitos e liberdades individuais e coletivas.** Defende-se uma política de paz, amizade e cooperação entre os povos.

Nesta exposição, os artistas, cada um a seu modo, expressam a sua visão criadora do tema proposto – Paz e Constituição – sendo cada trabalho uma afirmação da liberdade de expressão e da vontade de viver em paz, bem precioso e direito fundamental da humanidade, condição indispensável para assegurar um mundo melhor.

Nos trabalhos expostos, onde tive a honra de assumir a curadoria, ressalta a criatividade e solidariedade de artistas empenhados na defesa de causas, capazes de dar expressão artística à inquietação, aos anseios e aos sonhos que cada um transporta, sendo um importante exemplo da convergência de vontades em defesa da paz.

Ilda Figueiredo

Acácio de Carvalho



Confinados, 2020
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

Agostinho Santos



Colisão, 2016
Aquarela sobre papel
100 x 70 cm

Alexandre Roça



Homenagem a Maya Angelou, 2019
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm

Ana Biscaia



A menina e a bandeira, 2020
Grafite e pastel seco sobre papel
29,7 x 21 cm

Ana Maria



Grou, 2021
Óleo sobre tela
120 x 90 cm

André Gigante



0 tempo suspenso, 2020

Fotografia – impressão Giclée, P. Rag Bright White
310g/m² (edição limitada 3+1AP)

78 x 52 cm

Augusta Albuquerque



Vida e força, 2021
Grafite sobre papel
70 x 50 cm

Avelino Rocha



Esperança, 1994
Acrílico sobre tela
50 x 61 cm

Balbina Mendes



Paz e Utopia, 2021
Técnica mista sobre tela
120 x 70 cm

Barroso Gomes e Sandra Baptista (BAGO)



Rodeando, 2020
Arame e terracota
28 x 28 x 29 cm

Cabral Pinto



Dissonâncias, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 80 cm

Catarina Machado



Identidade, 2021
Fotografia sobre placa de alumínio
60 x 80 cm

Catarina Vaz



Before You Go, 2020
Acrílico, spray e posca sobre tela crua
136 x 123,5 cm

Céu Costa



Artigo 7 Ponto 2, 2021
Técnica mista sobre papel de cenário forrado a juta
135 x 100 cm

Cipriano Oquiname



Ai, o dia em que puder ser eu própria...!, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

Clara Castro



Inscreva-se na pedra!, 2021
Lousa, ferro e rede de arame
150 x 53 x 50 cm

Constança Lucas



Paz, 2021
Desenho sobre papel
19 x 29 cm

Dina Palma Dias



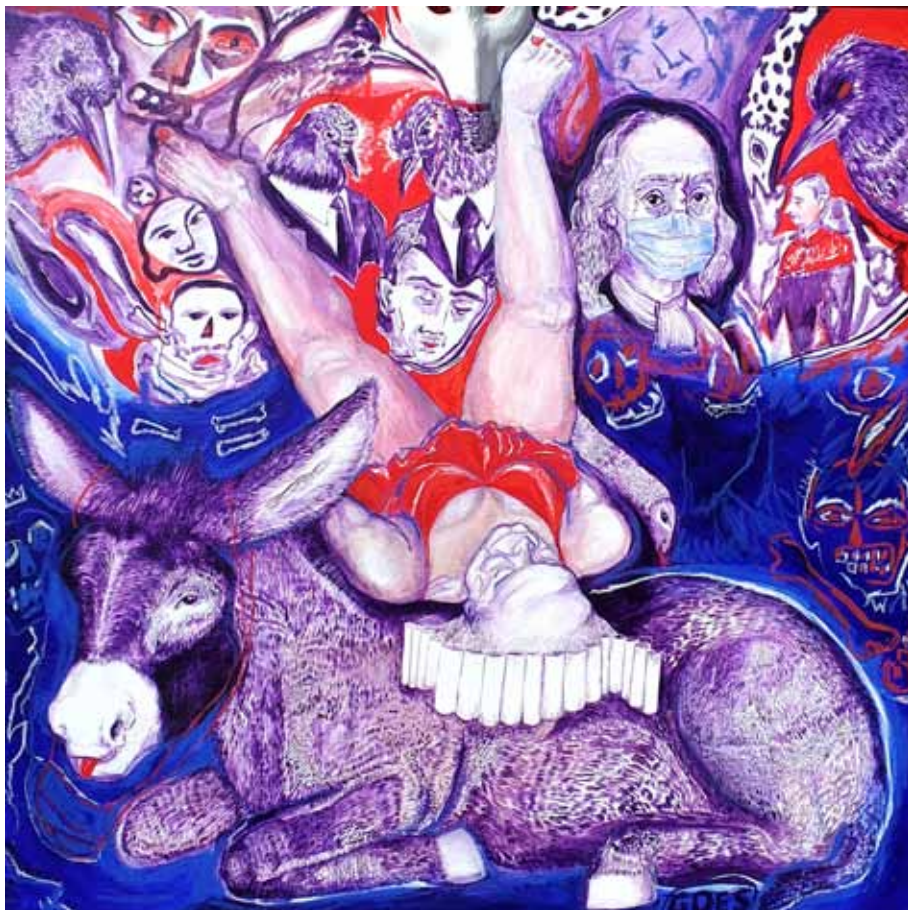
Pax, 2021
Técnica mista sobre tela
120 x 100 cm

Diogo André Jesus



Hiroshima e Nagasaki, 2020
Pedra negra, madeira e acrílico sobre tela
54 x 44 cm

Diogo Goes



A República carrega a Constituição adormecida –
interpretação do sonho da razão semeia monstros, 2021
Acrílico e pastel seco sobre tela, 80 x 80 cm

Do Carmo Vieira



Sonegados os direitos, roubados os sonhos..., 2019
Acrílico sobre lona
150 x 115 cm

Eduarda Castro



Marcas de um tempo infinito, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

Elizabeth Leite



A rua e o pregão de uma mulher com esperança no futuro, o pranto da criança atrás do muro, 2021
Acrílico sobre papel, 151 x 102 cm

Fernanda Araújo



Descaminhos da Paz, 2020
Acrílico sobre tela
60 x 120 cm

Fernanda Boas



Artigo 42.º, 2021
Técnica mista
150 x 60 x 60 cm

Fernando Barros



Afectos, 2021
Madeira pintada
118 x 35 x 13 cm

Fernando Saraiva



A verdade é sempre visceral, 2021
Assemblage sobre pvc
165 x 65 cm

Filipe Rodrigues



Igualdade, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

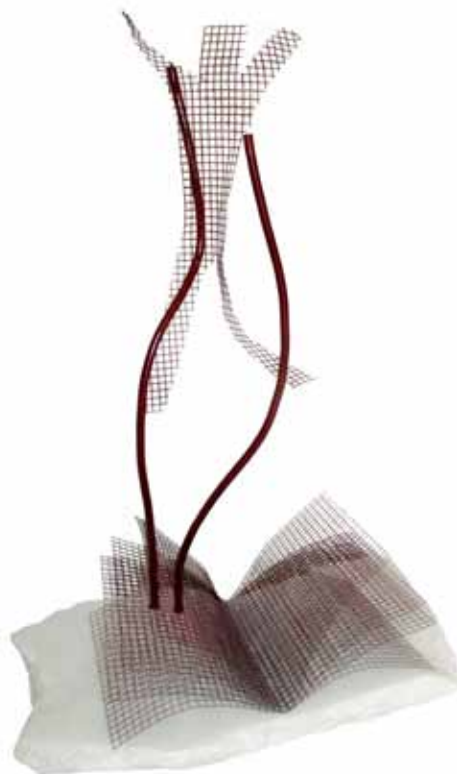
Franchini



Pintando pela Paz, 2021
Acrílico e pastel a óleo sobre tela de linho
150 x 75 cm

Gérard Morla

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Paz e Constituição, 2021
Tubo de alumínio e rede metálica
58 x 40 x 23 cm

Gina Marrinhas



Mãe, o milagre de viver: é onde tudo começa..., 2020
Óleo sobre tela
120 x 80 cm

Helena Fortunato



Aurora, 2021
Pedra e metais
28 x 50 x 15 cm

Helena Leão



Equilíbrio – balanço perfeito, 2021
Acrílico sobre tela
80 x 100 cm

Henrique do Vale

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



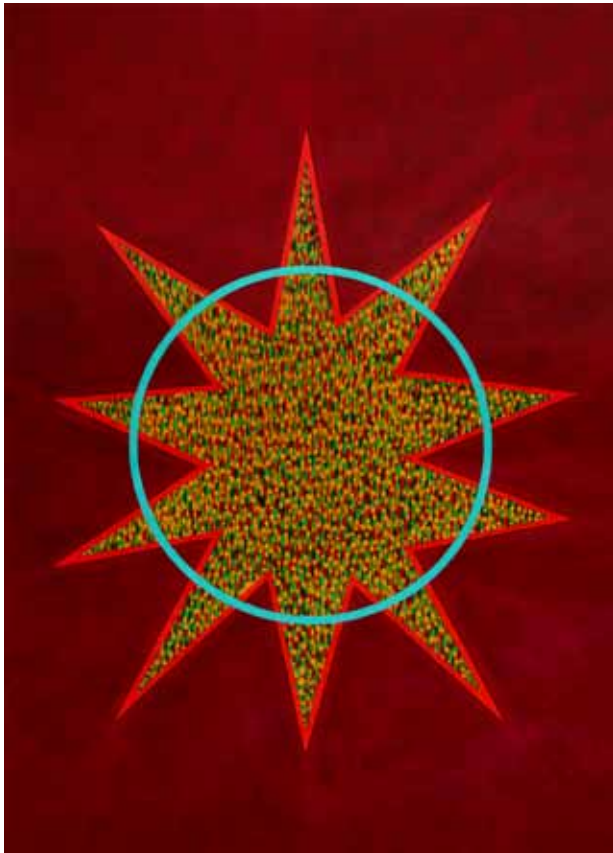
Azoto, 2021
Técnica mista sobre tela
150 x 60 cm

Humberto Nelson



Memória, 2021
Técnica mista sobre papel
100 x 70 cm

Isabel e Rodrigo Cabral



Sem título, 2019
Acrílico sobre papel
70 x 50 cm

Isabel Lhano



Engenharia, 2018
Acrílico sobre tela
80 x 80 cm

Joana Villaverde



Sem título, 2021
Óleo sobre papel
150 x 120 cm

João Carqueijeiro



Sem título, 2020
Cerâmica refratária vidrada a 1220º C
32 x 35 x 34 cm

Jorge Braga



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Confidencial, 2021
Óleo sobre tela
100 x 100 cm

Jorge Marinho



Paz e Constituição

Artigo 13, 2021
Técnica mista sobre tela
100 x 80 cm

Júlia Pintão



Respirar o azul da tua presença, 2021
Técnica mista sobre tela
93 x 93 cm

Liseta Amaral



Paz – Não, às agressões ambientais, 2021
Aquarela sobre papel
70 x 50 cm

Luísa Prior



Rostos escondidos, 2021
Técnica mista sobre tela
80 x 60 cm

Luísa Santos



Paz e Constituição

Talvez Paz, 2021
Acrílico sobre tela
60 x 50 cm

Maria Afonso



A Identidade Cultural – Artº 78, 2021
Grafite, pedra negra e acrílico sobre papel de cenário
76 x 50,5 cm

María Rosas



O início, 2020
Acrílico sobre tela
80 x 80 cm

Marta Lima



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

Qonstituição da República **Code**, 2021

Crochet com linha de algodão

40 x 40 cm



Por causa da Paz, 2021
Acrílico sobre tela
70 x 60 cm

Nazaré Álvares



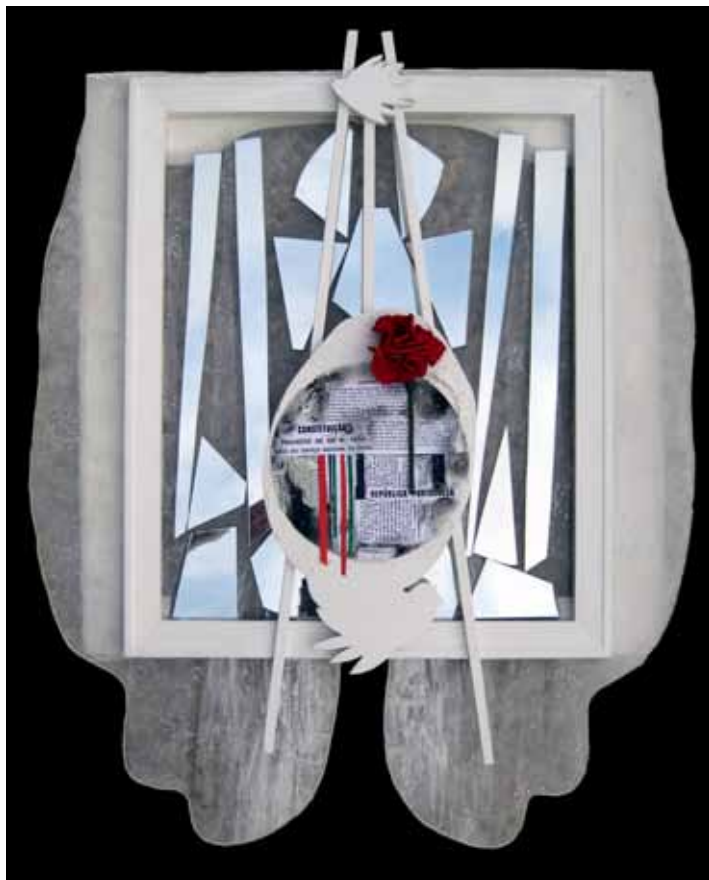
Artigo 46, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 100 cm

Norberto Jorge



Contentor arquivo de memórias imateriais
– Fala comigo, 2021
Vidro, metal e madeira
90 x 80 x 36 cm

Otília Santos



In memoriam, 2021

Técnica mista

85 x 69 cm

Rosa Bela Cruz



A pomba, 2021
Técnica mista sobre tela
86 x 86 cm

Rui Costa



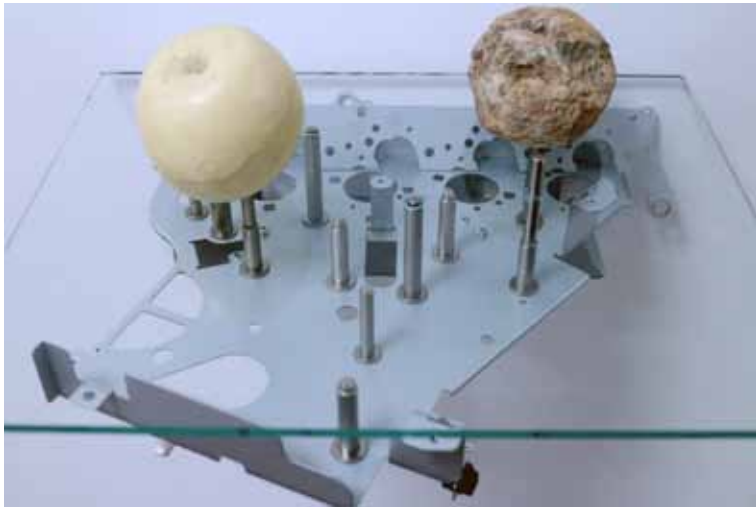
Enigma do Universo, 2020
Óleo, carvão, pastel seco sobre papel
150 x 86 cm

Rui da Graça



Objeto da série CODEX-A, 2018/2021
Madeira, cordão, metal, OSB, acrílico e óleo (díptico)
85 x 65 x 12 cm

Rui Ferro



Da série: Os Mais Negros Retratos de Nós e Fantasmas
– Distância a Adão, 2021
Instalação parietal (vidro, aço de máquinas,
pedra e resina de poliuretano), 31 x 24 x 15 cm

Susana Bravo



Find reality, 2021
Técnica mista sobre tela
150 x 150 cm

Teresa Dias Coelho



Sem título, 2018
Lápis de aguarela sobre papel
53 x 83 cm

Teresa Rafael (Rafi Die Erste)



The subsistence of birds, 2021
Spray e acrílico sobre tela
50 x 40 cm

Valter Hugo Mãe



Anjo mudo, 2020
Tailor shape sobre papel
75 x 55 cm

Vicente de Brito



Paz, 2021

Técnica mista: óleo e acrílico sobre
aglomerado de madeira, 125 x 85 cm

Zulmiro de Carvalho



Universo sombrio, 2021
Grafite e pastel seco sobre papel artesanal
123 x 92 cm



A democracia é uma obrigação de todos os dias

Albuquerque Mendes
Ana Torrie
Beatriz Albuquerque
Carla Cabral
Catarina Esteves Brandão
César Taíbo
Esgar Acelerado
Fátima Mendonça
Filipa Morgado
Filipa Venâncio
Filipe Romão
Joana Ramalho
Joana Vinagre
João Alves
Luís Silveirinha
Miguel Carneiro
Miguel de Carvalho
Miguel Pipa
Paulo Ansiães Monteiro
Paulo Sérgio BEJu
René Tavares
Rui Silvaes
Sama
Sofia Lomba
Susana Chiocca

A. Pedro Ribeiro
Adolfo Luxúria Canibal
Ana Paula Inácio
André Tecedeiro
Andreia C. Faria
Daniel Maia-Pinto Rodrigues
Emanuel Madalena
Helga Moreira
Isabel de Sá
João Gesta
João Habitualmente
João Paulo Esteves da Silva
João Peste
João Rios
Jorge Melícias
José Anjos
José Carlos Barros
José Rui Teixeira
Margarida Vale de Gato
Nuno F. Silva
Regina Guimarães
Renata Correia Botelho
Rui Almeida
Rui Lage
Valério Romão

Curadoria
VALTER HUGO MÃE

Conquistar a Democracia é praticá-la

Conquistar a Democracia é praticá-la. Sem exercício não há Democracia e qualquer retórica faz o engodo. Sei bem que todos pressentimos a cosmética do modelo em que nos encontramos, contudo, da etiqueta se avistam as pistas da ética e urgente é jamais deixar cair o princípio para que o caminho seja incondicionalmente a consumação.

Os dois veios fundamentais da Democracia são os mesmos que reconhecemos à Justiça: a Liberdade e a Igualdade. Com todas as moderações no direito a uma e outra coisa, é neste eixo que encontramos a afinação fundamental para quanto temos de construir, para tudo o que possamos pactuar enquanto sociedade.

Os regimes absolutistas definem-se todos pelo ataque à auto-determinação. Estão infectados de injustiça por definição. Não toleram a esfera privada, imiscuem-se no hábito do cidadão, em seu gesto e seu pensamento, reduzindo-o a suspeito, um elemento industriado, industrial. A Democracia, com sua caminhada sempre claudicante e falha, é a única proposta plausível de Justiça, a única expectativa de uma decente paridade nas oportunidades e nas liberdades.

Pensar este património é fundamental. O País de Abril tem na sua revolução pacífica um exemplo que é também o mais importante compromisso. Manter a paz, manter a força gentil, caminhar pela esperança de estarmos todos inscritos e fazermos todos parte dos planos de cuidado de um Estado equilibrado, que nos potencie, que nos respeite.

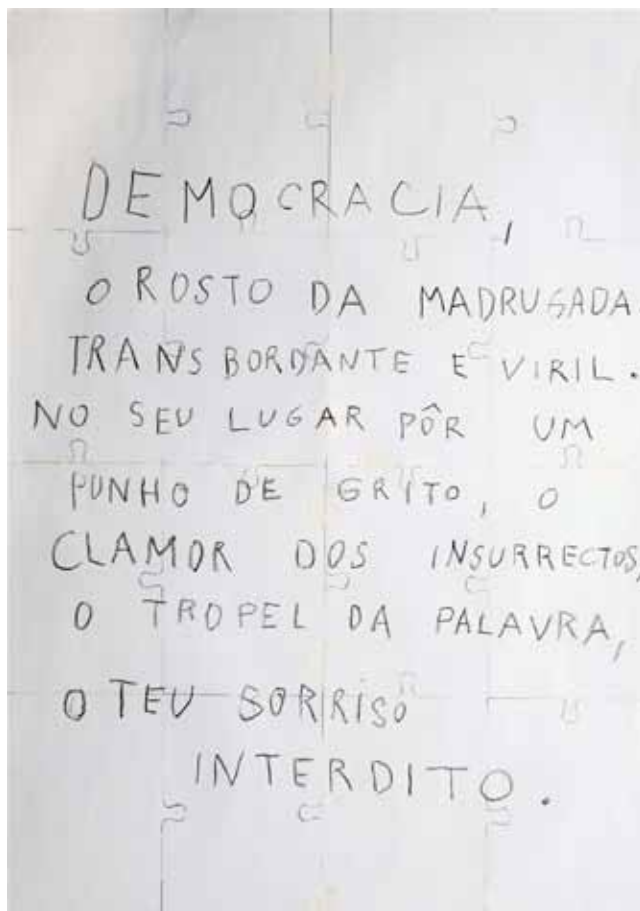
Com esta breve exposição importou-me a ideia de inclusão, essa fundamental para aludir a qualquer justiça e paridade. Interessaram-me artistas cuja expressão seja menos formal, menos institucional, deixando no ar a pergunta de saber se a contracultura é o dobro da liberdade? Haverá num certo lado verso das coisas uma admissão ao gesto e ao pensamento mais livre? Será essa postura, mais impertinente e difícil de se comprometer, exactamente um compromisso consigo mesmo, com isso que tanto alardeamos mas que nem todos alcançam e que é a genuína imposição de uma identidade? Algo que talvez apenas à revelia se consiga fazer. Talvez apenas à revelia uma obra de arte se alcandore à plenitude.

Mas a contracultura implica estar contra quem? Estamos necessitados de ir à revelia de quem e de quê? Quem, o quê, se opõe ao simples enimesmamento de uma identidade? Porquê temer a verdade franca dos outros? Não será esse o ponto fundamental de toda a construção social: o esplendor pacífico das diferenças de cada um?

Cada artista, poeta e pintor, falará por si, mas encontro nesta galeria de cinquenta nomes para vinte e cinco obras um retrato sem peneiras do que é reclamar voz, exercer a voz, ser democrata pela simples frontalidade de dizer o que se urge dizer.

Valter Hugo Mãe

Albuquerque Mendes + João Gesta



"Democracia, o rosto da madrugada transbordante e viril.
No seu lugar pôr um punho de grito, o clamor dos insurrectos,
o tropel da palavra, o teu sorriso interdito."

João Gesta

Em todos os dias, 2021
Lápis de cor sobre papel
84,1 x 59,4 cm

Ana Torrie + Daniel Maia-Pinto Rodrigues



“Hoje em dia, por causa do Vírus, sabemos o quanto nos custa não estar com quem queremos. Na ditadura acontecia o mesmo, porquanto era ela própria o vírus.”

Daniel Maia-Pinto Rodrigues

Sem título, 2021

Xilogravura sobre papel fabriano rosaspina 285g

84,1 x 59,4 cm

Beatriz Albuquerque + Regina Guimarães



“A Democracia seria dividir continuamente o poder a fim de multiplicar infinitamente as possibilidades. A Democracia pode ser aperfeiçoada, a Ditadura não.”

Regina Guimarães

Revolution, 2021

Mix Media: Desenho e bordado sobre tecido

84,1 x 59,4 cm

A democracia é uma obrigação de todos os dias

Carla Cabral + José Rui Teixeira



“Quero habitar o mundo como uma palavra tua. Sei que a luz entra pelo lado da tua presença. Atravesso o rio com a água pelas palavras. Alteio o silêncio até escutar o seu eco.”

José Rui Teixeira

Boia-de-salvação, 2021
Óleo e colagem sobre cartão 300 gr
84,1 x 59,4 cm

Catarina Esteves Brandão + Valério Romão



“A democracia não é liberdade, justiça ou igualdade; mas sem a democracia, nenhuma destas ideias – que hoje nos parecem banais e garantidas – pode ser concretizada ou mantida.”

Valério Romão

Sem título, 2021
Caneta de gel sobre K-line
84,1 x 59,4 cm

A democracia é uma obrigação de todos os dias

César Taíbo + Helga Moreira



“Acolher o fulgor / Vamos e vamos / Sete rosas mais tarde
Sete cravos ou mais / No centro do dia um lírio
Em modo qual for / Vamos e vamos / Dar / Ao fulgor / Motivo”
Helga Moreira

Vamos acolher o fulgor e vamos, 2021
Técnica mista (aguarela, gouache, lápis de cor e ceras)
sobre papel (cartolina), 84,1 x 59,4 cm

Esgar Acelerado + Rui Lage



“A Democracia é a casa do povo que lá não mora”

Rui Lage

Sem título, 2021

Ilustração digital – Photoshop. Impressão digital sobre papel

84,1 x 59,4 cm

Fátima Mendonça + João Peste



**“A democracia tolera a transgressão.
O autoritarismo tolera a ignorância.”**

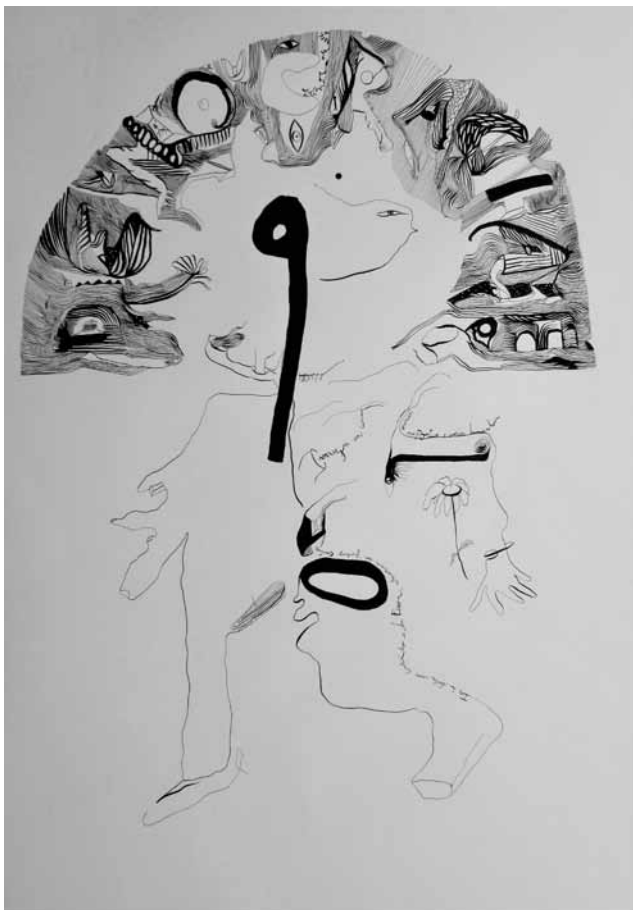
João Peste

Camuflado de guerra, 2021

Lápis de cor e pastel seco, sobre papel

84,1 x 59,4 cm

Filipa Morgado
+ Ana Paula Inácio



“Democracia é ir à bola com o Eusébio e ler Pessoa,
chorar em Johnny Guitar, amargar em Cioran,
nascer no Porto e amar Lisboa.”

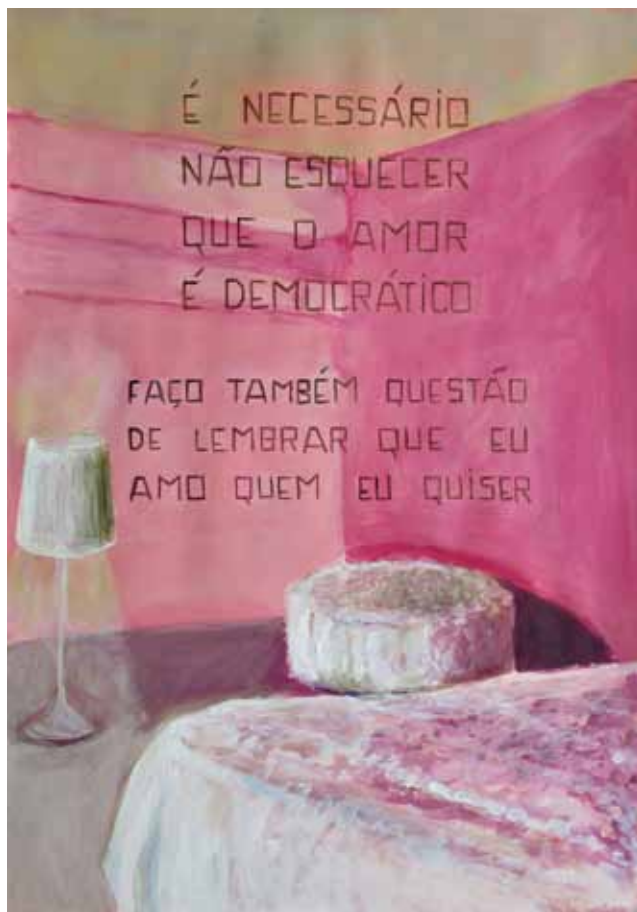
Ana Paula Inácio

Sem título, 2021

Tinta da China preta, sobre papel de aquarela Fabriano

84,1 x 59,4 cm

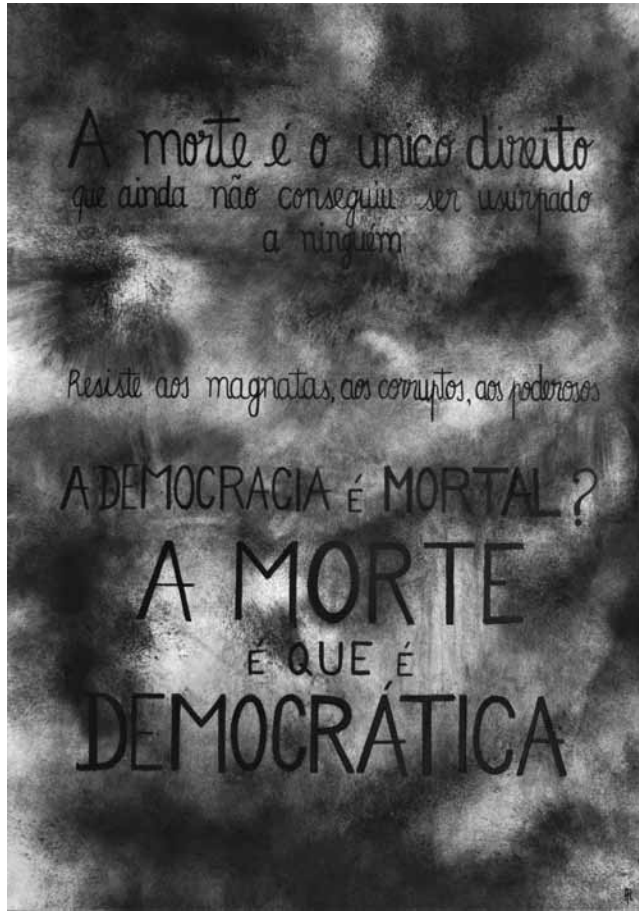
Filipa Venâncio + Nuno F. Silva



“É necessário não esquecer que o amor é democrático.
Faço também questão de lembrar
que eu amo quem eu quiseer.”
Nuno F. Silva

Suite Cerise (Hotel Savoy), 2021
Acrílico sobre papel
84,1 x 59,4 cm

Filipe Romão + João Habitualmente



"A morte é o único direito que ainda não conseguiu ser usurpado a ninguém. Resiste aos magnatas, aos corruptos, aos poderosos. A democracia é mortal? A morte é que é democrática."

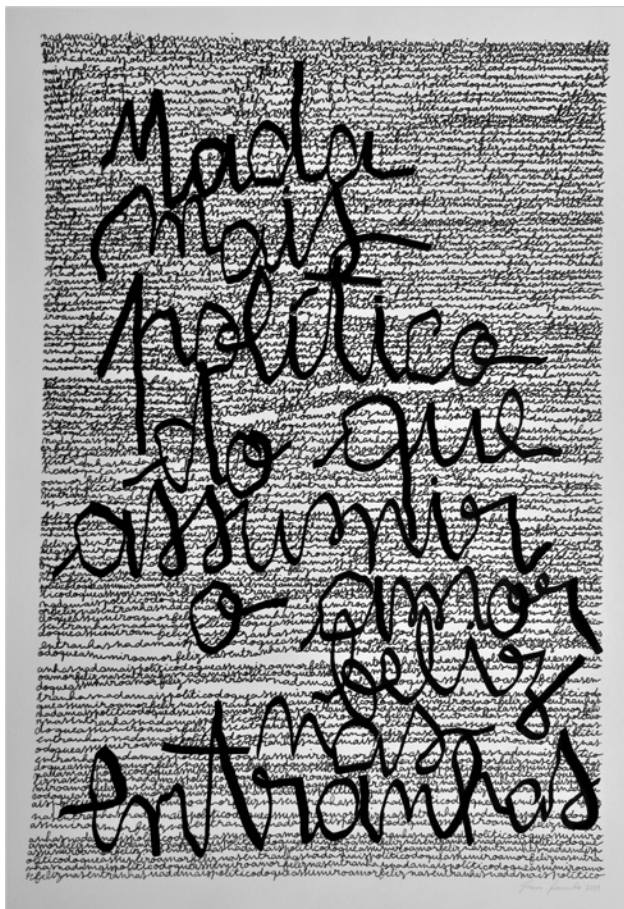
João Habitualmente

A morte democrática, 2021

Carvão sobre papel

84,1 x 59,4 cm

Joana Ramalho
+ Rui Almeida



“Nada mais político do que assumir
o amor feliz nas entranhas.”

Rui Almeida

Amor feliz nas entranhas, 2021

Caneta sobre papel 350 gr

84,1 x 59,4 cm

Joana Vinagre
+ João Rios



“Democracia. Viver sem demissão.”

João Rios

Sem título, 2021

Técnica mista sobre papel (marcador, lápis,
acrílico e aguarela), 84,1 x 59,4 cm

A democracia é uma obrigação de todos os dias

João Alves + Isabel de Sá



“Agora o meu dever é fazer de conta que isto tem sentido.
O estranho dá vontade de fugir. Ensombra a beleza toda.”

Isabel de Sá

Sem sentido, 2021
Acrílico sobre papel
84,1 x 59,4 cm

Luís Silveirinha
+ João Paulo Esteves da Silva



“Democracia, uma ideia bela e frágil que me inspira
amor e alguma pena.”

João Paulo Esteves da Silva

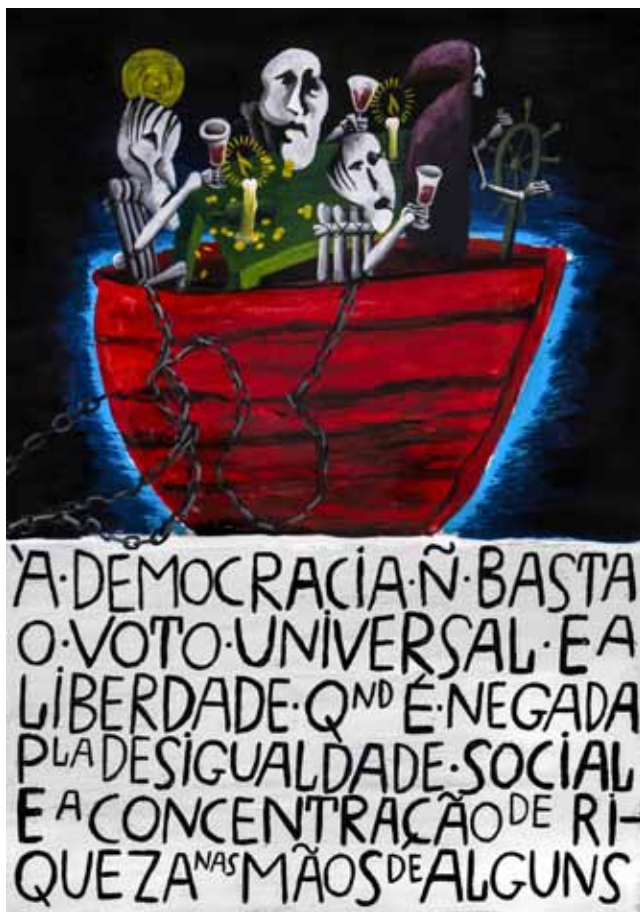
Sem título, 2021

Guache e grafite sobre papel Academia

84,1 x 59,4 cm

A democracia é uma obrigação de todos os dias

Miguel Carneiro + Adolfo Luxúria Canibal



“À democracia não basta o voto universal e a liberdade quando é quotidianamente negada pela desigualdade social e a concentração da riqueza nas mãos de alguns.”

Adolfo Luxúria Canibal

A nau dos poucos, 2021
Tinta de esmalte sobre cartão prensado
84,1 x 59,4 cm

Miguel de Carvalho + Emanuel Madalena



“Agora é tempo de correr a língua pelos dentes e cuspir um verbo iluminado pelo outro, para que caia a noite sobre a curvatura do ódio, e tudo comece sem peso nem tempo, de novo.”
Emanuel Madalena

História natural da democracia com mariposas, 2021
Colagem com fotografias originais, reproduções de borboletas,
manuscritos, papel milimétrico, imagens séc. XIX e mapas
antigos sobre papel Thibierge 350 g, 84,1 x 59,4 cm

Miguel Pipa + Renata Correia Botelho



“Na palavra Democracia vive a manhã e a noite, a luta e o amor, vivem todas as vozes, esta luz, o teu rosto e o meu, as nossas mãos. Só não vive o ódio, não lhe abrimos a porta.”

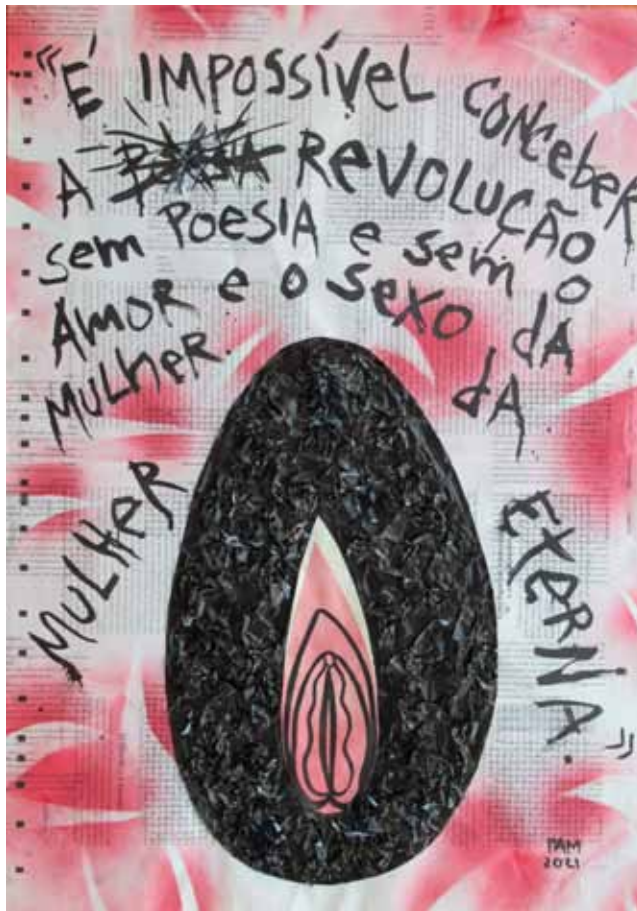
Renata Correia Botelho

Sem título, 2021

Técnica mista

84,1 x 59,4 cm

Paulo Ansiões Monteiro
+ A. Pedro Ribeiro



“É impossível conceber a revolução sem poesia e sem o amor e o sexo da mulher, da Mulher Eterna.”

A. Pedro Ribeiro

É impossível conceber a revolução..., 2021

Tinta da China e fita adesiva sobre papel

84,1 x 59,4 cm

Paulo Sérgio BEJu + André Tecedeiro



“Democracia: liberdade partilhada”

André Tecedeiro

Ventre, 2021

Esferográfica e bordado sobre papel canson 200 g/m²

84,1 x 59,4 cm

René Tavares + José Anjos



“blá blá blá blá
quando um tirano fala, se porventura algo for verdade,
é porque se enganou no texto”

José Anjos

Sem título, 2021
Pastel de óleo sobre papel
59,4 x 84,1 cm

Rui Silveiras + Andreia C. Faria



“Seja o nome que te derem amor inacabado.”

Andreia C. Faria

Seja o nome que te derem inacabado, 2021
Técnica mista (pastel de óleo, tinta acrílica,
spray e lápis de cor), 84,1 x 59,4 cm

Sama + Jorge Melícias



"A democracia é a gestão da mediocridade.
Antes "regatear covais em tempos de carnagem",
o que, feitas as contas, dá no mesmo.

Jorge Melícias

Sem título, 2021
Nanquim sobre papel
84,1 x 59,4 cm

Sofia Lomba
+ Margarida Vale de Gato

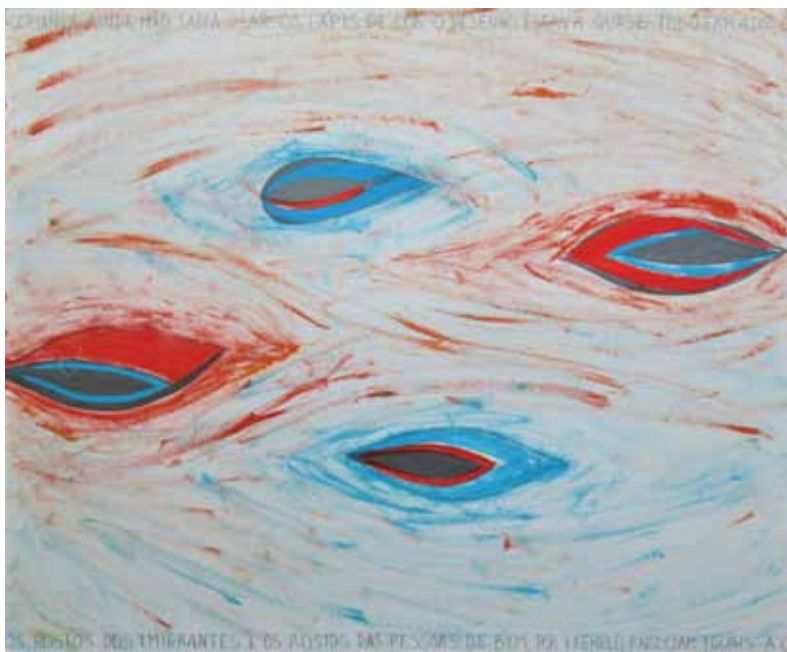


“diferentes, de frente controlar cobiça e susto
apontar justamente ao inaugural devoluto”

Margarida Vale de Gato

Corpo comunal, 2021
Acrílico sobre papel de seda
84,1 x 59,4 cm

Susana Chiocca + José Carlos Barros



“A criança ainda não sabia usar os lápis de cor. O desenho estava quase todo errado. Os rostos dos emigrantes e os rostos das pessoas de bem, por exemplo, pareciam iguais.”

José Carlos Barros

Olholume, 2021
Acrílico e grafite sobre papel prensado
59,4 x 84,1 cm



Vidas marcadas

Jorge Marinho

Conheci-a aos 8 anos nossos.
Chegou uma semana antes do Natal à escola.

Chegou de carro com uma senhora que a acompanhava à sala.

Salomé. Esta é a Salomé apresentou a professora.

A Salomé havia de chegar sempre de carro. Sempre com a mesma pessoa.

Uma vez perguntei-lhe se era a mãe dela. Limitou-se a um Não evasivo. Estremeceu.

Não voltei a perguntar!

Ficou por 6 meses.

Partiu como chegou. Sem aviso prévio.

Não fiquei com o telefone, não lhe soube o apelido.

Na minha escola acontecia isso com alguma frequência. Meninos e meninas apareciam e desapareciam a meio do ano, do mês, antes do Natal, depois da Páscoa.

Os meus colegas não achavam estranho. Diziam que eram “nómadas”. Talvez.

Eu, achava estranho. Todos os nómadas estremeciam quando se fazia perguntas sobre a família e só lhes conhecíamos o nome próprio.

Salomé, Manuel, Julieta. Joaquim.

Acabei por deixar de pensar nisso. As brincadeiras do recreio eram uma alegria, que, reparei, também os “nómadas” dispensavam.

Esquisitos. Não gostam de brincar. Talvez não possam sujar a roupa.

A Salomé, contudo, marcou-me.

Tímida mas inteligente. Pacata mas muito atenta. Cabelos negros compridos. magra. olhos muito azuis. vibrantes.

Não sei se parecia um anjo, uma Deusa, ou a protagonista da novela das 5.

Ali, na terra de ninguém, no lugar da Quintas das Poças, a sua presença não passava despercebida. Mas anónima. Era apenas a Salomé. Nómada. Talvez.

Quando, 20 anos depois, numa viagem a França, tive um acidente de carro e dei entrada no Hospital, não fosse estar no estrangeiro juraria que a médica que me atendeu só podia chamar-se Salomé.

Mas tinha cabelo muito curto, um sorriso largo, falava fluentemente francês e o rosto carregava toda a fé no Mundo.

Adéle. Dra. Adéle Blanche.

Um dia por engano chamei-lhe Dra. Salomé. Dra. Salomé.

Quase no elevador do Hospital virou-se instintivamente e surpreendida!

Pardon!

Desculpe. É que é tão parecida com a Salomé da minha escola.

Eu, licenciada em línguas, falei-lhe em Francês.

Ela, respondeu-me em Português!

Pensei que não lembrasses o meu nome. Eu reconheci o teu. Ainda guardo num caderno uma flor que deste.

A sério?

A sério.

Marcámos um café. No dia seguinte.

E foi então que percebi que os nómadas da minha escola não eram filhos dos trabalhadores sazonais da quinta grande rodeado de cedros.

Eram meninos e meninas que, tendo conseguido fugir de casa, não podiam dizer o seu nome verdadeiro, por isso não brincavam connosco no recreio.

Não estavam sós. Estavam com as mães. Ficavam pouco tempo na casa abrigo.

Uns voltavam a casa. Outros partiam para outros lugares.

Salomé voltou. A mãe teve saudades do pai. Do outro filho que não conseguiu levar.

Mas um ano depois foi viver com uma tia em França.

O pai, um dia, quando a mãe chegava do trabalho, acompanhada dos filhos, disparou a matar.

Salomé, que na verdade se chamava Adélia, escapou por milagre.

A irmã da mãe, acolheu-a e fugiu com ela para França.

Não regressaram.

Olhei para Adéle estupefacta!

Jamais lhe chamarei se não Adéle!

Qualquer outro nome não passa de uma profunda cicatriz.

Tão profunda como o nosso umbigo!

Mas não tão indolor!

Esta é uma exposição sem cerimónia da violência, porque a violência também não faz cerimónia.

Faz marcas. Desfaz vidas.

Vidas marcadas.

Alda Costa Fontes



Vidas marcadas / Jorge Marinho

Não olhes, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 100 cm



Medo I, 2020
Técnica mista sobre
tela, 70 x 50 cm

Medo II, 2020
Técnica mista sobre
tela, 70 x 50 cm

Eu acuso, 2020
Técnica mista sobre
tela, 150 x 80 cm





Violência I, 2020
Técnica mista sobre
tela, 70 x 50 cm



Violência II, 2020
Técnica mista sobre
tela, 70 x 50 cm



Violência III, 2020
Técnica mista sobre
tela, 70 x 50 cm



Violência IV, 2020
Técnica mista sobre tela
70 x 50 cm



Basta, 2020
Técnica mista sobre tela
70 x 50 cm



Com título I, 2020
Técnica mista sobre tela (díptico)
160 x 120 cm



Beijo, 2020
Técnica mista sobre tela
120 x 120 cm



Com título II, 2020
Técnica mista sobre tela
150 x 80 cm



As três fases da violência
doméstica, 2020
Técnica mista sobre tela (tríptico)
150 x 240 cm



The End I, 2020
Técnica mista sobre tela
140 x 100 cm



The End II, 2020
Técnica mista sobre tela
140 x 100 cm



Entre marido e mulher não se mete a colher, 2020
Técnica mista sobre tela (díptico)
100 x 168 cm



Porta chaves, 2020
Técnica mista sobre tela (díptico),
210 x 80 cm



Museu de Causas / Coleções Agostinho Santos

Adias Machado	Guilhermina Pereira
Agostinho Santos	Helena Fortunato
Alberto Péssimo	Isabel Contreras Botelho
Ana Romero	Isaura Sousa
António Pinto	Isilda Patrocínio
Avelino Rocha	Joaquim Pires
Barroso Gomes	Luísa Santos
Carmo Diogo	Luiz Morgadinho
Damião Nobre	Renata Carneiro
Danilson Fernandes	Ricardo de Campos
Diogo Goes	Rosa Amaral
Do Carmo Vieira	Rosa Dixe
Emília Viana	Rosa Galvão
Erica Laranjo	Rosa Ubeda
Evelina Oliveira	Sérgio Azevedo
Fernanda Eva	Sofia Torres
Fernando Barros	Tony Fausto
Florentina Resende	Victor Alves
Gérard Morla	Zélia Mendonça

Curadoria
HUMBERTO NELSON

Ver a arte com outros olhos

A mostra Museu de Causas / Coleções Agostinho Santos insere-se num projeto académico defendido e aprovado em 2015, no âmbito do doutoramento de Agostinho Santos, pela Faculdade de Letras e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

A tese, "Paleta Contemporânea – Museu de Causas: Bases de um projeto museológico solidário: Eu e os outros", assenta fundamentalmente na criação de um espaço expositivo, que se transforme num polo catalisador da arte contemporânea em Portugal, protagonizado no desenvolvimento do processo criativo e das suas potencialidades de intervenção social.

A componente social é a que mais apela aos problemas e confrontos do mundo contemporâneo, como as injustiças, a guerra, a fome, o desemprego, a degradação dos direitos dos trabalhadores, a corrupção, a fraude fiscal, a questão dos refugiados, o jogo, a sobreposição do poder económico sobre os mais importantes valores da condição humana, enfim todo um conjunto de dramas que afetam a sociedade.

Este projeto é inédito e envolve um acervo de cerca 6500 obras, de mais de 350 autores nacionais e estrangeiros. Alguns dos artistas representados na coleção são, entre outros, Júlio Resende, Júlio Pomar, Graça Morais, José Rodrigues, Nadir Afonso,

Ângelo de Sousa, Zulmiro de Carvalho, Jaime Isidoro, Paulo Neves e muitos outros.

A presente exposição pretende desvendar e simultaneamente divulgar o projeto, que brevemente será fisicamente transformado em realidade em Vila Nova de Gaia, mostrando um conjunto de obras, desta vez de, entre outros, Alberto Pêssimo, Helena Fortunato, Barroso Gomes, Carmo Diogo, Fernando Barros, Isabel Contreras Botelho, Rosa Amaral, Renata Carneiro. Isaura Sousa, António Pinto, Florentina Resende, Luísa Santos, Gérard Morla e Zélia Mendonça.

Trata-se de um excelente pretexto de alertar para a necessidade de se ver a outra parte da utilidade da arte, não apenas a parte de beleza exterior, decorativa, mas também uma arte com mensagem que obrigue ou incentive as pessoas (artistas e público) a refletir na arte de causas, da arte que se preocupa com os outros.

Humberto Nelson

Adias Machado



A morte na boca das
palavras, 2015
Técnica mista sobre tela
76 x 56 cm

Alberto Pêssimo



Sem título, 1999
Tinta da China sobre papel
32 x 44 cm

Ana Romero

António Pinto



Sem título
Técnica mista sobre tela
80 x 75 cm

Pensadora, 2021
Mármore
48 x 24 x 30 cm

Avelino Rocha

Barroso Gomes



Rodopio, 2020
Acrílico sobre tela
70 x 100 cm

Jogo perigoso, 2019
Acrílico sobre tijolo
18 x 29 x 6,5 cm

Carmo Diogo



Bicho papão, 2018
Acrílico sobre tela
70 x 50 cm

Damião Nobre



Fonte da memória
Técnica mista
80 x 40 cm

Danilson Fernandes



Violência stop
Acrílico sobre pneu de
borracha recortado
51 x 52 cm

Diogo Goes



Sem título, 2014
Acrílico sobre madeira
84 x 14 cm

Do Carmo Vieira

Emília Viana



Esquecidos, 2018
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

25 de Abril, 2013
Técnica mista sobre tela
120 x 80 cm

Erica Laranjo

Evelina Oliveira



Museu de Causas / Coleções Agostinho Santos

Última sessão, 2018

Óleo sobre tela

54 x 80 cm

O andarilho, 2007

Acrílico sobre papel

43 x 38 cm

Fernanda Eva

Fernando Barros

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Causa animal, 2018
Acrílico sobre tela
62 x 82 cm

Abraço, 2019
Madeira
43 x 30 x 12 cm

Florentina Resende



Save the sea, 2019
Óleo sobre tela
100 x 100 cm

Gérard Morla



Mulher
Técnica mista
32 x 43 cm

Guilhermina Pereira

Helena Fortunato



6º Continente
Técnica mista
83 x 57 cm

Solidariedade, 2001
Bronze
51 x 33 cm

Isabel Contreras Botelho

Isaura Sousa



Sem título
Acrílico sobre pano
200 x 123 cm



Corrupção, 2019
Técnica mista sobre platex
53 x 43 cm

Isilda Patrocínio

Joaquim Pires



Causa animal, 2016
Fotografia
50 x 70 cm

Liberdade, 2016
Técnica mista
47 x 30 cm

Luísa Santos



Hecatombe, 2020
Acrílico sobre tela
80 x 40 cm

Luiz Morgadinho



Forma bárbara, 2013
Acrílico sobre tela
75 x 50 cm

Renata Carneiro



Jardim encantado, 2014
Técnica mista sobre tela
150 x 60 cm

Ricardo de Campos



Homem sofredor, 2010
Técnica mista sobre tela
100 x 50 cm

Rosa Amaral



Cristo
Técnica mista sobre papel
60 x 43 cm

Rosa Dixe



Olhar
Acrílico sobre tela
60 x 50 cm

Rosa Galvão

Rosa Ubeda

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título
Técnica mista sobre tela
80 x 70 cm

Diálogos preocupantes, 1999
Técnica mista sobre jornal
46 x 30 cm

Sérgio Azevedo

Sofia Torres



Sem título, 2019
Técnica mista sobre papel
78 x 66 cm



I not a think, 2018
Acrílico sobre tela
60 x 80 cm

Tony Fausto

Victor Alves



Brumadinho, 2019
Técnica mista sobre papel
54 x 39 cm



A ave morreu na maré negra, 2016
Técnica mista
48 x 40 cm

Zélia Mendonça



Sem título, 2017
Técnica mista
77 x 175 cm

Agostinho Santos

4.ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Cabeça a prêmio, 2020
Acrílico sobre tela
330 x 212 cm



Da série "Monstros" I a X, 2021
Técnica mista sobre papel
102 x 72 cm











Infinitude da luz

Choichi Nishikawa
Izumi Ueda Yuu
Kodai Hihara
Lika Kato
Mami Higuchi
Mio Warashima
Misaki Shotaru
Sanae Yamamoto
Seigo Aoki
Tamami Ichimura
Tokuda Tetsuya

Curadoria
FILIFE RODRIGUES

O tempo da infinitude

A Infinitude é uma noção incomensurável, pela necessidade de estabelecer o que não tem limites nem regulamentos, nem um tempo determinado por uma agenda.

Hoje, determinado por tempo de inquietações sociais, pela devastação planetária, pelos comportamentos causados pela falta de rigor e exatidão no combate à poluição, transferem a totalidade da experiência do mundo para uma transnarratividade pós-industrial, evocativa de uma distopia sombria, onde a distância que separa a realidade externa do sujeito em si, explora condições radicais da herança subjetiva modernista em novas formas de subjetivismos.

O mundo artístico vive sob a permanente diversidade de formas de subjetivismos. São entidades silenciosas que partilham da mesma presença tanto nos processos de criação como no de contemplação artística. Tendencialmente são impercetíveis, mal damos por elas, mas sabemos que a variedade dos seus estilos estabelece relações em cada constituição social, criação histórica, valor político e determina concordâncias ou oposições com as configurações de saber e poder presentes em cada época. Quando falamos de subjetividade a primeira ideia que nos ocorre é que trata a figura do sujeito. Porém, os “modos de subjetivação são como as formas de poder e as relações de poder”¹, diferem em cada período histórico, por isso “a subjetivação é tanto coletiva como individual”².

Neste sentido, cada época produz diferentes modos de subjetivismos através da relação entre a natureza e a sucessão de acontecimentos culturais, econômicos, políticos e sociais. Esta noção abrange habitualmente dois fenómenos, a contemplação artística por parte do público e a “subjetividade do artista no plano da criação”³.

As coisas e a vida quotidiana não se compadecem com a utopia, critérios tradicionais, convenções éticas e estéticas herdadas pelo pós-capitalismo global. Devemos sobreviver á redução modernista, que deixava por terra tudo o que parecia pesado, para que as nossas expectativas em relação ao futuro nos permitam efetivamente abandonar as tradições e comportamentos do passado que prejudicam a vida comum para criarmos uma perspetiva de futuro coletivo.

É por isso, que as dúvidas no campo artístico, surgiram na crescente desconfiança das promessas, dos programas, movimentos e projetos modernistas que se interrelacionavam opondo-se uns aos outros. De uma forma ou de outra, o presente contemporâneo artístico questiona, duvida, reformula. Neste sentido, o presente indeterminado é, fundamentalmente constituído pela falta de certeza, oscilação, indecisão, com o propósito e como refere Boris Groys⁴, de “prolongar a reflexão”.

Num tempo em que não temos tempo para presenciar o presente, os processos artísticos contemporâneos – face às camadas de leituras progressistas, conservadoras, históricas, estéticas atacadadas

ao prefixo pós – podem refletir melhor sobre esta condição do tempo improdutivo, indeterminado, suspenso. Resistir à conceção da estética, desde Kant se coloca na perspetiva do espectador, é conceber um processo de expansão da liberdade, própria da liberdade poética como argumenta Boris Groys⁵.

Os processos da criação de arte, nos primórdios do século XXI, estabelecem como refere Hal Foster⁶, cinco padrões ou relações específicas: o mimetismo, o pós-conceptual, o objeto, o precário e o arquivo. Foster afirma não serem paradigmas, porque uns estão mais próximos dos dilemas dos artistas, enquanto outros das estratégias. Para os artistas, resistir num tempo intermitente, é possível através de um ativismo artístico onde a substância luz é infinita.

Filipe Rodrigues

«... nasce o milagre dum pensamento destinado a ficar inacabado, não apenas por nascer fragmentário e instantâneo, mas por ser destinado a continuar, transmigrando, na mente de outrem.»

Eduardo Lourenço⁷

¹ Deleuze, 2015, p.122 (tradução nossa); depois dos dois eixos estruturantes do universo de Michel Foucault, a arqueologia do saber e a genealogia do poder, Gilles Deleuze elege como terceiro eixo fundamental do pensamento Foucaultiano o retorno à ideia do sujeito. É, o regresso à ideia do governo de si e da relação entre o poder e as formas de subjetivação coletivas e individuais. O argumento de Deleuze cruza o que existe de comum nos pensamentos de Blanchot, Heidegger e Foucault, para desenvolvimento ver pp.5-82 da mesma obra. Deleuze, G. (2015). La subjetivación : Curso sobre Foucault. Tomo III. (P. A. Puente, Trad.) Buenos Aires: Editorial Cactus

² Deleuze, 2015, p.142 (tradução nossa); para desenvolvimento ver pp.123-168 da mesma obra.

³ Almeida, 2016, p.34; o autor introduz a subjetividade do artista, como fenómeno fundamental de força e vitalidade exercida pelos artistas que caracteriza como modernistas; Cézanne, Van Gogh e Gauguin. Almeida, B. P. (2016). Arte Portuguesa no século XX – Uma história Crítica. Matosinhos: Coral Books

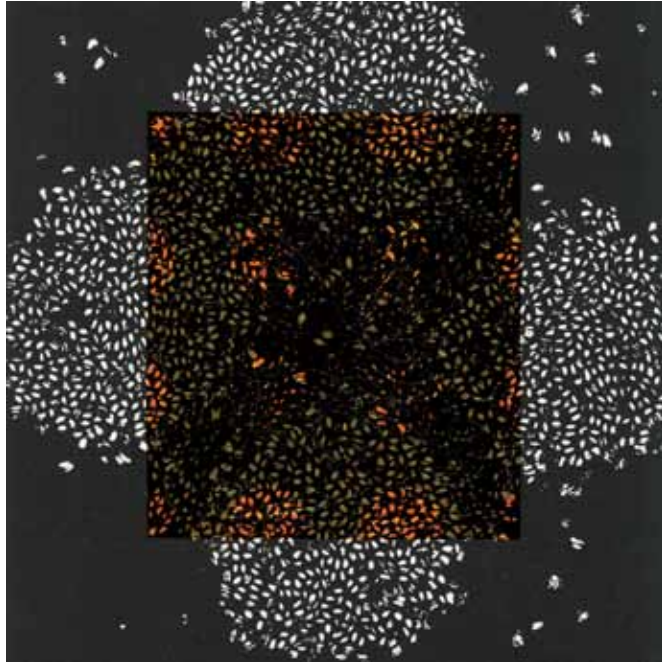
⁴ Groys, B. (2016). Volverse Público. Buenos Aires: Caja Negra.

⁵ Ibidem

⁶ Foster, H. (2015). Malos Nuevos Tiempos. Madrid: Akal.

⁷ Lourenço, E. (2017) Da Pintura. Gradiva

Choichi Nishikawa



Relação de forma e cores #34
Monotipia sobre papel
25 x 25,5 cm

Izumi Ueda Yuu



Infinite da luz

Paper Trail

Tinta Sumi, colagem, papel artesanal japonês feito à mão,
papel dobrado em sessenta e quatro seções, 198 x 213 cm

Kodai Hihara



“Da história como agarrar uma nuvem”,
Camelo andando nas nuvens
Madeira, 25 x 40 x 13,5 cm

Lika Kato



Infinite da luz

Dragão iluminado
Arame, fio e papel japoneses
100 x 120 x 60 cm

Mami Higuchi



Sublimating boats II
Técnica mista
100 x 100 cm

Mio Warashima



Someone brings Spring
Acrílico sobre madeira
40 x 30 cm

525

Misaki Shotaru

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Spring Mountain
Pedra
20 x 60 x 20 cm

Sanae Yamamoto



Infinite da luz

Light 1
Técnica mista sobre papel japonês colado em tela
20 x 20 cm

Seigo Aoki



Shadows
Lápiz de cor sobre papel
6 x (40 x 30 cm)

Tamami Ichimura



Face
Terracota
20 x 20 x 35 cm

529

Tokuda Tetsuya



Catarse
Madeira
60 x 30 x 16 cm



A importância de ser Ernesto

Acácio de Carvalho
Agostinho Santos
Alvarinho Siza Vieira
Álvaro Domingues
Armando Alves
Carlos Vale
Catarina Machado
Daniela Vilas Boas
Dulce Barata Feyo
Evelina Oliveira
Fátima Carvalho
Fernando Lanhas
Filipe Rodrigues
Franchini
Francisco Trábulo
Henrique do Vale
Henrique Silva
Humberto Nelson
Ilda Figueiredo
Isabel Soares

José Rodrigues
José Saramago
Júlio Costa
Liseta Amaral
Luís Pedro Silva
Luís Torres
Manuel Cargaleiro
Manuel Pinheiro da Rocha
Margarida Leão
Miguel D'Alte
Nazaré Álvares
Paulo Cunha e Silva
Paulo de Carvalho
Ricardo Gritto
Rui da Graça
Rui Oliveira
Sobral Centeno
Valter Hugo Mãe
Zulmiro de Carvalho

Curadoria
NAZARÉ ÁLVARES

Memória de um presente adiado

Não obstante a paráfrase de Oscar Wilde para título desta exposição – A importância de ser Ernesto –, uma outra referência autoral se presta para a contextualizar: referimo-nos a Wim Wenders e aos seus anjos que, alheios à lógica de Cronos, melancolicamente contemplan e escutam, sem distinção de passado, presente ou futuro, o pulsar da vida dos comuns mortais que habitam a cidade de Berlim. A pandemia transformou-nos, a todos nós, em anjos assim, suspensos no limiar de um tempo que é e já não é o nosso, perplexos e confusos perante a dúplice visão de uma realidade de silêncios e vazios que se instalou sobre a memória, ainda por desvanecer, de uma realidade distinta, feita de gente, portas abertas e festa...

Evocar o restaurante O Ernesto, transpondo, a jeito de instalação, a sua memorabilia para a 4ª Bienal Internacional de Arte de Gaia, justifica-se como metáfora desse limbo a que todo o setor comercial e, particularmente, a restauração, se vê devotado em consequência da pandemia.

No mesmo espaço expositivo, contrapõem-se e interrogam-se duas espécies de coisas, duas espécies de tempo: a esterilidade do mobiliário inerte – mesas e cadeiras a um canto, o armário fechado – dispensado do seu fim utilitário; e a fertilidade pulsante dessa outra ordem de coisas, a das obras de arte (da coleção do proprietário, Reinaldo Pereira)

que, por transcenderam a dimensão utilitária, mantêm viva a promessa de futuro.

É difusa a fronteira entre a construção desta coleção particular e a História e identidade do próprio restaurante, espaço de confluência, em mais de meio século de existência, de uma vasta e eclética clientela, onde abundam distintos representantes dos mais diversos setores, nomeadamente da cultura e das artes. Assim se explica a presença, entre as obras expostas, de nomes como os de José Rodrigues, Júlio Resende, Zulmiro de Carvalho ou Manuel Cargaleiro. Dos grandes mestres a artistas emergentes, o desfile de obras evolui pelo espaço expositivo num ritmo errático, contrastante com a ostensiva espontaneidade do artista Henrique do Vale, amigo pessoal do proprietário, e aqui representado por uma série de peças, bi e tridimensionais, na sua maioria propositadamente realizadas para decoração do restaurante em épocas festivas.

Se a convivialidade é, particularmente na nossa cultura de sabor mediterrânico, característica integrante dos prazeres da mesa, n'O Ernesto ela vai mais longe, à quase obrigatória criação de laços afetivos entre comensais e pessoal da casa. À volta da mesa, a conversa trivial ganha a espessura da tertúlia, a efemeridade do momento corporiza-se no desenho ou no texto, espontaneamente inscritos em guardanapos ou nos mais variados suportes, e não é só pelo tradicional boca-a-boca que a fama das ementas

se propaga fora de portas – caso da salada de frutas, evocada na iniciativa “Um Objeto e seus Discursos”, pela mão de um dos mais ilustres e saudosos frequentadores e amigos d’O Ernesto, Paulo Cunha e Silva.

Esperamos o fim deste presente adiado, para podermos desfrutar plenamente dos sabores, cores e afetos insinuados nesta exposição. Mais do que evocado, é importante que O Ernesto seja!

Nazaré Álvares







A importância de ser Ernesto

Henrique do Vale

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título, 2014
Acrílico sobre caixas de madeira em
estrutura de metal, 210 x 110 cm



Sem título
Acrílico sobre pano
800 x 300 cm





A importância de ser Ernesto

Agostinho Santos

José Rodrigues



Sem título
Acrílico sobre tela
42 x 32 cm



Sem título, S/D
Desenho sobre papel
37 x 26 cm

Evelina Oliveira

Miguel D'Alte



From my memory, 2008
Acrílico sobre papel sobre madeira
30 x 30 cm

Sem título, 2005
Acrílico sobre papel
52 x 43 cm

Nazaré Álvares



Je t'aime - round 1, 2016/2018
Acrílico sobre papel sobre K-line
42 x 32 cm

Rui Oliveira



Retrato das filhas do Reinaldo
Óleo sobre tela
50 x 60 cm

Sobral Centeno



Sem título, 2008
Acrílico sobre papel
38 x 27 cm



Dondrigo

Monica Faverio

Dondrigo

O azeite. Uma dádiva da natureza, essência derivada duma árvore que atinge a força através das raízes, veias que absorvem energia da fértil Terra de Vila Flor.

A Oliveira, símbolo da paz.

Os seus ramos são arcos.

Quis representar com um arco, a aliança entre os dois mundos, o visível e o invisível.

Símbolo da tensão vital.

Uma homenagem ao destino inelutável, o encadeamento dos atos...

O meu sincero agradecimento ao Azeite Dondrigo por este convite.

Monica Faverio



Monica Faverio



Dondrigo

Dondrigo, 2021
Instalação



As artes entre as letras

Alexandre Rola
Álvaro Siza Vieira
Armando Alves
Edgar Pêra
Emerenciano
Francisco Laranjo
Isabel Saraiva
José António Nobre
José Emídio
José Rodrigues
Maria André
Zulmiro de Carvalho

Curadoria
NASSALETE MIRANDA
Diretora do jornal
As artes entre as letras

A materialização dos afectos

O 12º ano do jornal cultural quinzenal “As Artes entre As Letras” pautou-se em ano de pandemia, com a possibilidade de integrar a Bienal Internacional de Arte de Gaia. Um convite que muito nos honrou e que nos deu a possibilidade de mostrar a um público muito diversificado, as obras originais que foram as suas capas de aniversário (primeiras páginas): Trabalhos feitos, na sua maioria, exclusivamente para o efeito e assinados por artistas plásticos e pintores que, de desta forma generosa e cúmplice nos caminhos das artes e das letras, permanecem entre nós!

Em 2010, para ilustrar a capa do primeiro ano do jornal, o muito querido e saudoso Mestre José Rodrigues, premiou-nos com um desenho que simboliza a maternidade... talvez porque de um nascimento se tratava!

No ano seguinte, Francisco Laranjo associa-se ao segundo aniversário com um acrílico de cores quentes em forma de esperança de vida a continuar em círculo necessariamente imperfeito.

No terceiro ano, Isabel Saraiva, presenteia-nos com uma obra em que a ponte é a metáfora da comunicação entre as margens. Nós, jornal, comunicamos com os leitores, que comunicam entre si e conosco para além do espaço e do tempo, porque nas pontes da Isabel Saraiva, as margens não “comprimem,

nem oprimem” nem a liberdade, nem o sonho nem a palavra.

A edição número 100 do Artes, conjugado com o quarto ano de existência quinzenal, fica enraizado na tela de Armando Alves, através de uma das suas magníficas e emblemáticas árvores, que fazem da vasta planície alentejana um lugar de ir e ficar!

Alexandre Rôla, artista plástico que recicla materiais diversos, particularmente cartão que viu mundo, ofereceu-nos para o quinto aniversário uma composição cuidada no seu significado e com a mensagem clara de que só o tempo não é reciclável, logo, aproveitá-lo é urgente!

A edição do sexto ano, em 2015, teve na capa um trabalho do artista/poeta Emerenciano - uma mão aberta ao mundo: em cada dedo um sentido, o sexto sentido, porque seis são os anos, é um traço delicado que une os dedos e se prolonga para fora da mão. Envolve-a e liberta-a em jogo de sedução... O sexto sentido dizem que é feminino!

Dedicamos o sétimo ano à sétima arte – o cinema e o artista/cinéfilo Edgar Pêra, criou uma imagem a ser vista em 3D, com os respectivos óculos que seguiram em anexo. Parece que nesse ano fizemos história por ter sido a primeira vez que um jornal se atreveu a convidar os seus leitores a olhar para a primeira página e partir para uma aventura tridimensional oferecida pela imagem do Edgar.

O símbolo do infinito é uma espécie do número oito deitado, pelo que para o ano oito do jornal quisemos associar

o número ao tema. E, quando o tema é o infinito, há nomes dos quais não nos afastamos, desde logo o do nosso muito estimado Amigo, o Arquitecto Siza Vieira. O resultado é um trabalho inspirado e inspirador: um Pessoa em perfil que nos observa atrás das lentes dos seus óculos minimalistas como a dizer: já são mais os anos desta publicação do que os meus heterónimos!

José Emídio foi o autor da obra que preencheu a primeira página da edição que marcou o nosso nono aniversário: a música, a literatura e a poesia, o cinema, o teatro são um todo, são um sentido comum no sentido da vida e a essência que embeleza a existência do ser humano. Assim pintada, assim desenhada e assim (con)sentida.

Para os 10 anos convidámos o escultor Zulmiro Carvalho a pensar em algo que firmasse os nossos primeiros dois dígitos. Disse que sim, e o número 10 por ele forjado, tem a força do número 100. Precisámos de ter uma primeira página que marcasse a nossa primeira década de forma ímpar, granítica na vontade e leve como o sonho que nos “comanda a vida”.

Em 2020 entrámos em pandemia pela primeira vez neste nosso século e nas nossas vidas. O susto confinou-nos, mas não conformou. Fazíamos 11 anos, não podíamos parar. Precisávamos de algo muito diferente, arrojado que desse cor e forma à inquietação e que fosse ao mesmo símbolo de esperança. O artista plástico e escultor José António Nobre

tem uma forma peculiar de dar forma à cor e presenteou o nosso quinzenário com um trabalho em espiral onde as letras e as artes se misturam sem olhar ao tempo e ao modo, apenas se movimentam em crescendo sussurrando com firmeza: não parar... não parar...

2021 – 12 anos – o número está no ano e vice-versa. Dizem os entendidos em numeralogia que é bom sinal. Não sei. Não sabemos. A pandemia não foi embora, apenas abrandou deixando um rasto de espantar!

Balbina Mendes é a autora da pintura que representa o 12º aniversário do jornal. Pessoa, de novo e por necessidade, porque é preciso que todos os nossos “eus” se unam para enfrentar as tempestades que espreitam todas as oportunidades para afundar a esperança.

Balbina Mendes jogou a nesta sua tela e com mestria, ouro em versos conhecidos do poeta, que se circulam à volta da sua figura em diálogo cúmplice e solto com o azul índigo desse mar imenso “salgado” por quantas “lágrimas de Portugal”. Ouro sobre azul nos 12 anos do As Artes entre As Letras. Porque não?!

Nassalete Miranda

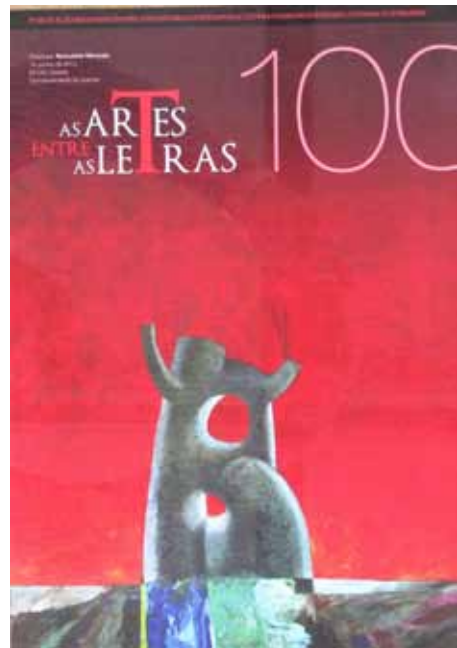




Álvaro Siza Vieira

Armando Alves

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



8º Aniversário 4º Aniversário

Francisco Laranjo



José Rodrigues



As artes entre as letras

2º Aniversário 1º Aniversário

Zulmiro de Carvalho







Viarco

Indústria de lápis

Agostinho Santos
Ana Fonseca
Beatriz Horta Correia
Beatriz Manteigas
Cris Franchevich
Diogo Pimentão
Graça Pereira Coutinho
Janine Hall
Jo Lane
José Emídio
Marco Moreira
Miguel Gaspar
Rita Gaspar Vieira
Vanda Madureira

Curadoria
JOSÉ VIEIRA
Administrador da Viarco

Entre amigos

A exposição marca o reinício da atividade cultural da Viarco após estes meses de paragem e reflexão forçada.

Sentimos muita falta de estar entre amigos, abraçar, dar beijos a quem se gosta, tocar e deixar um pouco de nós na vida uns dos outros.

Ao longo dos anos temos tido o privilégio de receber visitas que se tornaram da casa. Personagens curiosas de passagem que nos marcaram para sempre, e ainda que distantes fisicamente, o tempo não apaga da memória os bons momentos que passamos juntos e o quanto foi importante para nós a sua presença.

Celebramos nesta exposição a amizade, o gosto pela colaboração, o sentido crítico, a capacidade de fazer, resistir, de transformar o futuro.

Bem-vindos de regresso a casa.

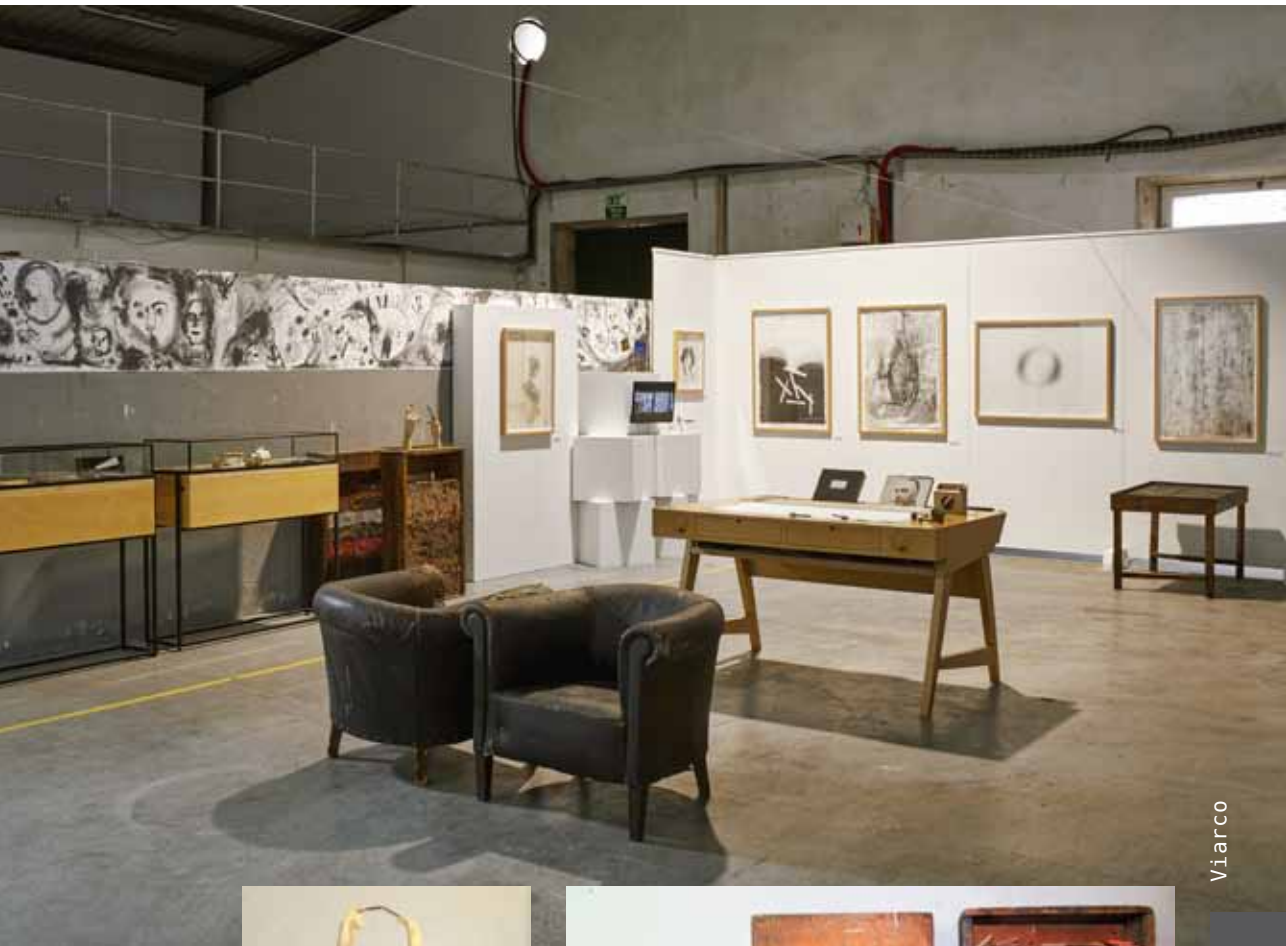
José Vieira





Viarco





Viarco



565

Beatriz Manteigas

Cris Franchevich

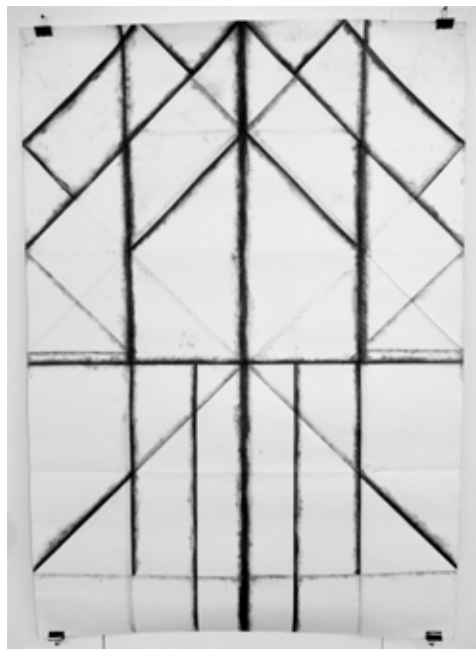
4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título, 2018 Sem título, 2018

Diogo Pimentão

Graça Pereira Coutinho

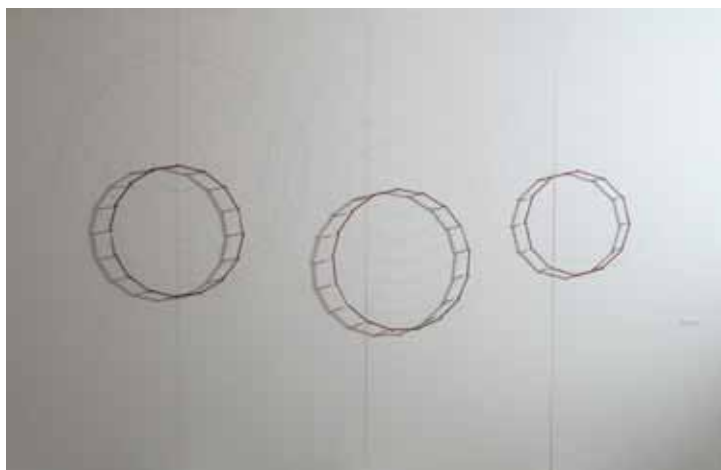


Trow, vidéo projection
loop 3', 2012

Sem título, 2018

José Emídio

Marco Moreira



Sem título, 2012

Sem título (lápiz e desenho
na parede #2), 2015

Vanda Madureira



Operários ao desenho,
2019

Polo Alfândega da Fé

Casa da Cultura
Mestre José Rodrigues

Aline Setton
Ana Allen
Ana Monteiro
Andreia Pereira
Cassandra Pereira
Crís S-Villegas
Daniela Pinheiro
Daniela Ribeiro
Diogo André Jesus
Diogo Goes
Fernanda Eva
Francisco Badilla
Ilídio Candja

Ivan Postiga
Juliana Ribeiro
Maramgoní
Maria Regina Ramos
Mariana Esteves Pereira
Marta Vilarinho de Freitas
Michael Spencer Jones
Nelson Marmelo
Nuno Pinto Fernandes
Pedro Coutinho
Sabina Couto
Valter Hugo Mãe

Curadoria

ANA MARGARIDA DUQUE / ANTÓNIO FRANCHINI

O Polo de Alfândega da Fé, o primeiro no contexto da região transmontana, resultado de uma simbiose perfeita entre os desafios lançados pelos mentores da Bienal Internacional de Gaia, para a presente edição, e os valores da política cultural do município de Alfândega da Fé, apresenta um conjunto diversificado de obras e de artistas, onde a criatividade e a inovação são evidentes.

A Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, acolhe esta mostra de arte contemporânea enquadrada numa lógica municipal interventiva, que tem como objetivo promover a criação artística livre e aproximar a sociedade à arte, através da abordagem a temas socialmente inquietantes, e neste contexto particular uma Pandemia!

Precisamente numa altura em que o mundo atravessa tantas incertezas, valerá a pena reafirmar a importância de um projecto artístico aglutinador, inclusivo de práticas artísticas diversas, multidisciplinar e apostado na internacionalização dos artistas que nos acompanham nesta aventura de arte global, sem esquecer os valores locais.

Nesta mostra são claramente perceptíveis diversas abordagens artísticas, mas com uma linguagem em unísono, fruto de um projeto de curadoria, assente numa visão contemporânea da sociedade, substanciada em obras de arte inéditas, que contribuem para experiências enriquecedoras de desenvolvimento pessoal e colectivo.

A abertura do Polo de Alfândega da Fé da Bienal Internacional de Gaia, prevista para o dia 25 de Abril, não foi resultado do acaso! Porque hoje voltamos a estar

em luta, uma luta distinta daquela que, há 47 anos, foi levada avante pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), com o envolvimento em massa da população.

Hoje, uma outra “praga” emergiu e revolucionou as nossas vidas. Não obstante, a coragem e a esperança, essas, são as mesmas! Um vírus que nos confina a espaços restritos e nos priva da natureza humana mais primitiva, intemporal e afectiva: o relacionamento social.

Tal como no passado, só a união e convergência nos fará sair dos escombros, só ela será capaz de reconstruir o nosso ideal de vida.

Mais do que nunca temos o dever de celebrar a vida, de reforçar os de propriedade, de segurança comunitária, de liberdade, pela ARTE.

Esta mostra composta por 24 obras originais, de 24 artistas, oriundos de 7 nacionalidades (Chile, Espanha, Canadá, Brasil, Reino Unido, Moçambique, Portugal) de imediato aceitaram o desafio de voltar a fazer compreender, a todos, que uma sociedade desenvolvida e humanista, próspera e livre, tem de viver do esforço, da criatividade, do talento, do rasgo e do risco individual.

Enfim, da aventura de ser humano!

Ana Margarida Duque
António Franchini

Aline Setton



Cacos, 2018
Acrílico sobre tela (díptico)
2 x (127 x 43 cm)

Ana Allen



Headlong into night
Óleo sobre tela
200 x 200 cm

Ana Monteiro

Andreia Pereira



Almost Bremen, 2019
Óleo sobre tela
60 x 60 cm

Instante III e IV, 2021
Acrílico sobre alumínio
2 x (38,5 x 45,3 cm)

Cassandra Pereira

Crís S-Villegas



Polo Alfândega da Fé

Organismo I, 2019
Óleo sobre tela
30 x 18 cm

Árbol I, Serie Naturaleza, 2021
Técnica mista (folha de ouro e
óleo sobre tela), 240 x 170 cm

Daniela Pinheiro

Daniela Ribeiro



Reflexão Cromática, 2019
Óleo sobre tela
143 x 130 cm

Composição Interior 2-17, 2017
Acrílico, cartão, papéis, folha
jornal, fio e lixa em suporte
de terra, 55 x 75 cm

Diogo André Jesus



Ensaio sobre a cegueira, 2020
Grafite e acrílico sobre tela
66 x 50 cm

Diogo Goes



A Porteira
Acrílico sobre madeira
45 x 40 cm

Fernanda Eva

Francisco Badilla



Convivência em harmonia, 2021
Acrílico sobre tela
80 x 120 cm

Alem das certezas, 2020
Óleo sobre tela
130 x 90 cm

Ilídio Candja

Ivan Postiga



Xicandarinha na lenha
do Mundo, 2019
Acrílico sobre tela
150 x 150 cm

Bug_Experimental0056_
Envir002nment, 2021
Spray acrílico sobre MDF
110 x 104 cm

Juliana Ribeiro

Maramgoní

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Da marca, o corpo #2, 2019
Acrílico sobre linho liso e
costurado com aplicações em napa
170 x 73 cm



O Martini, 2018
Acrílico sobre tela
150 x 150 cm

Maria Regina Ramos



Arecaceae, 2019
Spray acrílico e marcador
sobre MDF, 110 x 104 cm

Mariana Esteves Pereira



Do exterior e do interior, 2020
Acrílico sobre tecido de
algodão, 2 x (153 x 78 cm)

Marta Vilarinho de Freitas



Um regresso ao Porto _
Desenho I, 2017
Caneta e marcador sobre papel
48 x 36 cm

Michael Spencer Jones



Sem título
Fotografia reproduzida em
papel timbrado
60 x 60 cm

Nelson Marmelo

Nuno Pinto Fernandes



Pulsão, 2020
Colagem digital sobre Hahnemuhle
FineArt Photo, Studio Enhanced 210
70 x 50 cm

Os caretos de Podence em
tempo de pandemia, 2021
Fotografia
46 x 70 cm

Pedro Coutinho

Sabina Couto



Verónica, 2021
Acrílico sobre tela
60 x 50 cm

Energia que convoca I, 2018
Acrílico sobre papel
100 x 70 cm

Valter Hugo Mãe



Sacralização dos defeitos, 2020
Colagens sobre papel
60 x 84 cm

Polo Esposende

Centro de Informação Turística

Adias Machado
Cláudio Alves
Diógenes Martins
Dulce Atilano
Jorge Braga
Luiz Morgadinho
Mutes
Rosa Vaz

Curadoria
JORGE BRAGA

Num relacionamento estreito com a natureza, nomeadamente o mar, e com uma preocupação particular pelas causas ambientais, esta mostra, realça um dos propósitos da IV Bienal Internacional de Arte de Gaia em tornar sempre presente a relação da arte com as causas.

Com o lema de bandeira “Esposende um privilégio da natureza”, tentamos reunir artistas que de certa forma trouxessem uma leitura diferente à maneira como se olha para as causas; com arte e através da arte; mas que levassem consigo a memória visual das paisagens, das gentes e dos costumes desta terra inspiradora.

Focados na pintura e na escultura como expressões de arte, os artistas expõem as obras que mais possam agitar as consciências de quem as visita, de forma a que ninguém fique indiferente às mensagens aqui transmitidas, ou que os intervenientes pretendam transmitir.

Quero agradecer ao director da bienal, o artista Agostinho Santos, pelo convite para participar e fazer a curadoria deste pólo em Esposende; a todos os artistas que aceitaram o meu convite para exporem nesta mostra; e à Câmara Municipal de Esposende por nos acolherem e se mostrarem disponíveis, desde a primeira hora, colaborando e disponibilizando todos os meios e espaços de que precisamos.

À arte de bem receber aliamos a arte de agitar.

Jorge Braga

Adias Machado



Sem título, 2020
Técnica mista sobre tela
95 x 75 cm

Cláudio Alves



Agonia de uma esperança, 2021
Modelagem em barro
60 x 40 x 25 cm

Diógenes Martins

Dulce Atilano

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Mulher Mãe, 2020
Madeira
170 x 30 x 30 cm



Arizona, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Jorge Braga

Luiz Morgadinho



O voo de Ícaro, 2021
Aço e bronze sobre madeira
60 x 40 x 50 cm



O voo da alforreca II, 2019
Acrílico sobre tela
70 x 50 cm

Mutes



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021

As 4 cores do gajo, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm

Rosa Vaz



Cidade colorida, 2020
Acrílico sobre tela
95 x 150 cm

Polo Funchal

Galeria Marca de Água

Bárbara Carreira de Sousa
Carla Cabral
Diogo Goes
Fátima Spínola
Francisco Timóteo
Gonçalo Ferreira de Gouveia
Guareta Coromoto
Luísa Spínola
Marco Fagundes Vasconcelos
Teresa Jardim
Violante Saramago Matos

Curadoria
DIOGO GOES

Berço de causas

O Pólo do Funchal, sediado na Galeria Marca de Água, marca a estreia da Bienal Internacional de Arte de Gaia no espaço atlântico. Abrindo voos para novos mareantes e caminheiros de longa data, precisamente no ano em que se assinala o centenário da primeira travessia aérea entre o território continental e o Funchal a esta bienal permite recordar que a capital Moderna do Atlântico foi (e ainda é) um “berço de causas”.

O Funchal, tomou a vanguarda, em sucessivos pronunciamentos contra a ditadura e ao longo dos séculos exerceu a denúncia dos sucessivos opressores coloniais. Exportou da “montanha agreste”, estéticas, artistas e poetas universais. Tornava-se por isso, inevitável que os destinos desta bienal transitassem pelo Funchal.

O objetivo de internacionalização da arte contemporânea portuguesa, percorre assim meio caminho, almejando-se para futuro, profícuas realizações do outro lado do atlântico e noutros continentes.

Esta exposição poderia ser uma tertúlia de colegas e amigos (as), que tecem diálogos em torno de várias causas, cujas narrativas, por eles e por elas estabelecidas, se interligam de forma comutativa. Linguagens plás-

ticas muito próprias, demonstrativas de um percurso coeso e consolidado, que por hipótese, no contexto expositivo, expõem um intencional conflito entre a expressão figurativa e uma abstração expressiva. A representatividade da pintura nesta exposição coletiva, potencia o exercitar da curiosidade, permitindo a descoberta de uma diversidade de linguagens e explorações plásticas da maioria destes (destas) artistas, nomeadamente no domínio da instalação.

Bárbara Carreira de Sousa, provoca com a suas manchas pictóricas expressivas, tendencialmente abstratas, uma busca por uma paisagem derradeira, predominantemente verde, mas em vez de confirmar a certeza de quem contempla a obra da sua criação, provoca dizendo-nos: “Talvez seja Azul”.

Carla Cabral, realiza, de muitos modos, uma apologia à memória e ao derradeiro aproximando-nos das suas experiências pessoais, memórias de infância e da intimidade dos espaços ocupados pela artista. A artista, demonstra na sua operatividade da pintura uma produção intensa, de investigação e experimentalismo plástico, um universo pictórico que versando a pintura, faz uso da colagem, de um desenho aparentemente ilustrativo, diluindo fronteiras e barreiras. Como

em “Salobros Afetos” (2018), “Em Estado Líquido” (2014) e “O teatro deste lugar não tem chão” (2019), ou mais recentemente, “Onde mora a saudade nos retratos emoldurados no interior da finitude da tua memória” (2021), a artista concretiza através de uma linguagem poética, pura, uma mensagem crítica sobre o estado da sociedade, debruçando-se sobre as suas (nossas) causas. E ela questiona... “Se vier o Armagedon?”

Se os trabalhos de Carla Cabral estariam para Zygmunt Bauman, quando o autor de *Liquid Modernity* (2000) e *Liquid Love* (2003), se refugia no conceito de uma “sociedade líquida”, criticando-a, já Fátima Spínola poderia estar para Oscar Wilde ou quando realiza uma crítica social – com ironia – à decadência de uma sociedade que valoriza profundamente a dimensão estética em detrimento da ética.

Fátima Spínola, apresenta nesta exposição a obra “O teu lixo” (2018), esmalte sobre tecido, retomando autorretratos desconstruídos, fragmentados ou metamorfoseados, possibilitando-nos a revisitação a outros seus projetos, como em “Hora Suspensa” (2021), “Lixo” (2020, 2019, 2018), “Frágil” (2015, 2013) e “Pequenas Tragédias” (2016) – recentes exposições individuais da artista. A sua pintura permite-nos tecer paralelos

com o romance “O retrato de Dorian Gray” (1891) de Oscar Wilde, considerando, a partir da encenação criada pela artista, que o “nosso” lixo pode ser um questionamento sobre quais os “desvios éticos e morais” de uma sociedade.

Francisco Timóteo, jovem autor, expõe um óleo sobre tela, “Sem título”, que, no entanto, apesar da abstração formal que indicia paisagens, é nos permitido ver um céu que figura solidão de foguetão ou de um míssil que rompe a pintura e perfura a tela.

Gonçalo Ferreira de Gouveia, entre a alegoria histórica à sátira contemporânea, concretiza no “Díptico do Pleito Insular” – um grande formato com múltiplas provocações – uma quase auto-biografia e um memorial crítico da condição insular, tipificando, talvez, hábitos e costumes. A imagem são referenciais quer à história da arte como também ao percurso artístico do próprio autor, que codifica a sua obra, numa extensa semântica de jogos de ocultas provocações, intencionalmente pouco inocentes.

Guareta Coromoto expõe “A cobra engoliu o meu berloque”, prosseguindo uma linguagem consolidada desde há várias décadas, autorreferencial, mas também influenciada por discursos pictóricos do neorrealismo português e do expressionismo abstrato

de Júlio Pomar ou até mesmo às obras e percursos de Graça Morais e Paula Rego. Figuras animais transfiguram-se em corpos humanos, servindo de metáfora para aproximarmos-nos de temáticas da mitologia clássica, providas de algum erotismo. Na sua prática pictórica, Guareta – mulher de intenso sentido de humor – faz uso do acrílico e do pastel, versando uma relação conflituosa entre a pintura e o desenho, entre o expressionismo abstrato e a figuração expressiva, entre o animal e o humano ou entre o eterno e o efémero.

Luísa Spínola, através da sua instalação pictórica “O todo é mais que a soma das partes” (2021) demonstra o seu onirismo e o seu modo de estar no mundo. Através da poética da sua obra, aproxima-se do mundo natural e com ele se relaciona. A abordagem a um todo, parte da comunhão com o meio onde se insere, a natureza – lugar original, dos primeiros atos da Criação – com íntimo respeito pela alteridade e pela comunhão com o outro ser humano. Folhas ou pétalas pintadas, múltiplas, inscrevem uma textura padronizada no interior do espaço arquitetónico (da galeria) onde acontece a intervenção, permitindo conjugar paisagens abstratizantes com o jogo da intervenção humana no território.

Marco Fagundes Vasconcelos, instala um grande formato, “Sem título”, uma figura bicéfala que provoca e exhibe a sensualidade da pintura. Fagundes Vasconcelos, faz uso do grotesco e da sátira, através de numa linguagem do desenho, quase caricatural, explorando a expressividade da forma de corpos metamorfoseados, acentuando intencionalmente, algum primitivismo da representação, tendencialmente figurativa. Na sua extensa carreira artística, conta com inúmeras exposições realizadas no país e na região, nomeadamente das quais se destacam as mais recentes: “O inferno só pode ser um beco” (2018), “Xiphopagos: Eu, Chang and Eng” (2017), “Do Chão só restam ratos” (2013) e “Steaks, drawings and other stories” (2012). A provocação inerente à condição de arte contemporânea é veemente e permanente.

Teresa Jardim, nas suas “Análises de rotina” (2021) – instalação e desenho a grafite e assemblagem (poemas impressos) sobre tela – concretiza um jogo conceptual, entre a poesia visual, o concretismo, o experimentalismo do desenho e o “jogo dadaísta”. A compulsiva experimentação, o rigor e a depuração formal, interligam-se com a prática e vida da autora, que conta com inúmeras exposições, a destacar: “Dar a palavra” (2021) e “este poema” (2019).

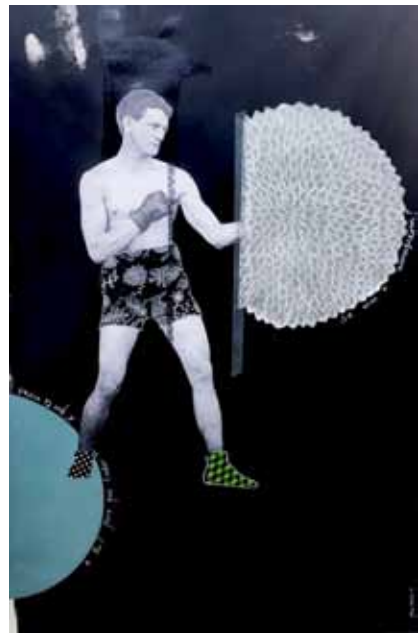
Violante Saramago Matos, pinta “Blindness days” (2019), acrílico e colagem sobre tela, conjugando a lírica da representação com o aspeto caricatural e mitológico de figuras suspensas numa paisagem abstratizante: um céu, que é cinzento, como tantos meios termos da linguagem e da existência humana.

Desta tertúlia, irreverente, só poderia resultar ... “uma discussão, entre o céu e o inferno”. Porque esta será uma discussão contínua, nascida da pintura, num berço de causas.

Diogo Goes

**Bárbara Carreira
de Sousa**

Carla Cabral



Talvez seja azul, 2019
Acrílico sobre tela
93 x 237 cm

Se vier o Armagedon?, 2017
Técnica mista sobre papel Cason 300gr
130 x 81 cm

600

Diogo Goes

Fátima Spínola



História de uma discussão entre
o céu e o inferno, 2020
Acrílico sobre tela, 80 x 210 cm

O teu lixo, 2018
Esmalte sobre tecido
230 x 161 cm

Francisco Timóteo

Gonçalo Ferreira de Gouveia



Sem título, 2020
Óleo sobre tela
30 x 40 cm

Díptico do Pleito Insular, 2019
Acrílico sobre tela
2 x (146 x 114 cm)

Guareta Coromoto



A cobra engoliu o meu berloque
Acrílico e pastel sobre tela
130 x 89 cm

Luísa Spínola



O todo é mais que a soma
das partes, 2021
Lápis de cor sobre a parede
(pormenor da instalação)
250 x 300 cm

Marco Fagundes Vasconcelos

Teresa Jardim

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título
Técnica mista sobre papel
170 x 100 cm



Análises de rotina, 2021
Instalação: desenho a grafite e
assemblagem (poemas impressos
em papel) sobre tela; resmas
de papel branco com impressão
eletrográfica de texto
Dimensões variáveis

Violante Saramago Matos



Blindness days, 2019
Acrílico com colagens sobre tela
100 x 73 cm

Polo Gondomar

Auditório Municipal
– Sala Júlio Resende

Abreu Pessequeiro
António Pizarro
Eduarda Castro
José Augusto Castro
Liseta Amaral
Rui Costa
Zulmiro de Carvalho

Curadoria
HUMBERTO NELSON

O Polo de Gondomar da Bienal Internacional de Arte de Gaia é já uma referência que honra todos os participantes.

Para a edição deste ano, convidámos Abreu Pessegueiro, António Pizarro, Eduarda Castro, José Augusto Castro, Liseta Amaral, Rui Costa e Zulmiro de Carvalho a participarem com vários trabalhos.

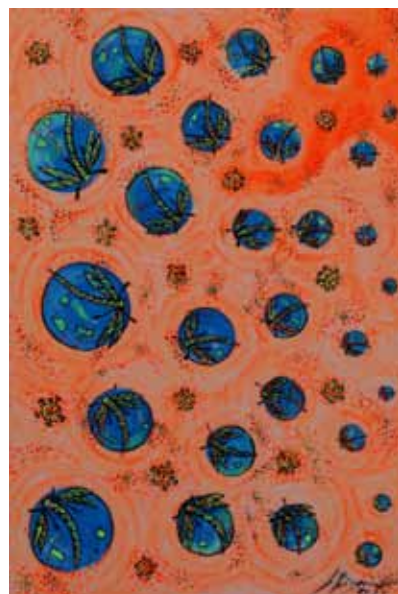
Sem um mote específico, todas as obras convivem muito bem juntas e, no seu conjunto, resultam numa mostra coerente e de grande qualidade.

Muito obrigado a todos!

Humberto Nelson

Abreu Pessequeiro

António Pizarro



SimetriasII, 2020
Técnica mista sobre papel
350 gr, 44 x 100 cm

Laranja pandemia, 2021
Acrílico sobre tela
120 x 80 cm

Eduarda Castro

José Augusto Castro



Mulher Árvore, Mulher Natureza, 2020
Acrílico sobre tela
120 x 100 cm

Sem título, 2016
Acrílico sobre tela
90 x 175 cm

Liseta Amaral

Rui Costa



Paisagem outonal, 2017
Aquarela sobre papel de
aquarela, 360 gr, 75 x 55 cm

Sonho de Adolescente,
Acrílico e carvão sobre tela
146 x 104 cm

Zulmiro de Carvalho

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



3di, 2021
Papel, cordel de sizal e acrílico
34 x 28 x 21 cm

Polo Monção

Galeria de Arte do
Cineteatro João Verde

Albertina Santos
Angeles Jorreto
Beatriz Ansele
Carolina Mendes
Cláudia Caldelas
Esther Moe
Juan Coruxo
Liratov
Lito Portela
Maciel Carneira
Maria Xosé Fernandez
Mónica Taboada
Nacho Martinez
Remigio Davila
Tó Lira
Xosé Luís Otero

Curadoria
RICARDO DE CAMPOS

Pathos

Na quarta edição da Bienal Internacional de Arte de Gaia, a Galeria de Arte CTJV, em Monção, transforma-se num tapete multiforme de experiências artísticas, na expectativa de receber espectadores com vontade de descobrir a arte dos dias de hoje.

A arte actual convive de perto com temas como a globalização, a revolução digital, a emigração de massas, a relação com a tradição, com a mitologia e com a história.

Todos estes temas são afrontados com linguagens que encontram as suas raízes nas experiências das vanguardas históricas, que oscilavam entre a tradição e a modernidade.

A exposição abarcará o melhora da procura artística actual, com a finalidade de oferecer um posicionamento claro da cena contemporânea, através da pintura, da escultura e da instalação, capaz de expressar o espírito do tempo actual.

Se há quem legitimamente aproxime parte da produção contemporânea ao espírito barroco, de maior sentido se reveste esta proximidade, se se assumir no nosso tempo um certo protagonismo do Pathos, no seu convívio com o Loghos e o Ethos.

Conscientes de que são as acções de hoje que apontam a um futuro desejado, ainda que se assuma que esse devir possa não concretizar-se com exactidão, pode-se, pelo menos, trabalhar colectivamente na atitude de construir possí-

veis cenários para tempos mais estáveis e saudáveis para a humanidade.

Com interesse em potenciar um pensamento assente no debate e na reflexão capaz de fomentar o envolvimento de toda a sociedade, sem discriminações, esta exposição recebe propostas e ideias que apontam em diferentes direcções. Do silêncio das casas, dos ateliês, ou das ruas tomadas pela noite, desenvolvem-se ideias, leituras possíveis, para a construção de um mundo onde a cooperação e a integração sejam uma realidade.

A história da arte (com)funde-se com a própria história do Homem e, num tempo em que se vislumbra a ressurreição da iconoclastia e se multiplicam discursos de ódio, nunca é demais exortar os mais elevados valores da arte, no combate às assimetrias e às periferias que teimam ser agenda num mundo tomado por radicalismos exacerbados.

É deste caos que se insurge, fulgurante, uma vontade e uma incitação silenciosa à revolta contra o estado das coisas.

Ricardo de Campos

Albertina Santos

Angeles Jorreto



A espera, 2020
Técnica mista sobre papel
50 x 65 cm

Fusion natural, 2019
Técnica mista sobre tela
118 x 145 cm

Beatriz Ansede

Carolina Mendes



Contemplando a natureza, 2019
Óleo sobre tela
150 x 50 cm

Quem nunca?, 2019
Ferro e lençóis bordados
120 x 110 x 150 cm

Cláudia Caldelas

Esther Moe



#Nuenvitrado, 2020
Arte do fogo (pintura com
óxidos), 50 x 50 cm

A insurreição do mexilhão, 2019
Óleo sobre papel
70 x 50 cm

Juan Coruxo

Liratov

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Imprendible, 2020
Ferro
150 x 93 x 37 cm



Coca, o mítico dragão ícone
de Monção, 2020
Cerâmica, 70 x 130 cm

Lito Portela

Maciel Carneira



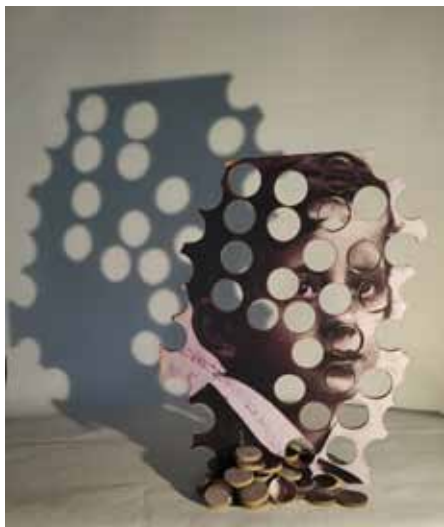
Marettas, 2020
Aquarela sobre papel
arches 300 gr, 57 x 76 cm

Fragmentos de mim, 2019
Instalação/escultura
150 x 150 x 150 cm

Maria Xosé Fernandez

Mónica Taboada

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



O que foi, 2020
Intervenção em fotografia
45 x 40 cm

Boabad, 2020
Acrílico, carvão e pigmento
sobre papel, 50 x 50 cm cada

Nacho Martinez



Gruas, 2020
Óleo sobre madeira
80 x 122 cm

Remigio Davila



Exploradora, 2019
Aço
150 x 107 x 98 cm

Tó Lira



Nietzsche não é para todos os estômagos, 2020
Desenho a carvão e caneta Bic
40 x 45 cm

Xosé Luís Otero



O Silêncio de Deus, 2020
Técnica mista (madeira, cartão, cola, cordéis,
pigmentos, acrílicos e tela), 150 x 150 cm

Polo Santa Marta de Penaguião

Museu das Caves
Santa Marta

António Pizarro
Domingos Loureiro
Emanuel Bessa Monteiro
Emília Viana
Franchini
Gracinda Candeias
Isabel Babo
Isabel Mourão
Jean-Marie Boomputte
Jesus Castañon
Juliane Fuganti

Maria João Oliveira
Marian van der Zwaan
Marli Takeda
Michael Spencer Jones
Norberto Stori
Paulo Ossião
Roberto Chichorro
Sérgio Reis
Soledad Penalta
Talita Barbosa
Teresa Branco

Curadoria
AIDA BORGES / MANUEL MARQUES DA CRUZ

Muito nos honra a possibilidade que foi dada ao Museu das Caves Santa Marta para constituir uma extensão da 4.ª Bienal Internacional de Arte Gaia 2021.

Trazer às Terras de Penaguião obras de artistas nacionais e internacionais é trazer o dom de cada um deles à mais esplendorosa arte da natureza qualificada como Património Mundial da Humanidade que é a Região do Douro.

Este projeto que leva a outros lugares e a outras gentes a arte, permite uma vez mais ao Museu das Caves Santa Marta divulgar trabalhos de artistas conceituados, de novos talentos e de diversas formas de expressão artística, e, sem descurarem, as diversas preocupações sociais e humanitárias, já que também de uma “bienal de causas” se trata.

Apesar do momento desmotivador que todos atravessamos e que marca um período da vida que todos dificilmente esquecerão, a realização desta Bienal mostra que o poder criativo não se deixa destruir, fazendo votos que tudo volte rapidamente ao normal permitindo-nos, assim, o contacto com a arte e artistas de que já sentimos saudades.

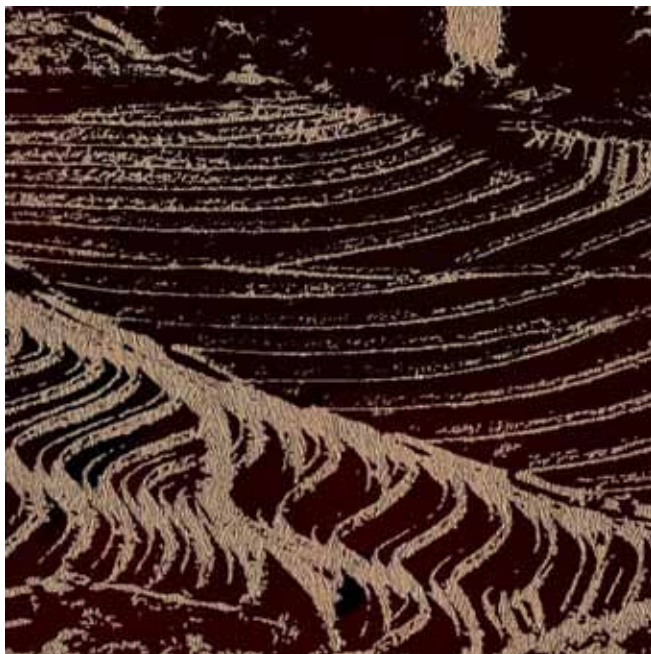
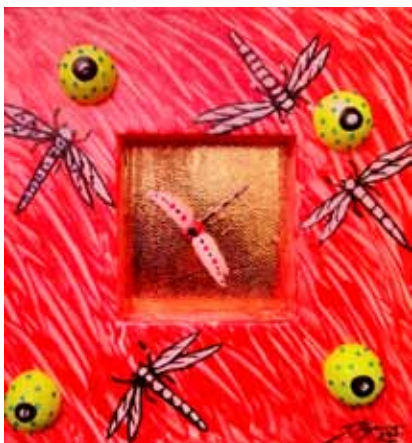
Resta-nos agradecer ao mentor de todo este projeto, Doutor Agostinho Santos, que sempre dignificou o nosso Museu, não só com a sua presença mas também com as suas obras, a honra de podermos contribuir para a realização da 4.ª Bienal Internacional de Arte Gaia 2021.

Aida Borges

Manuel Marques da Cruz

António Pizarro

Domingos Loureiro



Libelinhas em paisagem
d'ouro, 2021
Acrílico sobre tela e colagem
35 x 35 cm

Line and landscape, 2021
Mdf pintado e escavado
100 x 100 cm

Emanuel Bessa Monteiro

Emília Viana

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Retorno ao rural, 2021
Acrílico sobre tela
150 x 80 cm



Sem título
Modelação em barro refratário,
cozedura a 1150 graus, óxidos e
engobes, ardósia expandida e materiais
reciclados, 36 x 27 x 17 cm

Franchini

Gracinda Candeias



Picnic na praia, 2021
Acrílico, pastel a óleo sobre
tela de linho, 150 x 150 cm



Sem título
Óleo sobre tela
70 x 70 cm

Isabel Babo



Cancela do Douro, 2020
Pintura / assemblagem
(Acrílico e material recolhido
nas quintas do douro – cesto,
tecidos de chita, fios de sisal
e algodão –, montado sobre
tela com técnicas manuais de
crochê, bordado e tecelagem)
120 x 90 x 10 cm

Isabel Mourão



Os pássaros, 2020
Acrílico sobre tela
100 x 70 cm

Jean-Marie Boomputte

Jesus Castaño



Mousse de laranja da
D. Lili, 2019
Óleo sobre tela de linho
65 x 65 cm

Pintura cerâmica
Suporte de argila vermelha com
cozedura a 1050 graus centígrados
em forno de gás (díptico),
2 x (30 x 30 cm)

Juliane Fuganti



Jardins possíveis, 2018
Gravura em metal
70 x 50 cm

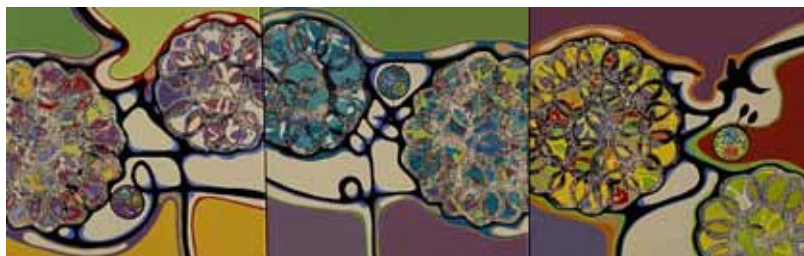
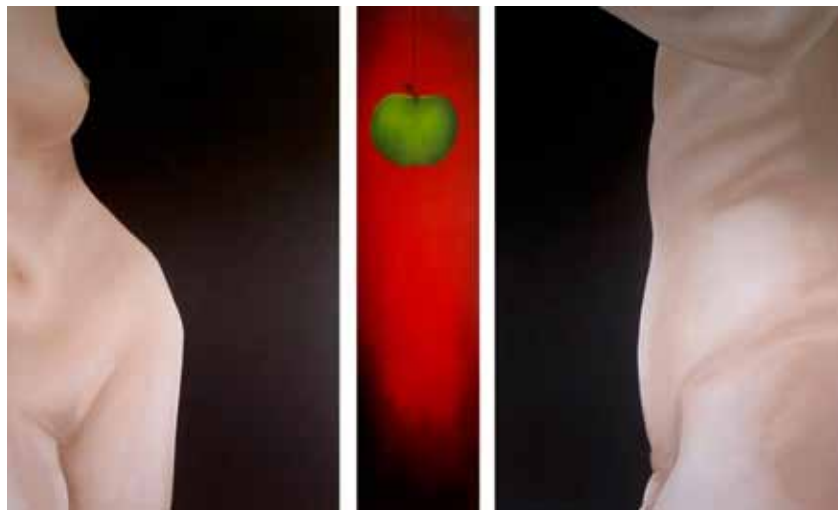
Maria João Oliveira



Sem título, 2020
Aquarela sobre papel Canson 300g
75 x 60 cm

Marian van der Zwaan

Marli Takeda



Eva e Adão
Óleo sobre tela
150 x 250 cm

Sem título
Acrílico sobre tela (tríptico)
3x (30 x 30 cm)

Michael Spencer Jones

Norberto Stori

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Sem título
Fotografia reproduzida em papel
timbrado, 60 x 60 cm

Sem título, 2018
Aquarela sobre papel
30 x 36 cm

Paulo Ossião

Roberto Chichorro



Polo Santa Marta de Penaguião

Da série "Olhar sobre o Porto"
Aquarela sobre papel
120 x 90 cm

Sem título, 2017
Acrílico, lápis, carvão e
pastel de óleo sobre tela
60 x 50 cm

Sérgio Reis

Soledad Penalta

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



A máscara azul, 2021
Acrílico sobre tela
80 x 60 cm



Melancolia, uma estranha luz de
prata, 2021
Aço inoxidável manuscrito, remachado
160 x 280 x 17 cm

Talita Barbosa



Dear Amy, 2020
Acrílico sobre tela
85 x 75 cm

Teresa Branco



Lunar
Terra sigilata e queima Saggari
28 x 11 x 28 cm

Polo Viana do Castelo

Espaço Linha Norte
– Estação Viana Shopping

Afonso Rocha
Ana Camilo
André da Luz
André Gigante
António Lima Viana
Cabral Pinto
Cipriano Oquiniamé
Cris D. K.
Diogo Nogueira
Ernesto Soares
Fernanda Boas
Francisco Trabulo
Gonçalo Martins
Hugo Soares
Iolanda Rodrigues Parente
Iris Lobo dos Santos (LOBA)

Isabel Lima
Isabel Trabulo
João Abel Mota
João Gigante
Joaquim Pires
Júlio Capela
Manuel Lima
Manuel Rodrigues Almeida
Miguel Neves Oliveira
Nuno Mendanha
Otília Santos
Paula Branco Pereira
Rafael Oliveira
Rego Meira
Rui Parente

Curadoria
CIPRIANO OQUINIAME
Presidente da Direção do
Centro Cultural do Alto Minho

Eixos da criatividade e inovação do ser humano

A Arte é indiscutivelmente a principal ferramenta da Cultura, e um dos mais importantes eixos da criatividade e inovação do ser humano, com forte impacto na estrutura social. A dimensão cultural e artística é essencial à pessoa, não podendo existir verdadeiro desenvolvimento nem melhoria da qualidade de vida sem que a cultura acompanhe em paralelo essa progressão.

Numa perspectiva de agente cultural consciente de muitas realidades e flagelos humanos, Agostinho Santos prevê e abraça estas frágeis causas, na criação de um evento que hoje conhecemos como Bienal Internacional de Arte de Gaia. Uma Bienal de Causas Humanas, onde urge também, num sentido amplo, que se promova o desenvolvimento integrado de pessoas através das artes, condição indispensável para o exercício pleno e responsável da sua Cidadania.

Esta é a quarta exposição desta grande Bienal que tem vindo a evidenciar as Artes Plásticas também como importantes vetores de preservação da Memória e do(s) Património(s) e de valorização de riquezas culturais de realidades distintas, na construção de um futuro dignificante de cada indivíduo.

É com toda a satisfação que o Centro Cultural do Alto Minho, com o inestimável apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo, abraça mais uma vez esta parceria com a Bienal Internacional de

Gaia, esperando que esta exposição possa estabelecer novos diálogos entre artistas e visitantes, assim como reforçar e valorizar a promoção e a difusão das artes. Por fim deixo aqui um especial agradecimento a todos os artistas que aceitaram o nosso convite, neste período de pandemia, dignificando assim a sua presença neste grande evento deste nosso Polo.

Cipriano Oquiniame

Afonso Rocha

Ana Camilo



Díptico 20:24, 20:42, 2020
Óleo sobre tela (díptico)
2 x (80 x 100 cm)

Dismiss, 2019
Tinta-da-China, acrílico e
cianotipia sobre papel
65 x 100 cm

André da Luz

André Gigante

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Next vanguard, 2015
Óleo e pastel sobre suporte
de madeira, 150 x 80 cm



Deambulaia, 2020
Acrílico sobre papel
Pittura 400g/m², 70 x 50 cm

António Lima Viana



Vida e música na selva, 2020
Óleo sobre tela
55 x 60 cm

Cabral Pinto



Gentalha ilustre sem moral, 2021
Acrílico sobre cartão
50 x 40 cm

Cipriano Oquiniamé

Cris D. K.

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Enquanto crescia, o tempo
ensinava e marcas deixava!, 2021
Acrílico sobre tela, 200 x 200 cm



Red, 2020
Óleo sobre tela
116 x 90 cm

Diogo Nogueira



Gregor Samsa, 2020
Óleo sobre madeira
120 x 120 cm

Ernesto Soares



Refúgio, 2018
Óleo sobre tela
100 x 70 cm

Fernanda Boas

Francisco Trabuło



Corpo presente, 2021
Técnica mista sobre tela (gesso,
elemento natural e folha de ouro
fino de 22 quilates), 100 x 100 cm



Porto 75, 2021
Acrílico, tinta da china
e carvão sobre linho
204 x 160 cm

Gonçalo Martins



Gorongosa Sa-China, 2021
Técnica mista
120 x 50 cm

Hugo Soares



Poços (ou estudo de passagem para o outro lado do mundo), 2021
Técnica mista, 40 x 50 cm

**Iolanda Rodrigues
Parente**

**Iris Lobo dos
Santos (LOBA)**



Moeda
Acrílico sobre tela
50 x 100 cm

Guerreira, 2017
Modelação de torço feminino, técnica de
filigrana de corda revestida com folha
de ouro e prata, 40 x 38 x 10 cm

650

Isabel Lima

Isabel Trabuło



Tempo(s) de solidão, 1990-2021
Técnica mista sobre tela (díptico)
2 x (40 x 40 cm)

No limiar, 2013
Óleo sobre tela
180 x 170 cm

João Abel Mota

João Gigante



Figueira – composição 2, 2020
Óleo sobre tela
140 x 104 cm



Eido, 2016
Impressão jato de tinta
de pigmento sobre papel
de algodão, 60 x 80 cm

Joaquim Pires

Júlio Capela



A raposa e a gaivota, 2021
Técnica mista (madeira e chapa)
36 x 100 cm

Em tempo de pandemia, 2000
Acrílico sobre tela
81 x 100 cm

Manuel Lima

Manuel Rodrigues Almeida

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Paisagem silenciosa, série
“paisagens silenciosas”, 2019
Esmalte acrílico aquoso sobre
tela, 120 x 98 cm

Sem título, 2018
Óleo sobre tela
90 x 90 cm

Miguel Neves Oliveira

Nuno Mendanha



Organizando a história, 2018
Madeira, pintura policromada
e massa de modelagem
93 x 160 x 30 cm

Alma Mater, 2016
Tinta da China, aguarela
e aparo, 100 x 70 cm

Otília Santos

Paula Branco Pereira

4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



O som invisível das aves, 2020
Técnica mista
150 x 100 cm



Deriva em tempos líquidos #
experiência I na cidade do
Porto – Deriva psicogeográfica
entre as zonas do Bonfim e Santo
Ildefonso, 2021
Instalação (acrílico, carvão,
grafite e pastel seco sobre tela,
cimento e corrente de aço)
220 x 120 x 40 cm

Rafael Oliveira



Rego Meira



Feels like home #1, 2019
Óleo sobre papel
41 x 31 cm

Sem título, 2020
Técnica mista sobre tela
80 x 80 cm

Rui Parente



A rede, 2017
Técnica mista sobre papel
57 x 49 cm

Polo Vila Flor

Centro Cultural

Alexandra Soeiro	José Aldeia
Aníbal Gonçalves	Luísa Correia
Bruno Pires	Maria de Castro
Carolina Félix	Monica Faverio
Colette Lopes	Olavo Evaristo
Édi Neves	Paulo Trigo
Etelvina Teixeira	Ricardo Periquito
Eva Alves	Rita Castro
Fernando Freixo	Rosa Rio
João Veloso	Sara Dionísio
Jorge Delfim	Sérgio Malpique Lopes
Jorge Sarmiento	Trip

Curadoria
ABÍLIO EVARISTO / MIGUEL SOUSA PINTO

Pulsa em Vila Flor uma vibração criativa, resultante de séculos de relação permanente e cúmplice com a Natureza e com a arte de transformar a terra e pastorear vinhas, olivais e pomares. Do engenho para enfrentar a intempérie foi-se refinando a criatividade artística. Da organização do território foi nascendo uma cultura muito própria.

Na maioria das vezes longe dos holofotes dos grandes circuitos artísticos, estes povos sempre sentiram arte e cultura, que se reflete num imenso património arquitetónico e paisagístico. De quando em vez, fez-se justiça a este labor e não há de ser por acaso que aqui nasceram e cresceram Graça Morais ou António Modesto Navarro. Na sua genialidade reflete-se o DNA de gerações que a cada dia criaram vida e, através dela, arte.

O polo de Vila Flor da Bienal de Gaia, inaugurado a 21 de maio, reúne 22 artistas que espelham a diversidade e a riqueza do concelho. Sete deles dedicam-se essencialmente à pintura em acrílico e/ou óleo sobre tela e três pintam em tinta-da-china, um dos quais também a guache.

Para além da pintura, quatro artistas dedicam-se também à escultura em variadas plataformas: xisto, cerâmica, grés vidrado, vidro, bronze, cimento com óxido de ferro, resina de poliéster, recorrendo-se mesmo a objetos forrados a veludo e pérolas sobre tecido e madeira.

Na área da fotografia, destaque para cinco artistas, um deles com um documentário premiado em 2015 por várias organizações: UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural

Organization), HPA (Humanity Photo Awards) e CFPA (China Folklore Photographic Association), na categoria – Living Custom – (Modos de Vida).

Outro dos nomes escolhidos trabalha em azulejo e resina de cristal, para além de ilustrações a lápis aquareláveis, tinta acrílica e marcadores.

Um dos participantes faz desenhos a lápis. Um outro, graffiter, utiliza uma técnica mista, com tinta plástica e spray acrílico sobre tela.

Também concorrem artes improváveis: Uma participante é tatuadora profissional, formada na área das belas artes, e os seus desenhos são em acrílico sobre papel e tinta dourada sobre papel.

Oito dos convidados têm formação superior na área das artes. A participante mais nova tem 19 anos e estuda arquitetura e o participante com mais idade tem 82 anos. Os participantes são maioritariamente jovens entre os 25 e os 35 anos de idade, mas uma faixa considerável dos participantes tem até 50 anos.

Todos eles têm ligação a Vila Flor, quer por nascimento, quer por filiação quer, ainda, por terem escolhido Vila Flor para viver.

Por norma, no passado, quem quis ver o seu trabalho reconhecido emigrou: Para uma grande cidade ou mesmo para outro país. Os tempos mudaram e hoje, graças à Bienal de uma grande cidade, Gaia, os holofotes mudaram de eixo e agora é a própria Vila Flor palco dos seus melhores.

*Abílio Evaristo
Miguel Sousa Pinto*

Alexandra Soeiro

Aníbal Gonçalves



Aquele momento, 2020
Acrílico sobre madeira
120 x 120 cm

Detalhes em ferro 2. Gradeamento
em ferro fundido, varanda em Vila
Flor - Fotografia impressa

Bruno Pires

Carolina Félix

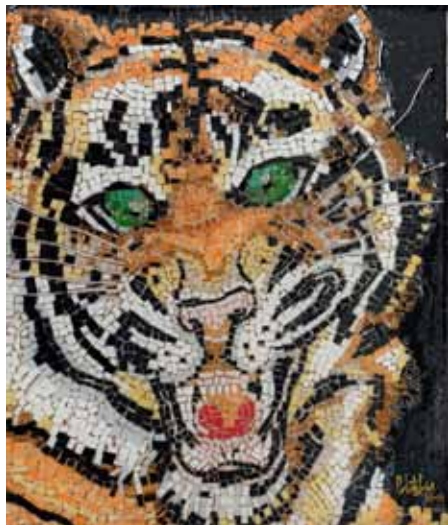


Rosto de Cristo
Xisto

Expressões: Sofrimento, 2017
Tinta-da-china sobre papel e
tinta acrílica sobre papel
2 x (32,5 x 25 cm)

Colette Lopes

Édi Neves



Espírito animal: Tigre.
Defesa pessoal, proteção,
força, 2020/2021
Azulejo e resina cristal

Autorretrato com pequeno
espírito
Tinta acrílica sobre tela
80 x 60 cm

Etelvina Teixeira

Eva Alves



4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



A filosofia do armário
Óleo sobre tela
80 x 60 cm

Reflexos do desejo feminino
(III série), 2014
Veludo e corações sobre objetos
60 x 71 x 140 cm

Fernando Freixo

João Veloso



Sem título
Lápis sobre papel

Vila Flor
Óleo sobre tela

Jorge Delfim

Jorge Sarmiento

4.ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021



Mãe, 2012

Fotografia incluída no Documentário
Fotográfico – O Casal Pastor –

Iniciado em 2011, até ao presente.

Data: 22 de setembro de 2012

Local: Trás-os-Montes.

O Documentário foi premiado em
2015 por várias organizações:
UNESCO (United Nations Educational,
Scientific and Cultural Organization),
HPA (Humanity Photo Awards) e
CFPA (China Folklore Photographic
Association) – Na categoria – Living
Custom – (Modos de Vida)

Esperança
Fotografia
80 x 50 cm

José Aldeia

Luísa Correia



Flores
Óleo sobre tela
110 x 90 cm

Pôr do Sol em Vila Flor I, 2021
Fotografia

Maria de Castro

Monica Faverio



O movimento da natureza, 2009
Grés vidrado
29 x 27 x 26 cm

Chamariz pela Paz, chamariz
pelo Amor!
Latão, corda de sisal e vidro
100 x 110 cm

Olavo Evaristo

Paulo Trigo



Diálogo, 2020
Fotografia sobre tela

A Marselhesa, 1994
Guache

Ricardo Periquito

Rita Castro



Máscara / Persona III, 2009
Óleo sobre tela
100 x 100 cm

Kali, 2020
Projeto para backpiece
Acrílico sobre papel

Rosa Rio



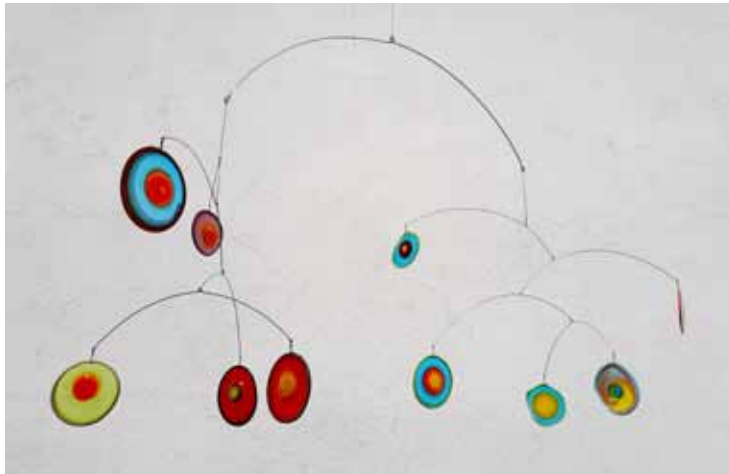
Sem título
Acrílico sobre tela

Sara Dionísio



Sem título, 2018
Pâte-de-verre, vidro vermelho
50 x 50 cm

Sérgio Malpique Lopes



Dancing with the sun 2
Vidro soprado de Murano,
estrutura em tubo e arame
de aço, 75 x 110 x 60 cm

Trip



D.R.D. 19
Técnica mista (spray acrílico
sobre tela), 80 x 60 cm

DIREÇÃO DO PROJETO	EXPOSIÇÕES	CURADORIAS / PROJETOS	
Artistas de Gaia <i>Cooperativa Cultural, CRL</i>	4ª BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE GAIA 2021	<i>Artista Homenageado</i> Albuquerque Mendes exposição antológica Eu, Albuquerque Mendes Curadoria Paula Pinto Colaboração Fundação de Serralves	A importância de ser Ernesto Curadoria Nazaré Alvares
Agostinho Santos <i>Diretor da Bienal</i>	ORGANIZAÇÃO Artistas de Gaia Cooperativa Cultural, CRL		Dondrigo Autora Monica Faverio
APOIO	DIREÇÃO Agostinho Santos		As artes entre as letras Curadoria Nassalete Miranda
Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia	COORDENAÇÃO GERAL José Costa	<i>Artista Homenageado</i> Paulo Neves exposição antológica Curadoria Manuela Hobler	Viarco Curadoria José Vieira
Direção – Geral das Artes	APOIO Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia Direção – Geral das Artes Fundação de Serralves	Evocação Álvaro Siza e Carlos Castanheira Novos orientes: A experiência de Ningbo Curadoria Manuel de Novaes Cabral Colaboração Fundação de Serralves	Polo Alfândega da Fé Curadoria Ana Margarida Duque e António Franchini
	APOIO (PRÉMIOS) Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia Águas de Gaia, Empresa Municipal, SA Câmara Municipal de Gondomar	Concurso internacional Concurso Coronavírus não destrói a criatividade	Polo Esposende Curadoria Jorge Braga
	LOCAL E DATA Quinta da Fiação de Lever Antiga Companhia de Fiação de Crestuma – CFC Vila Nova de Gaia 17 Abril – 10 Julho 2021	Novo Dicionário Covid Curadoria António Rocha	Polo Funchal Curadoria Diogo Goes
	LOGÍSTICA EQUIPAMENTOS E MONTAGEM (GAIA) Câmara Municipal de Gaia Artistas de Gaia Cooperativa Cultural, CRL	Artistas convidados Curadoria Agostinho Santos	Polo Gondomar Curadoria Humberto Nelson
	IMPRESSÃO DIGITAL/PAINÉIS Cobalto – Design, Publicidade, Gráfica, Lda.	Paz e Constituição Curadoria Ilda Figueiredo	Polo Monção Curadoria Ricardo de Campos
		A democracia é uma obrigação de todos os dias Curadoria Valter Hugo Mãe	Polo Santa Marta de Penaguião Curadoria Aida Borges e Manuel Marques da Cruz
		Vidas marcadas Autor Jorge Marinho	Polo Viana do Castelo Curadoria Cipriano Oquiniame
		Museu de Causas /Coleções Agostinho Santos Curadoria Humberto Nelson	Polo Vila Flor Curadoria Abílio Evaristo e Miguel Sousa Pinto
		Infinitude da luz Curadoria Filipe Rodrigues	

GABINETE DA BIENAL

Praceta Salvador Caetano / Avenida República
4430-189 Vila Nova de Gaia

bienal.arte.gaia@gmail.com

www.facebook.com/bienalartegaia

ARTISTAS DE GAIA COOPERATIVA CULTURAL, CRL

Centro Comercial Douro
Rua General Torres, 1220 – Loja 46
4400-164 Vila Nova de Gaia

Tel.: +351 223 792 339 / +351 960 292 262

artistasgaia@gmail.com

www.facebook.com/artistasdegaia

CATÁLOGO

AGRADECIMENTOS

COORDENAÇÃO

Agostinho Santos
Humberto Nelson
José Costa

TEXTOS

Graça Fonseca
Ministra da Cultura

Eduardo Vítor Rodrigues
Presidente da Câmara Municipal de Gaia

Agostinho Santos
Presidente da Bienal Internacional de Gaia e Presidente da Direção de Artistas de Gaia – Cooperativa Cultural

EDIÇÃO

Artistas de Gaia
Cooperativa Cultural, CRL

REVISÃO

José Costa
e Curadores

FOTOGRAFIA

Filipe Braga
José Costa
Sara Cabral
Artistas e Curadores

DESIGN EDITORIAL

Humberto Nelson

PAGINAÇÃO

Adérito Machado

PRODUÇÃO, EXECUÇÃO

ACABAMENTO E IMPRESSÃO
Greca, Artes Gráficas

TIRAGEM

750 exemplares
Maio 2021

DEPÓSITO LEGAL

????????????????????

Graça Fonseca
Ministra da Cultura

Ministério da Cultura

Américo Rodrigues
Diretor-Geral das Artes

Direção-Geral das Artes

Eduardo Vítor Rodrigues
Presidente da Câmara Municipal de Gaia

Patrocínio Azevedo
Vice-Presidente da Câmara Municipal de Gaia

Paula Carvalhal
Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Gaia

Hélder Ribeiro
Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Gaia

Serafim Silva
Câmara Municipal de Gaia

Filipe Oliveira
Câmara Municipal de Gaia

Manuela Garrido
Presidente do Conselho de Administração de Águas de Gaia, EM, SA

Miguel Lemos
Administrador Executivo de Águas de Gaia, EM, SA

José Luís Araújo
Vice-Presidente da Câmara Municipal de Gondomar

Carla Ferreira
Câmara Municipal de Gondomar

Ana Pinho
Presidente do Conselho de Administração da Fundação de Serralves

Fundação de Serralves

Reinaldo Pereira
Administrador do Restaurante Ernesto

Direção e Presidente da Mesa da Assembleia Geral de Artistas de Gaia – Cooperativa Cultural

Presidente da Câmara Municipal de Alfândega da Fé

Presidente da Câmara Municipal de Esposende

Presidente da Câmara Municipal de Gondomar

Presidente da Câmara Municipal de Monção

Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo

Presidente da Câmara Municipal de Vila Flor

Galeria Marca de Água – Funchal

Centro Cultural do Alto Minho

Museu das Caves Santa Marta

Jornal As artes entre as letras

Viarco – Indústria de lápis, Lda

Albuquerque Mendes

Paulo Neves

Álvaro Siza Vieira

Carlos Castanheira

Filipe Braga

Curadores das exposições:

Abílio Evaristo

Aida Borges

Ana Margarida Duque

António Franchini

António Rocha

Cipriano Oquiniame

Diogo Goes

Filipe Rodrigues

Humberto Nelson

Ilda Figueiredo

Jorge Braga

José Vieira

Manuel Marques da Cruz

Manuel de Novaes Cabral

Manuela Hobler

Miguel Sousa Pinto

Nassaleta Miranda

Nazaré Álvares

Paula Pinto

Ricardo de Campos

Valter Hugo Mãe



ORGANIZAÇÃO

ART///IS///TAS
G///A///I///A///
//////////////////// COOPERATIVA
CULTURAL C.R.L.

APOIOS INSTITUCIONAIS



APOIOS E PATROCINIOS



SERRAVES



